

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

DYRCE LACOMBE
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Gênero e ciência: carreira e institucionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica

Entrevistado – Dyrce Lacombe de Almeida (DA)

Entrevistadoras – Nara Azevedo (NA) e Bianca Antunes Cortes (BA)

Data – 30/03 a 06/05/2005

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 6h02min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ALMEIDA, Dyrce Lacombe de. *Dyrce Lacombe. Entrevista de história oral concedida ao projeto Gênero e ciência: carreira e profissionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 239p.

Data: 30/03/2005

Fita 1 – Lado A

NA – Hoje é dia 30 de março de 2005, e a gente está iniciando a entrevista com a dra. Dyrce Lacombe. (*ruído estranho na gravação*).

DA – “... se você for pra lá será ótimo”, porque eu e a dra. (*Lilian?*) nos dávamos muito bem. Então, eu vim pra cá para trabalhar com ela, fazer esse trabalho junto com ela. Aí, o dr. Arouca (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora já conhecia o Arouca?

DA – Conhecia (*ruído estranho na gravação*). Não me pergunte a data porque data eu não sei.

NA – Tá bom. Eu vou perguntar, mas, depois, se a senhora não souber, a senhora diz “não sei”, depois a gente vê.

DA – É, depois você vê, tá?

NA – Vamos começar pelo começo.

DA – Tá.

NA – A gente tá interessada em saber quando a senhora nasceu, onde a senhora nasceu, e... o que seu pai... qual era a ocupação do seu pai, da sua mãe, se a senhora teve irmãos, se eles trabalhavam, o que estudaram, (?) da sua família, uma... lembranças, assim, mais remotas da sua infância, onde a senhora estudou...

DA – Bem, eu posso te dizer é o seguinte, que eu nasci aqui no Rio, entendeu, ali em... ali no Rio, no Méier. Mas, depois, meu pai era chefe de estação, entendeu, então, ele foi mandado para (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Era (*falam ao mesmo tempo*) Rede Ferroviária?

DA – É, Rede Ferroviária. Ele foi mandado lá pra... espera aí... como era o nome... Palmira, Palmira, é Mendes, Mendes também, ele foi mandado lá (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) interior do Estado?

DA – É, no interior do Estado, onde... na estação, pra dirigir aquela estação. E mamãe era também funcionária da... ali da... Ah, meu Deus do céu!

NA – Central do Brasil?

DA – Não, ali do... da estrada de ferro, da estrada de ferro.

NA – Leopoldina?

DA – Não. Aquela (?), lá de baixo.

NA – (*Não sei?*).

DA – É, (*como é o nome daquela estrada?*)?

NA – Central do Brasil?

DA – É, ali na Avenida Brasil que fica.

NA – Na Avenida Brasil não, na Presidente Vargas.

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Então, Central do Brasil!

BA – Central do Brasil.

DA – Central do Brasil, pois é. Minha mãe trabalhava lá. E nós ficamos em Mendes, o meu pai, e minha mãe sempre vinha (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – E os dois eram funcionários da Rede Ferroviária?

DA – É, todos os dois, depois meu irmão também foi ser, (?). Mas, aí, eu fui criada praticamente no Interior.

NA – A senhora é a filha mais nova...?

DA – Sou.

NA - ... ou mais velha?

DA – Sou mais nova. Sou eu e meu irmão.

NA – São dois filhos?

DA – Só os dois. Então, fui praticamente criada no Interior, (*só?*). Fiz a minha... o meu colégio...

NA – Escola?

DA - ... no Interior...

NA – Em Mendes?

DA – Em Mendes. Depois de certo tempo...

NA – A senhora estudou na escola primária pública...?

DA – É.

NA - ... ou privada?

DA – Não, pública.

NA – Pública.

DA – E, depois de certo tempo, aí meu pai veio, desceu de novo, e é... com a família toda, (*novamente?*).

NA – Desceu. Quando que a senhora nasceu?

DA – 16 de março de 32.

NA – Acabou de fazer aniversário.

DA – É, acabei de fazer (*rindo*).

NA - Parabéns.

DA – Obrigada.

NA – 32?

DA – 32, 1932. Eu tenho atualmente 73 anos. Mas, aí, nós viemos. Mas, quando chegamos aqui, meus pais me colocaram num colégio público. Era um colégio... não sei, o público... não, o público foi lá. O daqui foi o secundário, que era... Marins e Barros, Colégio Marins e Barros, que até hoje tem o nome Marins e Barros, lá na Tijuca...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) Tijuca.

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*) na Tijuca.

NA – Vocês moravam na Tijuca?

DA – Não, nós fomos morar também no Méier, mas aí eu vinha. E lá, no Marins e Barros, nesse colégio, eu me apaixonei muito pela Ciência, sempre gostei de Ciências. E eu, modéstia à parte, eu sempre... eu adorava, ao invés de Matemática, Física, tudo isso, eu gostava muito de Ciências. E eu continuei...

NA – Biologia?

DA – Biologia. Depois, aí, tive um professor também muito bom, é Milton Santos, não sei se você conheceu, Milton (*falam ao mesmo tempo*) Santos.

NA – Milton Santos, é.

DA – Milton Santos...

BA – No Colégio Marins e Barros ele era (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – No (*Colégio Marins?*) (?), é, ele trabalhava lá, ele dava aula, era o meu professor. E ele gostou de mim, dessa minha maneira de ser. E aí, então, ele me deu muito apoio, que nós éramos muito pobres, muito pobres mesmo, então, ele nos dava apoio, me deu apoio. Me dava livro, me dava caderno, tudo isso, porque, se eu tirasse uma nota 10, (?) uma nota 9, no mínimo 9.

NA – Mas quem pagava essa escola?

DA – Hein?

NA – Como é que seu pai podia pagar escola?

DA – Meu pai não, minha mãe é que pagava, (*coitada?*). Mas era muito pouco porque, naquela época, nós já... (?) (*Marins e Barros?*) até... Eu acho que mamãe pagava... eu não sei se pagava ou deram de graça pra ela...

BA – Uma bolsa, quem sabe?

DA – É, uma bolsa.

BA – A senhora não sabe?

DA – Isso eu não me lembro, assim, eu sei que eu (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mas o que é que seu pai fazia na Rede mesmo?

DA – Ele era...

NA – Ele era... trabalhava no trem mesmo? Dirigia o trem?

DA – Não, na estação.

NA – Ele era funcionário administrativo?

DA – Era. Não, ele era um funcionário que ficava na estação e que despachava todas as coisas porque... de um lugar para outro, por exemplo.

BA – Nos trens?

DA – Nos trens que ele despacha, era despachante. Como era o nome desse troço? Eu não sei bem.

NA – Ele não chegou a fazer carreira na Rede? Ele não... assim, não tinha uma carreira que ele pudesse ganhar melhor, ocupar melhores posições?

DA – Não, não.

NA – Não?

DA – Acho que a carreira dele foi o (*máximo?*) quando ele começou a ser chefe da estação.

NA – Mas foi ser o chefe da estação?

DA – Foi chefe da estação.

NA – E a sua mãe como é que fez, ela ficou...

DA – A mamãe...

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*) (*Mendes?*)?

DA - ... a mamãe era... trabalhava no escritório, e, também, depois de certo tempo, foi (?) várias vezes (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Ela fez uma carreira...

DA – Fez uma carreira.

NA - ... (?) (*tinha uma carreira lá?*).

DA – É. Depois (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Eu trabalhei na Rede Ferroviária (*falam ao mesmo tempo*) (*rindo*).

DA – É?

NA – Só que não foi aqui, não, foi no Sul. Deixe eu lhe perguntar uma coisa. Quando eles foram pra Mendes, como é que ela arrumou colocação, lá na estação também?

DA – Não, não, ela não... ela foi... ela ia e voltava!

NA – Ah, ela não foi morar lá, não?

DA – Não, ela morava lá...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) vinha aqui.

DA - ... mas trabalhava aqui.

NA – Nossa!

DA – É.

NA - Todo dia ia e vinha?

DA – Todo dia!

BA – Ela trabalhava na Central (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Trabalhava na Central.

NA – Gente!

DA – E (*falam ao mesmo tempo*) todo dia...

NA – E quem cuidava da casa?

DA – Era uma preta, que me criou, chamada Erundina (*Verneck?*). Essa preta, pra mim, era minha mãe verdadeira porque foi ela que me criou, então...

NA – Ela que ficava com a senhora?

DA – Ela ficava comigo e com meu irmão também. Então, a gente ficava lá...

NA – E ela era de onde, lá de Mendes ou aqui do Rio, que a sua mãe levou?

DA – Não, ela era de Mendes.

NA - Sua mãe arrumou ela lá?

DA – Arrumou ela lá. E a (?), ela ficou o tempo todo, a vida inteira conosco. A mamãe passou privações tremendas, entendeu, e ela dizia assim: “Não precisa nem me pagar, eu fico (?) com a senhora.” Ficava com a mamãe sem receber um tostão, sem nada, entendeu, foi...

NA – (*Ainda?*) virou da família?

DA – Virou da família. E, pra mim, eu sempre disse, a Erundina é... Até hoje eu sinto uma falta dela tremenda! Já tem uns 10 anos que ela morreu, não é, mas... Facilmente eu esqueço a minha mãe verdadeira, mas dela não, jamais, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) ela esteve muito perto da senhora, né?

DA – É, sempre, sempre, sempre.

BA – Quando vocês foram para Mendes qual era a sua idade?

DA – Hein?

BA – A sua... A senhora era criancinha...

DA – É.

BA - ... ainda não estava na escola quando foi pra Mendes, a senhora?

DA – Não, ainda não. Eu passei... eu passei, desde pequenininha, entendeu, com a Dina, ela que me ensina. Aí, eu fui pra o colégio...

NA – Dina é a Erundina?

DA – Dina é...

NA – A Erundina?

DA – A Erundina. Então, meu irmão – é mais velho que eu – ia para o colégio, e aí, quando ela voltava, eu pegava os livros dele, todos, queria... Aí, a Dina não (??), começou a me ensinar alguma coisa pra eu aprender.

BA – Ela sabia ler?

DA – Não, ela era analfabeta, analfabeta, mas a força de vontade dela me pegava. Ela tinha um coisa tremenda. Até hoje na minha vida...

NA – A senhora lembra dela?

DA – É. O maior, fazendo uma pausa, a maior... uma coisa que eu sinto dela, entendeu, foi no dia que meu filho se casou – eu tenho um filho casado – e ele se casou, então, ela sempre comigo, o tempo todo, então, eu disse, meu filho chegou perto – porque foi ela que criou meu filho – meu filho disse pra ela: “Olha, você vai ser minha madrinha de casamento, vai subir no altar e vai ser minha madrinha. Eu quero você.” Ela disse: “Eu não!” Sabe como é que é preto, né? E ela tinha um medo danado, não sabia ler, nem escrever. “Não, não, não!” Ele disse: “Não, então, eu não caso. Eu só caso com você lá.” E aí, foi uma briga danada, que... agora não, mas, antigamente, a família da minha irmã, toda cheia de... era paulista, desculpe se vocês são paulistas...

NA – Não, não, não, é a sua nora, é a sua nora.

DA – É, minha nora. E todos cheios de coisa: “Não, um preto lá, (?)!” (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) um preconceito.

DA – Um preconceito. Aí, mas meu filho bateu feio. Eu peguei, disse: “Isso mesmo, é ela mesmo.” Aí, sabe o que eu fiz? Eu dei uma força tremenda à Dina. A Dina: “Não, eu não vou, eu nem sei...” “Vai.” “Eu não tenho roupa.” “Eu te dou roupa. “Não tenho isso, (?)...” “Te dou.” Botei a ‘nega’ mais bonita que se vê no mundo! Ah, mandei fazer um *tailleur* pra ela lindo!

NA – Que chique!

DA – Eu tenho até hoje isso, a fotografia. O *tailleur*... Botei a (?), o sapatinho, levei a ‘nega’ no cabeleireiro, mandei fazer um coisa, botaram um trocinho aqui, fiz a blusa de renda... Olha, mas isso foi feito já com raiva, sabe? (*risos*) Quando eu estou com raiva eu faço a coisa mais gostosa do mundo, mais... melhor possível. Então, aí, ela pegou, ela foi.

NA – Ela morreu com quantos anos?

DA – Ela devia ter seus 50 anos.

NA – Quando morreu?

DA – Foi, morreu nova ainda. Aí, deixa eu te contar.

BA – Mas era ainda menina então quando foi para a casa de sua mãe, era?

DA – Era, era uma garotinha! Devia ter, talvez, uns 12 anos, assim...

NA – Ela era criança.

DA – Era criança! Mas deixa eu te contar o episódio maior que foi no casamento. Aí, ela foi (*rindo*) (??) de qualquer jeito, e eu, cutucando ela, ela foi lá (?). Aí, o padre mandou... De um lado de cá estava eu, (?), e outros mais. Do lado de lá a família lá...

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... paulista. Tá. E, depois de terminar tudo, aí o padre vira e diz assim: “Bom, agora, eu gostaria... agora, eu vou escolher uma pessoa pra vir aqui escrever num livro, né... “ (??) escreve lá no livro pra (*coisa?*), né, pra (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*), é, (*uma?*) testemunha, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É, uma testemunha.

NA - ... testemunha.

DA – Aí, o padre (?) lá pra Dina – a Dina é praticamente do meu tamanho, ou menor (*ainda?*) – disse: “Senhora, venha cá.” A Dina ficou... de preta ficou branca. (*risos*)

NA – Não sabia escrever.

DA – É. (*rindo*) Depois que falou: “(?), se eu não sei escrever como é que eu vou fazer com uma (*coisa?*)... Eu disse: “Não, vai sim.” “(???)?” “Não vai dizer nada. Você vai lá e vai escrever seu nome.” Eu tinha ensinado a ela a fazer (?), a escrever o nome dela, pelo menos. Aí, disse assim: “Vai lá e escreve o seu nome, só.” E o padre: “Vem, minha filha, (??). Pode levar o tempo todo, não tem problema, não.” Aí, (??) assim: “Vai!” E ela (?), a ‘nega’ foi. Chegou lá... Eu tenho até a fotografia dela... (*rindo*)

NA – Assinando o livro de testemunhas?

DA – É, de testemunhas, (*me lembro?*). Ah, mas eu vou te contar. O meu filho morria de rir (*rindo*), o pessoal de São Paulo (?) – fui danada da vida, né? – e ele: “(??).”

NA – Onde é que foi o casamento?

DA – Foi ali, na Marins e Barros, naquela igreja da Marins e Barros.

NA – Sei, sei.

DA – Mas (?), essa foi a minha melhor parte dela, foi essa. Depois, não, depois até eles se adaptaram, tudo direitinho, não houve problema nenhum...

NA – Ela morou com a senhora até morrer?

DA – Até morrer ela morou comigo, sempre morou comigo. E ela... ela era... aqui... é Deus no céu e ela na terra (??).

NA – Vamos voltar um pouquinho. Mas a senhora estava falando que...

BA – A (?) vinha, e aí vocês ficavam (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ficavam lá, com ela...

DA – Com ela.

NA - ... e a sua mãe trabalhando, e tal, não é?

DA – É.

NA – E voltaram para o Rio?

DA – E voltava.

NA – Eu perguntei quem é que pagava a escola se... A senhora disse que o seu pai e a sua mãe eram pessoas que não tinham condições financeiras para pagar. A senhora não...

DA – Não, lá era escola pública.

NA – Não, mas aqui, no Rio.

DA – Eu não sei como é que eles fizeram.

NA – Vai ver que essa escola aqui era pública também, hein?

DA – É, a Marins e Barros, eu acho que... não sei se era pública, eu não sei, não.

NA – Depois a gente vê. Chama-se Escola Marins e Barros?

DA – É, Escola Marins e Barros.

NA – (*Então, vamos?*) (?). Aí, a senhora... Milton Santos...

DA – Milton Santos foi quem me ajudou o tempo todo.

NA – Ele lhe dava cadernos, (?) falou...

DA – É, ele dava tudo.

NA - ... ele (*falam ao mesmo tempo*) (?), né?

DA – É.

NA – Mas porque ele via o interesse da senhora em Ciências?

DA – Via. E ele é... Eu me lembro que nós fizemos... eles fizeram uma reportagem num jornal – eu tinha até hoje – vendendo relógio, e eu me candidatei, lógico, e ganhei. Então, eu ganhei, e ele que dava o relógio pra mim, uma coisa assim.

BA – Reportagem pra venda de relógios?

DA – É, pra venda de relógio. Isso eu tenho, tá... infelizmente tá tudo lá em casa. Outro dia eu estava lendo esse, até a entrega do prêmio (???). Mas isso foi o início. E ele me deu muito apoio nas minhas pesquisas, no meu trabalho, inclusive para entrar para o Instituto Oswaldo Cruz.

NA– Mas isso...?

DA – Ele era do Museu Nacional.

NA - ... era curso secundário?

BA – É, Museu Nacional.

DA – Museu Nacional.

NA – Esse é secundário, é um cursos secundário?

BA – Ele foi seu professor na... no Ginásio?

NA – No Científico?

DA – No Científico.

NA – No Científico?

DA – No Científico.

NA – Era Científico isso?

DA – Era, Científico. Aí, depois, eu peguei... eu estudava com ele para fazer concurso pra faculdade. Então, ele começou... Estudava comigo sabe onde? (*rindo*) Num boteco vagabundo. A gente ia pra lá, ele começava a me dar aulas, aula de Ciências, aulas de outras matérias também. Eu sei que quando eu passei, eu passei... Que ele era professor também da UERJ. Aí, eu passei pra a UERJ e passei pra a Nacional.

BA – Que era o Instituto Lafaiete?

DA – É. Aí...

NA – Não, assim...

DA – Era, antigamente era o antigo...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) História Natural, Instituto Lafaiete. Ele era professor de lá, né?

DA – Era.

NA – Ah, UERJ depois?

BA – É.

NA – Quando (?) pensei que já era UERJ. Não era época da UERJ ainda?

BA – Não, era Lafaiete.

NA – Era o Lafaiete? Ah, tá.

DA – Aí, eu fui, passei pelos dois (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Passou para a (?) e para Lafaiete?

DA – É. Aí, eu queria ir para o Lafaiete, (*falam ao mesmo tempo*)...

?? – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... (*ele estava lá?*). Mas, ele disse: “Não, você vai é para a Nacional” Por que Nacional, né? Lafaiete pagava, né?

NA – É, era paga.

DA – Ele disse: “Não, você vai pra Nacional.” “Ah, não vou!” “Vai, vai!” Vai, e eu fui pra Nacional. E assim (*me formei?*), né? Mas ele (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Faculdade Nacional de Filosofia, que ficava onde?

BA – Antônio Carlos?

DA – Lá embaixo, na Cidade, é, (*Antônio Carlos?*).

NA – Antônio Carlos.

BA – Avenida Antônio Carlos?

DA – Avenida Antônio Carlos. Era pegado àquele...

BA – Maison de France?

DA – É, Maison de France, (*exato?*). E lá eu fiz o curso.

NA – Curso de História Natural?

DA – É.

BA – Mas a senhora estava contando pra gente que foi fazer a escola na Marins e Barros.

DA – Sim.

BA – A senhora não pensou em fazer Normal, em Clássico, a senhora quis ir para o Científico?

DA – Quis ir para (*falam ao mesmo tempo*).

BA – Mas no Ginásio a senhora já tinha disciplinas de Ciência, Biologia...

DA – Tinha, tinha um pouquinho de Ciências, corpo humano, essas coisas, né?

BA – E tinha algum professor dessa disciplina que lhe chamasse a atenção?

DA – Não, não.

BA – Mas a senhora já gostava?

DA – Mas eu gostava desse... Quando cheguei lá no Científico eu fiquei mais entusiasmada, e o Milton viu isso e aproveitou aquele meu entusiasmo.

BA – E o Científico era na Marins e Barros, ou já era outra escola?

DA – Não, era em outra escola. Agora eu... Qual escola que era? Ah, era ali, aqui na... (*Arte e Instrução?*).

BA – Sei, (??).

DA – É.

BA – Cascadura.

DA – É, (??), eu estudei lá, na (?), (*falam ao mesmo tempo*).

BA – Não, não, é privado.

DA – É...

NA – É privado?

DA - ... (?) que é, né?

BA – É privado.

DA – É privado.

NA – E o seu pai e a sua mãe lhe incentivavam a estudar?

DA – Olha, minha mãe sempre me incentivou. Meu pai não ligava muito. Sabe como é que é homem, né? Quer estudar, estuda, não quer estudar, não estuda...

NA – Ah, é? Ele era assim?

DA – É.

NA – Mas em relação ao filho também?

DA – Ao filho também. Mas meu irmão não seguiu carreira. Ele era um... poderia ter sido... que meu irmão (*gosta?*) de fazer projetos enormes, (*bonita?*), cada planta linda que ele faz. Mas ele (???), (???)...

NA – Ele não fez universidade?

DA – Não, não fez universidade, não fez (*nada?*).

BA – Ele foi trabalhar na Rede Ferroviária?

DA – Foi. De lá se aposentou, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Sim, sim.

BA – Agora, sua mãe lia e escrevia, né?

DA – Ah, minha mãe (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Ela trabalhava no escritório da...

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*) (*escritório?*).

BA – O que ela estudou?

DA – Olha... O que ela estudou?

BA – É.

NA – Até onde ela estudou?

DA – Eu não sei te dizer, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Ela era do Rio?

DA – Ela era do Rio.

NA – Os pais dela eram o quê? Lembra deles?

DA – Ih, não!

BA – Não, não lembra (?)?

NA – Por quê?

DA – Os pais dela, da minha mãe?

NA – A senhora conheceu?

BA – Da sua mãe, dos seus avós.

DA – Meu avô?

BA – É!

NA – A senhora conheceu?

DA – Meu avô...

NA – Materno?

DA – É.

NA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – (*falam ao mesmo tempo*) a família Lacombe.

NA – Pois é, como era o nome da sua mãe?

DA – Maria da Cunha Lacombe.

NA – Ela era Lacombe?

DA – Ela era.

NA – E o seu pai?

DA – Luís Lacombe. Ele era...

BA – Eles eram primos?

DA – Não, não.

BA – Ele era o Lacombe?

DA – Ele era o Lacombe, e ela tomou o nome dele, que era Maria da Cunha Lacombe.

NA – E ela é Cunha? É, o Cunha é do pai dela?

DA – É.

NA – O que é que o pai dela fazia, a senhora sabe?

DA – O pai da mamãe? Eu não sei se ele era... Não sei, não vou te dizer o que ele fazia, tá muito longe da minha (?) (*rindo*) (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... (*cabecinha?*).

BA – Mas a família Lacombe era importante, né?

DA – É.

NA – É, (*falam ao mesmo tempo*) família (*falam ao mesmo tempo*)...

?? – (*falam ao mesmo tempo*)

NA - ... do pai dela.

DA – É do meu pai.

NA – Do seu pai.

BA – Do pai dela.

NA – E o pai do seu pai fazia o quê? A senhora lembra, não?

DA – Também não lembro. Eu sei que era uma família, realmente, que veio da França.

NA – Uma família (?).

DA – É, veio da França. Tinha muitos irmão, meu pai tinha muitos irmãos. E ele, modéstia à parte, bonito, lindo! Eu tinha um tio que era moreno de olhos verdes.

NA – Dessa parte da família a senhora lembra?

DA – Dessa parte eu me lembro.

NA – A senhora convivia com eles?

DA – Convivia assim, né...

NA – Um pouco?

DA - ... um pouco. Eles iam lá em casa, eles conversavam, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Eu era garotinha ainda.

NA – Tem uma escola muito famosa, (*do estado?*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA - ... que chama-se Jacobina Lacombe...

DA – Jacobina Lacombe.

NA - ... que era... foi fundada por umas... umas delas, as Jacobina Lacombe, eram duas irmãs. Provavelmente tem um ramo dessa família que é (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É.

NA - ... são elas e o seu pai, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Tem...

NA - ... disso, né?

DA - ... tem, são meus primos, digamos, primos em segundo ou terceiro grau, não sei o que são.

NA – Ah, é. Mas essa escola é dos anos 10, por aí, 15...

DA – É?

NA - ... 1915, isso (*antes da senhora nascer?*), evidente, né? Elas eram mais velhas que a senhora.

DA – Ah, é. A família Lacombe realmente é muito grande. Da família toda eu me lembro muito é de um primo meu...

NA – Roberto Lacombe?

DA - ... que até hoje nós trocamos de telefone...

NA – Sei, eu sei (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... a gente vai um na casa do outro, nós somos muito amigos. Ele que vem (??) (*quase sempre?*). Agora, o resto da família Lacombe eu só sei que... eu só conhecia quando morria alguém, que meu pai dizia assim: “Ó, fulano, essa aqui é minha filha.” (*rindo*) Aí é que eu conhecia, do contrário...

NA – Não tinha uma convivência assim...?

DA – Não, não tínhamos uma convivência tão grande.

BA – Mas seu pai também lia e escrevia, né?

DA – Ah, meu pai lia e escrevia, e era uma coisa! Até hoje não sei por que é que meu pai não editou um livro, ele escrevia demais! Escrevia, escrevia...

NA – Mas não nesse sentido, não havia estudado?

DA – Não, não se metia, digamos, com os (?).

NA – Mas achava o quê, que a senhora devia casar, qualquer coisa (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não, não.

NA – Nada disso?

DA – Não, nada disso.

NA – Também não?

DA – Também não. Ele era muito egocêntrico (*rindo*).

NA – A senhora tinha uma boa relação com ele?

DA – Tinha, ao contrário, eu era “os quindins” dele.

NA – (?) (*filha mais nova?*).

DA – Já o meu irmão era “os quindins” da minha mãe. (*rindo*)

NA – Ah, sei. Mas, na verdade, foi ela quem lhe incentivou a estudar?

DA – É. Agora, o que me levou mais a estudar Ciências foi o Milton Santos.

NA – Sei, foi (?) com essa escola onde ele dava aula.

DA – É, ele que me incentivou.

BA – Que era no Arte e Instrução, né?

NA – No Arte e Instrução.

DA – É, lá no Arte e Instrução... Não, era no Marins e Barros. No Arte e Instrução tinha um outro professor de Ciência que gostava muito de mim também... como era o nome dele... e que é... foi professor do Milton.

?? – Nossa!

DA – Ele era professor do Milton, foi professor dele, e aí, foi meu professor também. Mas ele era espetacular. E, nesse tempo, nós tínhamos uma casa em Sepetiba, e lá em Sepetiba... ele morava lá. Aí ele (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Milton Santos morava lá?

DA – Milton Santos não...

NA – O professor dele.

BA – O professor dele.

DA - ... o professor dele.

NA – O professor do Milton Santos.

DA – Aí, ele vinha, esse professor, nós íamos pra praia, e ele então pegava os bichos, minha mãe me ensinava: “Olha, esse é assim, é assado, tal...”, me dava aulas de Biologia assim.

NA – Na praia?

DA – Na praia. E o Milton Santos, depois, quando ele faleceu, antes de ele falecer, eu entrei pra o Museu Nacional... eu sei que o Milton... foi aí que eu soube que ele era professor... que tinha sido professor do Milton...

NA – Mas ele não era pesquisador de nenhuma instituição dessas (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não, não.

NA – Era um professor secundário...?

DA – Era professor (*falam ao mesmo tempo*).

NA – ... professor das escolas secundárias?

DA – Ele ensinou ao Milton a Biologia dos animais marinhos como ensinou a mim também.

NA – Sim entendi. A senhora não lembra o nome dele, não, né?

DA – O nome dele eu não me lembro, isso já...

NA – Bom, mas então, voltando lá, a senhora...

DA – Ele era da... como se diz... do Arte e Instrução.

NA – Arte e Instrução.

DA – Arte e Instrução.

NA - Mas, voltando, mas a senhora se preparou para o vestibular com o Milton Santos...

DA – Com o Milton Santos.

NA - ... lá no botequim que a senhora falou, e...

DA – É, exato. Ele ia dar aula de Genética no botequim. Nunca esqueci isso! Ele pegava os... acho que eram xícaras e copos, (?): “Olha, isso é o gen dominante, o gen recessivo, o gen...”
(*rindo*)

NA – Ele usava os copos pra mostrar como é que o...

BA – (?) um com cerveja, outro sem cerveja... (*rindo*)

DA – É, o Milton era espetacular, um notável, sempre foi muito bom! Depois...

NA – A senhora fez a Nacional. E aí?

DA – Aí, eu fiz a Nacional.

NA – Em que ano que a senhora entrou na Nacional, está lembrada?

DA – (??) (*rindo*). Data, minha filha, eu não...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) o ano que a senhora entrou e o ano que a senhora saiu?

BA – Sua formatura?

DA – Eu não sei...

BA – Quando foi sua formatura?

DA – Eu não sei.

NA – Aí, a gente...

BA – (?) foi da turma da Marta Barbosa?

DA – Ah!

BA – Não foi?

DA – Foi.

BA – É, (?) fotos de formatura...

NA – Elas estão juntas? Ah, a senhora aparece nas fotos com ela, com a Marta?

DA – Com a Marta, é.

NA – A gente entrevistou ela, é (*rindo*).

DA – Aqui tem (??) (*ruído*), (*vamos lá?*).

NA – (?) (*ver?*)? Em que ano que a senhora ingressou na universidade?

DA – (*inaudível*) em 1954.

NA – Terminou em 54?

DA – Terminei.

NA – Bacharel...

BA – (51?) a 54.

DA – É.

NA - ... e licenciada em História Natural em 1954, é. Quer dizer que entrou em 50.

BA – (51?) a 54.

DA – Curso de... é fiz o curso (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Eram 4 anos ou 3 anos?

DA - Eram 3 anos.

BA – (?) 51.

NA – É

DA – Extensão... Eu fiz o curso (?), o curso de extensão universitária em Zoologia. Já era do Museu Nacional.

NA – Em 50.

DA – Em 50.

NA – Ah, antes de fazer o vestibular!

DA – É.

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não queriam me aceitar por causa disso!

NA - ... em Zoologia. Por que é que não queriam aceitar?

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*)?

NA – (*falam ao mesmo tempo*) (*extensão?*). (*Dyrce ri*)

DA – Mas aí, o Milton (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mas ele (??) para a senhora poder estudar para fazer vestibular, (*claro?*).

DA – Pois é, é, mais aí ele foi contra todo mundo lá, todo mundo brigou com ele por causa disso. Como também no Instituto Oswaldo Cruz, quando eu entrei pra o Instituto, teve um... o Instituto estava fazendo aquele curso de Entomologia, com o Rodolfo (*Barth?*), com o Barth. Mas o diretor do Instituto era Olívio da Fonseca. Aí, eu (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É nessa época aí.

DA - ... aí, eu era do Museu Nacional. Então, eu disse para o Milton: “Milton, vou fazer esse curso de Entomologia no Instituto Oswaldo Cruz.” Ele falou assim: “Vai, minha filha.” Ele sempre me dava apoio. Aí, eu fui pra o Instituto. Quando... aí, eu (?) saber e tal, aí, a (??) assim: “Nível universitário”. Eu disse: “Eu não tenho. “Não tem, não vai fazer, não pode.” (*risos*) Mas aí, eu disse: “Mas eu quero fazer!” E aí foi uma briga danada dentro do Instituto. Aí, eu: “Não, porque eu quero...” Aí, chamaram o dr. (*Olímpio?*). O dr. (*Olímpio?*) veio: “Que foi, minha filha?” Eu disse: “Eu quero fazer o curso de Entomologia, e não querem deixar eu fazer o curso porque eu não sou da faculdade!” Aí: “Mas não pode.” “Não, não pode, não! Eu quero e vou fazer!” Aí, comecei a brigar lá dentro. Aí, dr. Olímpio, pegou, disse assim: “Então nós vamos fazer uma coisa: você vai fazer o curso, e, se você não passar... enquanto você faz o curso você faz a faculdade, agora, se você não passar na faculdade...”

?? – (*falam ao mesmo tempo*)

DA – “... acabou, tá?” (??): “Tá.” Aí, eu saí de lá toda contente, eu ia fazer o curso. Aí... Eu ia fazer o curso com o Barth. Aí, eu (*olhei?*) lá para o Barth, do lado do Barth era o Costa Lima, trabalhava o Costa Lima. Aí, eu peguei, disse assim, eu disse pra o Barth: “Esse é o Costa Lima, é?” Aí, o Barth: “É.” Eu disse: “Ah, eu queria tanto que ele (?), se ele me desse

os livros dele, aquela série de livros de Entomologia.” Aí, o Barth disse assim, naquele Alemão (*rindo*), né, na língua dele: “Bom, vai lá, fala com ele!” “Então eu vou.” Aí, eu saí de lá do Barth, saí de uma sala, entrei na outra. A outra era do Costa Lima. Trabalhava com ele um técnico que era... como é o nome do técnico... muito bom, Orlando, é.

NA – Isso, eu conheci.

DA – Conheceu?

NA – Conheci.

DA – Orlando mora aqui perto da gente.

NA – Ah, é?

DA – É. Aí...

NA – Ele está bem?

DA – Está bem.

NA – Quando eu cheguei no Instituto, (*lá?*), na Fundação, ele estava lá ainda.

DA – Estava lá ainda? (*interrupção na fita*)

Fita 1 – Lado B

DA - ... disse assim: “Escuta, eu quero saber uma coisa, será que o senhor pode me dar seus livros?” Com a cara e a coragem. Ele olhou pra mim, assim. “(*Aquele?*), (?) que o senhor está editando uma porção, se já está na série acho que 5 ou 6, não sei qual?” Aí, ele olhou pra minha cara, disse assim: “Você é universitária?” Eu disse: “Não, não sou (?). Vou fazer o curso de Entomologia agora.” Ele pegou, disse: “Tá bem. Então, vamos fazer uma coisa? Primeiro, você faça o curso de Entomologia, faz a faculdade. Quando você terminar a faculdade, terminar o curso, você vem aqui que eu te dou o livro.” (*risos*) Eu disse: “Tá bom.” “Tá combinado?” “Tá combinado.”

NA – E a senhora conheceu ele de onde?

DA – Quem?

NA – Já tinha ouvido falar do Costa Lima por quê? Já tinha lido as coisas dele, (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA – Não, é por causa do... que ele trabalhava do lado do Barth.

NA – Sim, mas onde é que a senhora... Sim, mas (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Eu sabia.

NA - ... conhecia o Costa Lima?

BA – Os livros dele?

DA – Ah, eu conhecia (*os livros dele?*).

NA – Por quê? Quem tinha lhe falado dele? (*toque de celular*) (*Dyrce atende*) (*pausa na gravação*) O que eu estava lhe perguntando era...

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA - ... como é que a senhora sabia Costa Lima, a senhora não era nem estudante universitária! Onde é que a senhora tinha lido coisas sobre ele?

DA – Não, porque...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) (?) e (*tal?*).

DA – Durante a época que eu estava no Museu Nacional com o Milton Santos...

NA – Ah, junto com o Milton?

DA - ... eu via (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) falando dele.

DA – Eu gostava sempre de... Tudo que era de Entomologia eu: *vupt*, pegava, e sabia que tinha uma pessoa que escreveu alguns livros sobre Entomologia, chamava-se Costa Lima. Quando eu fui lá para o Instituto...

NA – A senhora viu que ele estava lá.

DA – Eu vi.

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*) é aquele ali. (*risos*) Aí, pronto, aí, eu fui pra lá. Aí, fiz essa proposta (*falam ao mesmo tempo*):

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – “Tá bom, OK.” Eu disse pra ele: “Tá bem, você tem direito. (*Tá bom?*) pode (?), mas eu vou cobrar, hein!” Olha, minha filha, a primeira coisa que eu fiz quando eu terminei a faculdade foi ir no Instituto, entrar naquela sala dele, e dizer assim: “Vim aqui cobrar os

livros.” Ele disse: “O quê?” “Ah, o senhor se esqueceu, mas eu não. Eu quero todos os livros aqui.” E ele me deu todos eles, todos os livros dele. Eu era danada, eu sou boa cobradora nesses troços.

NA – Mas aí, vem cá, aí, voltando, a senhora fez o curso de extensão no Museu Nacional...

DA – É exato.

NA - ... com o Milton Santos.

DA – Com o Milton Santos.

NA – Ao mesmo tempo... Foi ao mesmo tempo? Sim, foi para o Instituto Oswaldo Cruz com o Rodolfo Bastos...

DA – Foi, com o Rodolfo Bastos.

NA - ... fazer o curso...

DA – Fazer o curso (*falam ao mesmo tempo*).

NA - ... de Entomologia também. Eram dois cursos então?

DA – Aí eu fui convidada pelo Barth pra trabalhar lá.

NA – Antes de entrar na faculdade, não, (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não, depois que eu terminei.

NA – Ah, depois que terminou.

DA – Aí, pra trabalhar lá, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas enquanto a senhora estava na faculdade a senhora frequentava o Instituto?

DA – Frequentava.

NA – Lá, com o Rodolfo (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – E quem me dava dinheiro para frequentar (*eram eles?*) (*rindo*).

NA – O Barth?

DA – Não, o Barth não, era o dr. Olímpio, me deu uma bolsa de um real. Nunca esqueci disso. E eu peguei esse um real e (?) ela pra todo mês pra eu poder ir lá na faculdade. Foi o Olímpio da Fonseca que me ajudou a (?) (*lá?*), entendeu?

NA – Mas trabalhando junto com o Barth?

DA – Trabalhando junto com o Barth. Eu sempre trabalhei lá com o Barth.

NA – Foi, com o Barth.

DA – Nunca trabalhei com (*ninguém?*) (*falam ao mesmo tempo*).

NA – O que é que a senhora começou a fazer com ele lá?

DA – Nós... Ele é (?), né, então, comecei a trabalhar em Histologia com ele, aí, ver o (*bichinho?*) por dentro, fazer a (?), e olhava por dentro. E aí, fui indo, comecei a publicar trabalhos, já havia trabalhos (?), entendeu? E ele me ensinando a fazer colorações, tipos de colorações, tipos de fixações, e todas as coisas, todas as técnicas, eu trabalhei com ele.

NA – Isso tudo... Mas vamos falar do Instituto Oswaldo Cruz depois, né, porque isso tem a ver com o Lauro Travassos, que era onde ele trabalhava.

DA – Tem.

NA – Depois a gente fala do Lauro. Vamos voltar lá para a Faculdade de Filosofia. O que é que a senhora tem assim, mais... uma boa lembrança da própria faculdade? Ou a faculdade não foi importante para a sua formação?

DA – Não, eu acho que a faculdade só foi importante como se fosse uma... um degrau para eu chegar lá no Instituto, onde eu cheguei. Mas...

NA – Mas a senhora não leva, assim... O que é que a senhora aprendeu?

BA – Lembra de algum professor importante...?

NA – É, (*falam ao mesmo tempo*).

BA - ... ou disciplina...?

DA – E lá nós tínhamos um professor de Genética muito bom, que já morreu, que era... como era o nome dele... Era um professor de Genética.

BA – A (*Chana?*) (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA – A Chana era assistente dele, a Chana.

BA – (???)?

DA – É...

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... era assistente dele. E um professor de Geologia que eu gostava muito, de Geologia, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)? (*falam ao mesmo tempo*) dele?

DA – É.

BA – Tomás Coelho não?

DA – Não, não era...

BA - Tomás Coelho era (?).

DA – Mas é mais ou menos... é...

BA – Aquiles...

DA – Esqueci o nome dele. Ele me dava aula de Geologia. E eu gostava muito é da parte de fósseis, entendeu, então, trabalhava muito com a parte de fósseis, eu gostava, mas não gostava tanto pra (?) abandonar os meus bichos, não, que eu gostava mais de Entomologia... Porque eu continuava com o Milton. O Milton exercia aquela...

BA – Influência (*falam ao mesmo tempo*).

NA – A senhora ia para o Museu Nacional todo dia, toda semana...?

DA – Eu ia.

NA - ... como é que era, como é que era? A senhora tinha um emprego no Museu Nacional, não?

DA – Não, não tinha emprego (*nenhum?*).

NA – Era de graça isso?

DA – Era de graça. Aí, eu fiz, entrei no curso... um concurso lá no Museu Nacional, eu fiz um concurso do (*DASP?*). Como que é o nome (?) (*curso?*)? Deixe eu ver se tem aqui.

BA – Antes ou depois da faculdade?

DA – Não, foi depois da faculdade.

BA – Depois da faculdade.

DA – Foi um curso de...

NA – Concurso.

DA – (*inaudível*) concurso... (*esqueci?*), sei lá, tem que ver aqui...

NA – depois a gente vê.

DA – É. Um concurso...

BA – Para cargo técnico ou...

DA – Não, não...

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*) pesquisador?

DA – ... pra pesquisador.

BA – Zoólogo...?

DA – Zoólogo. Aí, eu entrei como zoólogo no Museu Nacional, e fui trabalhar com o Milton, fiquei lá com o Milton. Aí...

BA – Logo depois da faculdade?

DA – É, logo depois da faculdade. Aí, o diretor lá do Museu Nacional, José Cândido Melo Carvalho, que sempre foi meu amigo também, me puxava pra lá, e o outro me puxava pra cá, entendeu, os dois. Mas eu acabei ficando com o Milton. Mas, depois desse troço todo, aí, eu resolvi ir para o Instituto Oswaldo Cruz, que eu gostava mais do Instituto (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Por quê?

DA - ... Museu Nacional.

NA – Por quê?

DA – Não sei, era uma questão que eu sempre gostei mais do Instituto do que do Museu Nacional.

BA – Do ambiente de trabalho, das pessoas...?

DA – Não, não, o ambiente de trabalho do Museu Nacional é muito bom, entendeu, e a... É porque eu trabalhando com (?) eu estava trabalhando com Histologia (*lá?*). Não tem Histologia Museu Nacional, não tem. E...

NA – No Museu que tipo de trabalho que era, lá com o Milton?

DA – Com o Milton era mais Sistemática. Aí, ele mesmo dizia pra mim: “Dyrce, teu caminho não é aqui no Museu Nacional. Tua vida é lá no Instituto Oswaldo Cruz, perto do (*Barth?*), que faz exatamente Histologia.”

BA – Ele e o (*Barth?*) se conheciam...?

DA – Se conheciam.

BA - ... (*se freqüentavam?*)...?

DA – É, os dois se conheciam.

NA – É, mas vem cá, o Milton fazia Sistemática de quê?

DA – De libélulas, quer dizer, (*godonatas?*).

NA – Mas não tinha nada a ver com o (*Barth?*) mesmo, né?

DA – Não, não tinha nada..

NA – Nem colaboração nem nada?

DA – Nada disso, porque o (*Barth?*) fazia Histologia, fazia Anatomia, Histologia e Entomologia...

?? – (*inaudível*)

DA - ... dentro da Entomologia.

NA – É, dentro da Entomologia. E tinha alguma linha de pesquisa dele, específica, do (*Barth?*)?

DA – Não, nós tínhamos um trabalho que era só... que ele fazia a linha de Anatomia e Histologia...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... de barbeiro, só barbeiro.

NA – Ah, isso que eu ia lhe perguntar.

DA – Então, ele trabalhava muito na parte de barbeiros.

NA – Chagas?

DA – Chagas, é.

NA – Aplicada à Chagas, não, né?

DA – Hein?

NA – Aplicada à Doença de Chagas, não? (?) não trabalha com (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não, não.

NA - ... Chagas?

DA – Com ele foi trabalho somente em animais sadios, sem Doença de Chagas.

NA – Sim, sem Doença de Chagas.

DA – Que o (*Barth?*) jamais quis que eu trabalhasse num animal infectado, não queria me ver (?). ‘Tadinho’, morreu, eu *puft*, peguei (*rindo*) logo pra trabalhar em Doença de Chagas, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ah, a senhora trabalhou com Chagas?

DA – Trabalhei e muito.

NA – (*Mas a senhora só trabalhava?*) com esquistossomose!

DA – Hein?

NA – Esquistossomose.

DA – Não, esquistossomose não.

NA – Chagas, foi Chagas? Por que é que ele não queria que a senhora trabalhasse com animal infectado?

DA – Porque ele achava que eu poderia pegar a Doença de Chagas, e ele não queria que eu corresse esse risco.

NA – Mas era a senhora, especificamente, ou o laboratório dele?

DA – Não...

NA – Tinha gente lá no laboratório que trabalhava?

DA – Não, ninguém trabalhava.

NA – Ninguém?

DA – Ninguém, (*principalmente?*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) medida de segurança.

DA – Quem trabalhava com o (*Barth?*) era somente eu.

BA – Não tinha mais ninguém no laboratório dele?

DA – Mais ninguém que trabalhasse com ele, (*só?*) (?).

NA – Por quê?

DA – Não, porque o (*Barth?*) era uma pessoa muito boa, mas, como todo alemão, ele gosta que você trabalhe. Ele não quer que você fale com um ou com outro, entendeu? Ele achava que eu igual o microscópio dele, somente dele, acabou. (*risos*)

NA – A senhora era assistente dele, era como o microscópio dele?

DA – Exatamente! Eu não podia conversar com ninguém, não. Ele não dizia pra mim: “Não converse.” Não, em absoluto, mas você sentia. Quando chegava perto assim: aquela cara amarrada.

NA – Nem com a senhora ele conversava?

DA – Não, comigo ele conversava, falava bastante, era muito alegre. Agora, quando ele foi para a Marinha, trabalhava na Marinha, o laboratório era grande, e tinha várias pessoas que trabalhavam com ele lá na Marinha, e eu fui também pra lá, para a Marinha, trabalhar.

NA – Que laboratório? Era laboratório... Como é que chamava?

DA – Laboratório de Biologia Marinha.

NA – Da Marinha, né?

DA – Da Marinha.

NA – Fica onde, hein? Eu já ouvi falar desse laboratório, eu esqueci agora.

DA – Ah, (*falam ao mesmo tempo*) espetacular.

NA – Ah, é um laboratório enorme, né?

DA – É, enorme.

NA – Ficava onde?

DA – Ali no... na Ilha do Governador, logo naquela... como é... (?) não, (*inaudível*), logo que entra na Ilha, naquela parte alta até do (*laboratório?*).

NA – Sei. (?) ele foi pra lá quando?

DA – Ah, eu fui pra lá muito tempo. Foi o Paulo Moreira que levou ele, depois levou a mim também.

NA – E vocês faziam o que lá?

DA – Lá eu fazia cracas, a minha especialidade mesmo, cracas (*rindo*).

NA – É (*falam ao mesmo tempo*)?

BA – Já estava com cracas, naquela época (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não, lá eu peguei o amor pela craca. Aqui eu peguei o amor pela Histologia, entendeu, e lá eu peguei o amor pelas cracas.

NA – Por quê?

DA – Não sei, só eu mostrando pra vocês, que eu tenho aqui todo o material de cracas.

NA – Mas a senhora chegou lá e já tinha alguém trabalhando com cracas lá?

DA – Não, nunca ninguém trabalhou em craca.

NA – A senhora que inventou as cracas, “Ah, vou trabalhar com isso”?

DA – Não, não. Eu trabalhei com cracas lá porque, quando eu entrei, o almirante me chamou e disse assim: “Olha, nós estamos com um problema muito grande de incrustação e corrosão biológica na Ponte Rio – Niterói, que não era nem feita, ia fazer. Aí, (*Barth?*), que era o chefe do laboratório, me chamou: “Dyrce, o que é que a gente vai fazer?” Eu disse: “É, estudar os animais que fazem a incrustação e corrosão.” “É?” “É.” “Então, vamos estudar. Você estuda isso, eu vou estudar plâncton.” Eu disse: “Tá bom.” Então, enquanto ele foi estudar a parte de plânctons, eu comecei a estudar a parte de incrustação e corrosão nos pilares da ponte.

NA – Mas como, não tinha ponte ainda?

BA – Tinha a fundação.

DA – (*falam ao mesmo tempo*) fundação toda, não, os pilares da ponte toda. Mas aí as cracas dão em qualquer lugar, entendeu?

NA – Sim, em qualquer lugar, é, é.

DA – Aí, comecei a estudar. E lá estavam fazendo a Ponte Rio – Niterói, e estavam precisando de alguém.

BA – *(falam ao mesmo tempo) (isso?)*.

NA – É década de 60, não é?

DA – É. E estavam precisando de alguém pra estudar aquela... O que eles faziam, *plaft*, já caiu tudo, desabava. Morreu gente à beça naquela Ponte Rio – Niterói por isso. Aí, fui chamada. Então, comecei a fazer a parte de incrustação (?). Depois veio lá de fora, também, convite, tudo, sobre isso, tal. Aí, eu me mandei, fui lá fora fazer isso *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – *(falam ao mesmo tempo) (ouvi falar?) (??)*.

DA – Tá.

NA – É, (?) *(falam ao mesmo tempo)*...

BA – Mas essa ainda pra Marinha era colaboração do Instituto com *(falam ao mesmo tempo)*?

DA – É, colaboração.

NA – É isso *(falam ao mesmo tempo)*...

DA - Do Instituto com a Marinha.

BA – Não é um novo contrato, *(falam ao mesmo tempo)*...?

DA – Não, não, era colaboração.

NA – Quem é o diretor, a senhora lembra, que fez esse convênio?

DA – Foi o Moreira...

NA – E... mas... .

BA – *(falam ao mesmo tempo)*.

DA – Daqui?

NA – Não, da Fiocruz, é.

DA – Da Fiocruz?

NA – Quem (??)? Do IOC. Não era o diretor, não era o Olímpio?

DA – Não, não era o Olímpio, não.

NA – Foi depois?

DA – Foi um...

BA – Xavier...

NA – Travassos?

DA – Não.

BA – Xavier Travassos?

NA – Travassos da (?)?

DA – Também não.

NA – Rocha Lagoa?

DA – Não. (*Ai, Jesus?*)...

NA – Amílcar? A senhora conheceu o Amílcar Viana Martins?

DA – (?), o (*Barth?*) lá, e ele daqui, olha lá. E o do lado de cá vinha a ser o...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) onde?

DA – Aqui! (*rindo*)

BA – (*inaudível*)

NA – O Barth sentado à esquerda...

DA – (*O Barth é?*) aqui, né?

NA – É.

DA – O Paulo Moreira...

NA – O Paulo Moreira...

DA - ... e esse é o diretor do Instituto Oswaldo Cruz (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*). Então, já foi 70...

DA – Foi.

NA - ... década de 70.

DA – Foi. Aí, ele foi lá, e nós fizemos o (*acordo?*).

NA – E aquele pessoal daquele laboratório lá é quem?

DA – Sou eu.

NA – No seu laboratório lá?

DA – (*falam ao mesmo tempo*) laboratório de lá, da Marinha.

NA – Ah, o da Marinha!

DA – O da Marinha.

NA – Tá cheio de moças, hein!

DA – É, lá tinha o pessoal todo de lá.

NA – Tinha bastante gente, né?

DA – Tinha muita gente trabalhando lá no laboratório da Marinha, (*e cada um?*)...

NA – Mas esse pessoal era de lá mesmo?

DA – De lá mesmo.

NA – E ele foi coordenar o laboratório, foi chefiar...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) o laboratório... Não, ele que chamou esse pessoal todo.

NA – Ah, ele que montou esse laboratório.

DA – Montou esse laboratório.

NA – Tinha quantas meninas ali, mais três, além da senhora?

DA – Ah, eu é que bati a fotografia!

NA – Mas a senhora não está ali no meio, sentadinha, não?

DA – Não, (*falam ao mesmo tempo*)!

NA – Ué, não é, não?

DA – Ah, não, era eu aqui.

NA – Ah, a senhora está aí. Alguém bateu. Tinha quatro moças, e quantos pesquisadores? Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, oito homens. Mas são todos pesquisadores ou são técnicos?

DA – Não, são três técnicos.

NA – É, de oito eu vi mais... oito homens, mais o Barth...

DA – É.

NA - ... tem três técnicos, e o resto são moças.

DA – É. E as moças (??) (*também?*), (*fala longe do microfone*) eles são ótimos, foram ótimos (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) pesquisadores também.

NA – Bom, mas aí? Essa história das cracas é uma colaboração, mas vamos voltar para o Instituto. Na verdade, antes da senhora chegar... (*o telefone toca*) Não quer atender o telefone?

DA – Eu não.

NA – Não quer, não? Antes disso a senhora estava no Instituto... Vá lá, vá lá atender, vá lá. (*pausa na gravação*)

DA - ... tinha sim bastante mulher, já era (*turma mista?*), né, tinha... a maioria era mulher.

BA – A maioria era mulher?

DA – Era.

BA – E tinha alguém que estudou com a senhora no Científico? Tinha alguma amiga sua...?

DA – Não.

BA – A senhora fez amizade com alguém?

NA – No Científico tinha muitas meninas, ou era meio a meio a turma, como é que era?

DA – No Científico...

NA – A senhora lembra?

DA – É, é, turma mista.

NA – Era misto, mas era... tinha mais menino do que menina? Como é que era?

DA – Mais ou menos, era mais meninas.

NA – Mulher.

BA – No Científico?

NA – No Científico?

DA – Mulher, é, mulher, mais é mulher, mais do que homem. Homem só tinha pouquíssimo. Não, na minha turma.

BA – No Arte e Instrução?

DA – No Arte e Instrução. E no Marins e Barros também.

BA – Meninas?

DA – É. Geralmente a mulher se destaca muito, naquela época se destacava mais do que os homens, gozado.

NA – É?

DA – (??) me chamaram a atenção para isso. Realmente, a turma de menino era muito pouco.

BA – Era pouco ou não se sobressaía?

DA – É, *(eu não via?) (falam ao mesmo tempo)...*

NA – A senhora nunca pensou em ser professora, não?

DA – Não, não gostava, queria ser pesquisadora. A minha mãe brigava comigo.

NA – Ah, é?

DA – Queria que eu fosse professora. E eu dizia: “Não quero, não gosto.”

BA – Ela não disse para a senhora fazer Instituto de Educação?

DA – Não, ela tentou, mas eu não quis...

BA – Não quis.

DA - ... nem (??) (*rindo*) porque eu não gostava, queria era seguir a parte de pesquisa...

?? – (*falam ao mesmo tempo*)

DA - ... queria (*falam ao mesmo tempo*)... Era influência do Milton Santos.

NA – Mas escute aqui uma coisa, é que se a senhora tivesse feito o Instituto de Educação a senhora rapidamente conseguia um emprego...

DA – Pois é.

NA - ... e poderia ajudar nas despesas da casa.

DA - É lógico, exato.

NA – Também tem isso, né?

DA – É, mas...

NA – E não só por isso, mas é porque as moças, na época, normalmente, faziam o Instituto de Educação...

DA – É, exato.

NA - ... eram professoras, não é?

DA – E eu não, eu fui rebelde nesse troço. Quando eu disse para a minha mãe “não vou, não quero”, (*rindo*) aí, ela... não fiz Instituto de Educação, de jeito nenhum.

NA – E disse pra ela que ia fazer faculdade?

DA – Ia pra faculdade.

NA – O que ela disse?

DA – Hein?

NA – O que é que ela disse?

DA – Não, sei lá, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ela não achava estranho?

DA – Hã?

NA – Ela não achava estranho, não?

DA – Não, mas ela me dava apoio. Ela dizia assim...

NA – Mas ela sabia exatamente o que é que era pesquisa em Biologia?

DA – Sabia, sabia, sabia que pesquisa... Ela dizia pra mim: “Pesquisa não vai dar nada com você. (*Sua mãe?*) (*falam ao mesmo tempo*)...”

NA – Não vai dar dinheiro?

DA – É. Aí, (*eu virei?*), disse: “Não, mas eu quero, eu gosto de pesquisa.” Talvez, se hoje em dia... não sei se eu seria assim, não, sabe? Acho que hoje em dia eu iria estudar outra coisa (*mais?*), não iria estudar Biologia mais, não, porque aqui o país ainda não está amadurecido pra entender a Biologia, entendeu, não dão valor. O cientista tá aí, morrendo de fome, porque eles não dão valor, de jeito nenhum. Eu não posso falar muito, né, porque, se eu falar nisso aí, ah, eu vou... eu boto pra... (*rindo*)

NA – Pra quebrar.

DA - ... pra quebrar.

NA – Agora, se hoje não dão valor, eu imagino nos anos 50, hein!

DA – É.

NA – Como é que era isso nos anos 50? Quem é que financiava a pesquisa nos anos 50, quem financiava?

DA – Bem, eu tive... Eu não posso dizer nada porque eu tive apoio total do Conselho Nacional de Pesquisa, sempre. O Conselho Nacional de Pesquisa me dava...

NA – Isso quando a senhora virou pesquisadora.

DA – É, quando virei pesquisadora.

NA – É, mas antes...

DA – Não, antes de virar pesquisadora, quando eu entrei para o Instituto, quando eu entrei para o Instituto Oswaldo Cruz, depois de um ano, depois, quando eu comecei a publicar, aí, eu comecei a fazer pedido de bolsas no CNPq.

NA – Para quem?

BA - Para mim.

NA – Mas como foi que a senhora entrou no (?) Instituto? No Museu a senhora tinha feito um concurso, não é?

DA – Foi.

NA – Aí, depois entrou no Museu (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Não, mas ela entrou no Museu antes de concurso, era de graça.

NA – Sim, mas ela (*fez um concurso?*) (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Sim, mas depois eu fiz o concurso do Museu Nacional...

BA – O (?), né...

DA – O (?)...

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... fiz o (?).

NA – Certo.

DA - E aí, entrei (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) (?) (*quadro?*)?

DA – É, (*falam ao mesmo tempo*) o quadro.

BA – E no Instituto?

DA – Aí, pedi a transferência...

BA – Ah, pediu a transferência.

DA - ... de lá para o Instituto Oswaldo Cruz.

BA – Ah!

DA – Aí, eu fui, é, mas sempre para trabalhar com o Barth. E aí, eu fui trabalhar com o Barth.

NA – A senhora, lá no Museu Nacional, na época, a senhora... Vamos começar a organizar aqui esse negócio, vamos encerrar Museu. No Museu a senhora ficou com Milton Santos em que departamento, a senhora lembra? (*O que é que era?*) (?)?

DA – De Zoologia.

NA – De Zoologia. E a senhora ficou até quando lá, a senhora lembra, não? Até quando? Não lembra? Então, não tem importância, depois a gente vê no seu currículo. Fez o concurso, passou... A senhora conheceu a Heloísa Alberto Torres?

DA – Não, não conheci pessoalmente, não.

NA – Ela foi diretora.

DA – Foi, ela foi diretora. Porque na minha época ela já não existia, na minha época...

NA – Já tinha falecido?

DA – É. Quem era diretor era o José Cândido Melo Carvalho.

BA – (*Acho que?*) sucedeu a Heloísa, né?

NA – Era ele que foi... é.

DA – Foi ele que sucedeu. E ele gostava muito de mim, José Cândido Melo Carvalho. Ele, inclusive, me levava pra congressos internacionais, aí fora, entendeu? Eu fiz muitos trabalhos com ele. Ele era formidável, muito boa pessoa, muito humano.

NA – A área dele qual era, de trabalho?

DA – Também era de Zoologia...

NA – De Zoologia.

DA - ... mas ele estudava (*mirídeos?*).

NA - Merídeos?

DA – Mirídeos.

NA – O que é que é isso?

DA – Mirídeos é um inseto pequenininho assim, entendeu, bem pequenininho.

NA – Ele faz o quê, especificamente?

DA – Não, vivem sobre as plantas, mas não têm nenhum... não causam nenhuma coisa, não, só Sistemática ele fazia.

NA – E a senhora chegou a trabalhar com isso também, não?

DA – Não, não. Eu fui para o Museu Nacional, mas nem odonatos, que o Milton queria que eu trabalhasse, eu não trabalhei, não, porque eu gostava do Instituto Oswaldo Cruz, queria

trabalhar em Histologia, e pronto. Aí, eu ia lá... então, de manhã cedo eu chegava lá, depois eu ia embora para o Instituto Oswaldo Cruz para trabalhar lá com o Barth.

NA – Como é que a senhora... A senhora ouviu falar do Instituto Oswaldo Cruz antes de chegar no Museu Nacional ou depois de chegar no Museu Nacional?

DA – Não, depois de chegar no Museu Nacional.

NA – Aí que a senhora viu...?

DA – É.

NA – ... que tinha lá o Barth, o Costa Lima, tal...?

DA – É.

NA - ... e para lá é que a senhora queria ir, é isso?

DA – É, exato, foi isso exatamente que aconteceu.

NA – Terminou a faculdade, fez o concurso no Museu, e pediu transferência para o IOC?

DA – Para o IOC.

NA – E aí, ficou lá com o Barth?

DA – Com o Barth. Aí, eu fiquei trabalhando como Barth.

NA – Mas quando a senhora chegou o Barth tinha lá as linhas de pesquisa dele. A senhora era assistente dele?

DA – Eu era assistente do Barth. Aí, eu trabalhava com ele naqueles cursos de Manguinhos...

NA – A senhora dava aula...?

DA – Dava aula no curso de Manguinhos...

NA – Ah! Mas tinha o curso de Manguinhos ainda, né?

DA – Naquela época tinha o curso de Manguinhos.

NA – Mas não chamava Curso de Aplicação, não, né?

DA – Não sei.

NA – Ou eram vários... Era um curso só ou eram vários cursos?

DA – Não...

NA – Eram vários cursos?

DA - ... era um curso só.

NA – Hein?

BA – Acho que desmembrou na gestão do Olímpio.

DA – É, eu sei que foi na época do Olímpio da Fonseca.

?? – (*inaudível*)?

DA – É. Foi ele que deu o apoio total para o Barth fazer o curso de Entomologia. O Barth deu o curso de Entomologia durante uns 3 anos seguidos, eu acho, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – E a senhora dava aula junto?

DA – E eu dava aula junto. Até que um dia eles botaram lá umas baratas para a gente dissecar, eu disse: “Ah, aqui eu não chego, isso aí (???)” (*rindo*) Qualquer inseto, eu sou entomóloga, mas qualquer inseto eu pego com a mão, até cobra eu (?), gafanhoto, escorpião, qualquer coisa eu pego, qualquer coisa, mas barata não. (*risos*)

NA – Nem pensar?

DA – Tenho medo, até pavor de barata!

BA – Dizem que não tem muita mulher zoóloga, né, as mulheres preferem a Botânica (*falam ao mesmo tempo*).

DA – É, o Barth fez isso pra eu ir trabalhar na Botânica..

BA – Ah, foi ele?

DA – Não queria que eu seguisse Zoologia, assim, de animais.

BA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não sei!

NA – Por quê?

DA – Porque ele queria que eu estudasse Botânica.

BA – Na cabeça dele...

DA – Na cabeça...

BA - ... mulheres vão para a Botânica?

DA – Não sei se era isso, mas eu sei que ele queria, mas eu não quis.

BA – Já tinha mulher na Zoologia lá?

DA – Na Zoologia?

NA – (??).

DA – Não. Tinha mulheres na Zoologia, Dyrce? Não, era somente eu com o Barth. Depois tinha um outro que (?), que não tinha ninguém...

NA – A senhora (???)? (??) era a senhora com o Milton...

DA – Não, com o Barth, não, eu e Milton...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*) Museu Nacional, só. Agora... Ah, tinha a Isolda, que fazia...

BA – Na Zoologia?

DA - Na Zoologia também, só, que eu saiba.

NA – Eram duas mulheres?

DA – É.

BA – E a Botânica?

DA – A Botânica só tinha mulher. Não sei, o nome delas eu não sei, não.

NA – Mas tinha muita mulher?

DA – Tinha muita mulher, só tinha mulher. Eu não via homem lá na Botânica.

NA – E no Instituto Oswaldo Cruz, a Zoologia lá era o Barth, o Costa Lima, quem mais?

DA – Na Zoologia?

NA – O Lauro, (*seu chefe?*)...

DA – Quem?

NA – Lauro Travassos!

DA – Ah, é, o Travassos. O Travassos...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) chefe da divisão?

DA – É. O Travassos é um cara espetacular.

NA – É, (??) (*a senhora?*) fazendo uma cara aqui ótima. (*rindo*)

DA – O Travassos é uma pessoa notável.

NA – É, quem trabalhou com ele sempre fala isso dele.

DA – É, ele é muito bom, era um cara que era espetacular!

NA – Ele não era uma pessoa muito difícil, não?

DA – Não. Muita gente achava ele difícil porque ele é (*faz um som grave*).

NA – Ele era assim o quê, (?), como é que era?

DA – Tipo agressivo, mas ele não era, era doce demais, entendeu? Ele era uma criatura muito boa, basta se dizer o seguinte. Eu fui trabalhar com o Barth e dr. Olímpio era muito amigo meu. O dr. Olímpio era o diretor, né, mas era muito amigo, gostava muito de me ver (?), trabalhando com o Barth. Mas aí, o Lauro Travassos, às vezes, me chamava lá para ver uns bichinhos dele, e eu gostava de ficar lá, então, ia lá para ver os bichinhos, ver as coisas e tal, ficava lá. E uma vez, eu nunca me esqueço, que o Travassos dizia pra mim assim: “Dyrce, por que é que você não é daquela revista...” Era... como é...

?? – (??)?

DA – Aquela revista que era a revista... uma revista nova que saía lá, publicação (??). Aí, eu dizia: “Não, não quero, não, eu estou bem, e tal..” Aí, ele dizia assim...

NA – Revista o quê, de Biologia?

DA – É.

NA – Revista brasileira de Biologia?

DA – É, eu acho que era isso. Aí, eu peguei, dizia para o Travassos assim: “Ah, eu estou bem aqui...” “(?), publica seu trabalho aqui”, ele dizia pra mim. Eu acabei, disse: “Tá bem, eu vou fazer.” Então, fiquei.. Eu me lembro que um dos caras da... O dr. Olímpio tinha um xodó comigo também. Aí, eu fui para o dr. Olímpio e... Pra mim nunca houve disputa entre dr. Olímpio e o Travassos, quer dizer, vocês sabem que sempre o Instituto sempre teve aqueles dois... duas linhas, né, (??)?

NA – É. Quais?

DA – Mas eu...

NA – Quais as linhas?

DA – As duas linhas da... Quem era do Travassos era (?), (??), e quem era do dr. Olímpio eram outros, então, as duas linhas. Eu...

NA – Mas eram eles que mandavam?

DA – Eu nunca... Então, eles achavam que a pessoa... quem era "olimpeta", que eles chamavam...

NA – (*Qual é o nome?*)? “Olimpeta”?

BA – “Olimpeta”, é ótimo isso. (*rindo*)

DA – “Olimpeta”.

NA – (*falam ao mesmo tempo*) falar isso.

DA – Quem era “olimpeta” era “olimpeta”, e quem era do Travassos era Travassos. Aí, eu, como eu entrei lá, o Barth, alemão, ele nunca foi de a nem de b, e eu segui a linha dele. Então, eu me dava muito bem com o Travassos e muito bem com o dr. Olímpio, com os dois. E quando um falava do outro eu pedia licença: “Me dá licença, mas eu vou-me embora que eu não quero ouvir falar do Travassos.”

NA – Eles tinham brigado, né?

DA – É.

NA - Eles tinham uma briga entre os dois?

DA – Tinham uma briga. Aí, eu (*puxava?*) assim. Quando chegava perto do Travassos o Travassos dizia assim: “Sai daqui, “olimpeta”!”, pra mim. “Sai daqui, que é isso, e aquilo, e tal...” (*risos*) Aí, eu olhava pra ele assim: “Professor, se o senhor falar do dr. Olímpio eu vou-me embora.” “Não, eu não vou falar do seu querido, não.” (*risos*) Brigava comigo assim. Mas eu sempre me dei bem com os dois, nunca fui partidária. Até que um belo dia, dessa revista, eu peguei... eles queriam que eu fosse...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) que organizava era a (*Nara?*)?

DA – E eu sei quem organizava? Então, eu peguei... Eles disseram pra mim assim: “Você, Dyrce, tem que ser assessora, não sei o quê, da...”

NA – Comitê Científico Editorial?

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... “dessa revista.” Aí, eu peguei, disse assim... Fiquei contente porque eu estava sendo (*programada?*) para uma coisa, né? Cheguei perto do dr. Olímpio e disse: “Dr. Olímpio, sabe que agora eu vou ser isso, não sei o quê?” Ele parou, olhou pra minha cara assim, disse assim: “Vai, vira-casaca!” Eu disse: “Vira-casaca? Por que é que eu vou virar casaca?” “Porque essa revista é deles!” “(*Deles, é?*)?” (*rindo*)

NA – O Travassos?

DA – Dr. Travassos. “É deles! Então, quer dizer, você agora é deles?” Eu disse: “Não, não é nada disso, não, eu não!” (*interrupção na fita*)

Fita 2 – Lado A

DA - ... eles (?) (*que me dar?*) tudo, né, dar tudo que eu não quero ser da revista, não? Ele virou, disse assim: “Por que, Dyrce, se você tem todo (?)?” “Mas eu não quero, não gosto, não quero, acabou, e tal...” Aí, ele era um velho muito sabido, era muito coisa, aí, virou pra mim assim, disse: “Já sei, você conversou com o Olímpio, e aquele “olimpeta” disse pra você não...” “Ele não disse nada para mim, não, sou eu que estou tomando essa decisão. Eu não quero ser nem a favor dele, nem a favor seu. Não quero ser nem contra ele, nem ser contra você. Não quero (*a revista?*) e acabou, pronto!”

NA – Uma pergunta. Quantas mulheres tinha no Instituto nessa época?

DA – Olha, devia ter umas...

NA – A senhora e mais quantas?

DA – Eu, a mulher do (*Ubatuba?*)...

NA – A Arlete.

BA – Já eram casados.

DA – É. E... quem mais? Ah, aquela (*Roberta?*)...

NA – Lutz?

DA - ... Lutz, três. Que eu me lembre são três.

NA – A Mônica não estava lá?

DA – Não, não, a Mônica quem botou lá dentro do Instituto fui eu.

NA – A Mônica foi depois?

DA – É, a Mônica é outra história.

NA – A Mônica foi depois?

DA – A Mônica foi bem depois, ó, bem depois. A Mônica, eu conheci a Mônica, era garotinha, não era de faculdade nenhuma, já trabalhava com o pai dele. Era ela e o irmão, iam pra lá (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... Histologia.

NA – É, é, isso (?) dos anos 50.

DA – É, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Só tinha... quer dizer, tinha três mulheres, então?

DA – É.

NA – A senhora, a Arlete e...

BA – A Berta Lutz.

NA - ... a Berta Lutz. E a senhora conheceu?

DA – Conheci a Berta Lutz.

NA – Mas a senhora tinha alguma relação com ela de proximidade...?

DA – Não, (*falam ao mesmo tempo*) ela me dava carona, aí...

NA – A Berta era feminista, né?

DA – É, ela me dava carona...

NA – A senhora nunca...?

DA – Não.

NA - ... não teve uma relação com o movimento feminista, nada disso?

DA – Não, nunca, nunca, eu sempre me afastei. Desde faculdade eu nunca... não fui a

nenhuma dessas reuniões, dessas passeatas, nada disso, nunca (*falam ao mesmo tempo*).

NA – A senhora não tinha nenhum envolvimento com política?

DA – Não, tinha verdadeiro pavor disso, eu não gostava. A Berta Lutz era uma criatura muito boa, eu gostava dela.

NA – Porque ela lhe dava carona. (*rindo*) Ela era bem mais velha que a senhora.

DA – Hein?

NA – Ela era mais velha, bem mais velha que a senhora.

DA – Bem mais velha! Eu sou velha, mas ela é bem mais (*rindo*).

NA – Ela é de (1972?)*, né? *(Ela é de 1894)

DA – É.

NA – Tem uns 30 anos de diferença, ou mais.

DA – Muita, uma diferença muito grande!

BA – Berta Lutz (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – 20 anos de diferença, é.

BA – Pelo menos.

NA – Ela já era uma senhora...

DA – Já.

NA - ... e a senhora era uma garota (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Uma garota, é.

NA – É.

BA – Mas essa pergunta eu acho que foi um pouco (?). A senhora era meio menininha, não era?

DA – Era.

NA – (*falam ao mesmo tempo*)

BA – E aí, como é que eles lhe... Lhe tratavam muito bem, pelo que a senhora está dizendo?

DA – Ah, sim. No Instituto? Me tratavam muito bem.

BA – Tanto é que a senhora circulava num grupo, outro...

DA – Não, eu me dava muito bem em todos eles, até com o Vilela também, né? Você lembra do...

BA – O Gilberto Vilela.

DA - ... Gilberto Vilela? Também, com todos (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Gilberto Vilela fazia parte de qual grupo?

DA – De Química.

NA – Não...

BA – Era “olimpeta”...?

NA - ... “olimpeta” ou Travassos?

DA – Ah, não sei.

NA – Não era de grupo nenhum, era do grupo dele mesmo?

DA – Eu acho que sim.

NA – Então, era Olímpio versus Travassos...?

DA – É.

NA - ... e o resto se distribuía como nas brigas lá?

DA – Praticamente, eu vou te dizer, não sei, nunca vi briga porque...

NA – Eles não brigavam, é isso?

DA – Não brigavam assim.

NA – Não?

DA – Não, mas...

NA - E de onde é que vinha esse ódio, então?

DA – Sei lá!

NA – Eles nunca lhe falaram?

DA – Não, e também nunca dei oportunidade de eles falarem. Eu não queria... queria ficar longe desse troço. Eu... aí, eu banquei o Barth direitinho, o Barth também fez a mesma coisa. O Barth não tomou partido, e foi convidado pelo dr. Olímpio, hein, pra trabalhar lá no Instituto Oswaldo Cruz. Foi o dr. Olímpio que trouxe ele.

NA – É, eu me lembro, eu me lembro.

DA – Mesmo assim ele se dava muito bem com o Lauro Travassos, com o Travassos. O Herman Lent é que tinha uma raiva dele, mas não era... era porque o Barth era alemão e o Herman era judeu, então, (*rindo*) não gostavam (?). Mas...

NA – Mas era mútuo? Era mútua essa antipatia, não?

DA – Não, não.

NA – O Barth não tinha nenhum problema, quem tinha problema era o Herman Lent?

DA – Era o Herman.

NA – (?) uma pessoa complicada, não é, não, o Herman?

DA – O Herman era um...

NA – O que é que a senhora achava dele?

DA – Não, ele... Olha, no início, quando eu fui trabalhar lá no Instituto, eu achava ele um bicho-papão, no início.

BA – Ele trabalhava com barbeiro.

DA – Sim, sei que ele trabalhava com barbeiro, sim. Mas aí eu achava ele um bicho-papão. Mas eu comecei a trabalhar com o Barth, comecei a fazer meus desenhos, minhas publicações todas, e comecei a publicar. Aí, uma vez, eu fui lá, saiu a minha publicação. Quando saiu a publicação, eu, garota ainda, né, toda feliz, feliz da vida. Quando eu peguei a publicação, um desenho que eu levei, digamos, mais de um mês fazendo, ele reduziu (?) *vuuuuu*, ficou pequenininho. (?), aí, eu... E eu, muito desafortada – que eu sempre fui, eu não sei como não morri até hoje porque (*rindo*) eu (?) enfrentava (*assim?*) – aí, eu fui para o Herman Lent, que era o editor do trabalho: “Escuta, eu vim aqui lhe pedir uma lente.” Ele disse: “O quê?” “Uma lente para poder ler aquilo que... Eu não consigo! Então, o senhor reduziu meu trabalho todo, reduziu isso... “Briguei com ele. Aí, (*inaudível*). Aí, brigou comigo também, falou comigo. Eu falei, xinguei, xinguei, fiquei satisfeita, aí, eu saí. Bom, passaram-se anos e anos, aí, eu fui para a Academia, me colocaram na Academia Brasileira de Ciências, fui convidada para ir para lá, fui para a Academia. E quem era o diretor de lá, da revista da Academia? Herman Lent. Aí, ele disse: “Você aqui de novo?” Aí, nos tornamos amigos, entendeu?

NA – Mas, na Academia. No Instituto nem se via?

DA – Não, no Instituto, depois, a gente ficava num lado, ele ficava com outro, quer dizer, eu não dependia dele, nem ele dependia de mim.

NA – Pois é, mas é engraçado porque ele trabalhava com barbeiro também, né?

DA – Sim, mas não trabalhava com Histologia. O laboratório do Barth era completamente isolado de todos os outros.

NA – Mas a senhora não acha estranho essa maneira de trabalhar, quer dizer, trabalham todos com barbeiro, mas, na verdade, não se comunicam, não tem interlocução, não tem parcerias... Era assim que se fazia pesquisa, naquele momento?

DA – Não, porque (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não tinha colaboração, não tinha...?

DA – Tinha colaboração, sim, porque, naquela época mesmo, como também mais recente, a gente precisava de barbeiro para poder fazer o nosso trabalho...

NA – E ele tinha.

DA - ... e eles davam.

NA – E ele tinha?

DA – Tinham e davam.

NA – Quem criava os barbeiros era ele?

DA – É, mas ele tinha e ele dava os barbeiros pra gente. Ele não tinha aquele rancor de... vamos dizer assim, “não dou...”

NA – “Briguei com ela, não vou dar os barbeiros pra ela”?

DA – É. Não, ao contrário, entendeu? Ele dava as coisas pra gente, ele ensinava... Quando chegou na Academia ele me ensinava, eu fiquei... acabava os meus trabalhos todos, relia e via todos, ele... Aí, lá no Instituto também, passou. Ele não guardava... eu acho que ele... eu não sei se ele guardava rancor ou não, entendeu, eu sei que ele tornou-se amigo nesse troço. Se você escrever errado ele diz: “Olha, isso aqui está errado. Isso aqui deve ser escrito assim e tal.” O Herman se tornou uma pessoa muito boa. Era eu que tinha um gênio muito ruim mesmo.

NA – A senhora acha isso?

DA – Eu acho que...

NA – Hoje? Hoje a senhora acha isso?

DA – Ah, hoje eu estou mais... estou melhorzinha. Não digo que eu estou um anjo, não.

NA – Vem cá, vou lhe fazer uma pergunta indiscreta...

DA – *(falam ao mesmo tempo)*.

NA - ... vou lhe fazer uma pergunta indiscreta.

DA – Pode.

NA – A senhora era muito bonita. Eles deviam dar em cima da senhora, paquerando, né?

DA – É, (?) *(falam ao mesmo tempo)*.

NA – “Rolava” uma paqueram, não “rolava”? Eu... Ué, três mulheres lá dentro, um lugar cheio de homem...

BA – Uma casada, uma...

NA – Uma casada...

BA - ... já bem mais velha...

NA – Bem mais velha, que ninguém ia namorar a Berta...

DA – É.

NA – Sobrou a senhora. *(Dyrce ri)* Não é?

DA – É, isso é verdade.

NA – Ué, *(falam ao mesmo tempo)* não tinha um restaurante lá, onde todos se encontravam?

DA – Tinha, tinha.

NA – Era o lugar de almoço, né...

DA – É.

NA - ... onde todo mundo se encontrava, não era?

DA – Era.

NA – A senhora devia passar, todo mundo ver e ficar paquerando, né?

DA – Ó, e como! (*risos*) (?) cada uma!

NA – E a senhora casou com... não casou com nenhum deles, né?

DA – Não...

NA – Olha lá, o seu marido não tem nada a ver.

DA - ... não namorei ninguém.

NA – Não namorou ninguém?

DA – Ninguém de lá.

NA – Eles eram machistas?

DA – Quem?

NA – Eles lá, do Instituto Oswaldo Cruz.

DA – Não sei se eram machistas, não, sabe?

NA – A senhora acha que a senhora se impôs pelo seu trabalho?

DA – Eu acho...

NA – Eles lhe respeitavam?

DA - ... que eu só olhava para o meu trabalho.

NA – Eles?

DA – Agora, alguns deles...

NA – Quem olhava para o seu trabalho, a senhora ou eles?

DA – Quem?

NA – A senhora (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*)?

NA – É, a senhora está dizendo: “Eu só olhava para o meu trabalho”?

DA – É, eu olhava para o meu trabalho...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) (*olhava?*).

DA - ... agora, eles olhavam pra mim. Eu não posso fazer nada! (*rindo*). Para você saber, o maior paquerador de dentro do Instituto...

NA – Quem era?

DA – Era aquele... da Leprologia, como é?

NA – O Souza Araújo?

DA – O Souza Araújo, né? O Souza Araújo era... onde eu passava ele vinha com aquelas piadinhas dele, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas era piadinha de machista?

DA – É, machista.

NA – É isso que eu estou perguntando.

DA – Aí, uma vez (*rindo*)... Eu vou contar uma, mas não é pra coisa.

NA – Não pode gravar? (*falam ao mesmo tempo*) eu vou apagar, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) pode gravar, não tem problema. Aí, nós entramos no refeitório para comer, tal. E eu sentava numa mesa lá no final do refeitório, junto com o Barth, eu, o Barth, e tinha um outro também, mas agora não me lembro. Na hora da saída, quando a gente foi sair, o danadinho do Souza (??) (*pra mim?*): (*faz ruído de alguém sussurrando*), dizia alguma coisinha assim.

NA – Tipo o quê?

DA – “(*inaudível*)”, assim.

NA – Como é que é?

DA – Quer dizer: “Oh, lindinha, oh, bonitona, venha cá, fica aqui”, falava esses troços. Aí, eu, nem bola, viu, passamos. Aí, ele veio atrás, começou com a ladainha dele: “(*ruído de sussurros*)...” Aí, eu não sei se você se lembra da porta do refeitório. Você abria a porta, assim, no máximo, tinha uma (?), né?

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) (*que partiu?*): pá (*faz um barulho forte*) (*rindo*) Eu abri a porta do (*refeitório?*) no máximo. Ele: “(*imita sua fala*).” Eu larguei a porta na hora que ele estava passando, (*inaudível*). Ih, mas foi uma coisa, todo mundo riu! (*rindo*)

NA – Na cara dele?

DA – É lógico! Foi na cara, no corpo, em tudo quanto é parte, o (??) pá (*faz um ruído forte*).

BA – Todo mundo entendeu o que estava acontecendo.

DA – Hein? Ninguém entendeu, entenderam apenas que eu fui mal educada, que abri a porta ao máximo, e larguei a porta...

NA – (*inaudível*).

DA – Mal educada. (??) assim, o Barth (*me chamando?*)...

BA – (*Mas aquilo estava?*) lhe incomodando, né?

DA – É, estava me incomodando.

BA – Mas outros tentavam...

DA – Não, mas (*falam ao mesmo tempo*)...

BA - ... mas não eram agressivos?

DA – Não, não eram agressivos, não falavam, e eu também não. Olha, entrava por aqui, saía por aqui, eu não queria nem saber.

NA – Quando é que a senhora casou? Também não sabe. Qual é a data do seu casamento? Quando a senhora casou? Não sabe?

DA – Não, não sei.

NA – A senhora casou... o quê? Nos anos 60? Seu filho tem quantos anos? Não sabe, né?

DA – Deve estar tudo por aí.

NA – É, deixe eu ver, (?) se eu consigo adivinhar aqui.

DA – Espera aí, meu filho deve estar com seus quarenta e tantos anos.

BA – Ele nasceu em 60?

DA – 61.

BA – 61?

NA – Ele nasceu em...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) 43-44.

DA – É, né? (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ele nasceu em 61. Então...

BA – 43-44.

NA - ... a senhora casou, logo nasceu ele, como é que foi?

DA – Não...

NA – Demorou?

DA - ... eu casei, demorei 5 anos...

NA – Então, a senhora casou em 56-57.

DA – (??) acho que foi isso.

NA – Ali, naquela foto.

DA – É, né?

BA – (*inaudível*)

NA – Parece, mas a roupa, o *maillot* que ela estava, era desses anos 50. Aquele *maillot* ali, dela, é muito (?) assim, é.

DA – É, que (?) tudo, só (*despe?*) o pescoço, né? (*risos*) (*inaudível*).

BA – Mas o seu marido não era da área, não...?

DA – Não, da área (?), não, ele trabalhava no IBGE.

NA – Ele era demógrafo? Ele era o quê, estatístico?

DA – Não, ele era auditor.

NA – Ah, auditor.

DA – É, ele era auditor, então, ele...

NA – A senhora conheceu ele onde?

DA – Lá mesmo, no Méier.

NA – Ah, sim, ele morava no Méier?

DA – Ele morava também no Méier, (??), mas ele nunca se meteu na minha área, nem eu nunca...

NA – Na sua área?

DA - ... me meti na área dele (*rindo*).

BA – E como era isso? A senhora viajava (*para inspeções?*)...

DA – Mas eu viajava muito, passava...

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Eu passei dois anos nos Estados Unidos, trabalhando lá. É, não havia nada. E ele, dois anos aqui, paquerando (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ele não era ciumento nem nada?

DA – Não, ele era, mas eu não. Também eu achava, dizia pra ele assim: “Ah, não tem importância, não. Não gasta, pode ir, pode...” (*rindo*)

NA – Pode usar. A senhora não se importava?

DA – Lavou, fica pronto.

NA – Tá limpo de novo. (*rindo muito*)

DA – Eu sempre fui assim, eu nunca fui ciumenta.

NA – É. Mas olha só, quando a senhora era namorada, aí ele não tinha ciúmes... Não, vem cá, ele não ia no Instituto apanhar a senhora lá, ou ia lá de vez em quando, (*via?*) aquele monte de homem?

DA – Não, ele ia na Academia Brasileira de Ciências...

NA – Academia é outro lugar cheio de homem.

DA – É. E o pessoal todo lá gostava muito de mim, mas ele não se importava, não. Se tinha ciúme ficava com o ciúme dele (*lá?*) (??), mas...

NA – Ele não reclamava?

DA – Não reclamava nada. E nem os... Depois, quando ele morreu, meu filho me levava na Academia, mas também a mesma coisa, (*inaudível*)...

NA – A Academia era outro lugar cheio de homem, né?

DA – É.

NA – Só homem.

DA – Só homem.

NA – A senhora é uma das poucas da Academia.

DA – É.

NA – Como é que era esse negócio da Academia? A senhora freqüentava a Academia? Como é que era lá?

DA – Não, eu freqüentava a Academia...

NA – Tinha sessões o quê, semestrais?

DA – Sessões...

NA – Como é que era?

DA – (*falam ao mesmo tempo*) apresentava trabalhos na Academia, debatia os trabalhos... Foi ótimo, eu não posso falar (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Não tinha paqueras, nada, pra...?

DA – (*Paquera?*) ainda tinha, né, eu era bonitinha. (*rindo*)

NA – A senhora também paquerava eles, claro, né?

DA – Hein?

NA – A senhora também paquerava eles, claro, era jovem.

DA – É, mas eu... Paquerava, é lógico, mas (??).

NA – Eu estou lhe fazendo esse tipo de pergunta pelo seguinte...

DA – Não, não tem problema.

NA - ... porque hoje, não é, não há a menor dúvida que as mulheres, apesar do machismo que ainda existe, não é, em qualquer lugar, e nesse ambiente acadêmico também, as mulheres são mais respeitadas pelo seu trabalho, eu acho, estou lhe fazendo essa pergunta, não é? As mulheres hoje se impõem pelo trabalho que elas escrevem, pelas aulas que elas dão, e tal.

Agora, naquela época a gente não sabe como é que era isso.

DA – Também era isso.

NA – Eles lhe respeitavam pelo seu trabalho?

DA – Pelo trabalho, pelo trabalho.

NA – Já se impôs pelo seu trabalho, não é?

DA – É exato.

NA – É isso que eu ia lhe perguntar.

DA – Eu, quando apresentava trabalhos – eu sempre apresentei trabalho com *slide*, né, eu sempre fiz (?), e apresentava trabalhos com (?) – nenhum deles... uma vez eu vi um deles dizer assim: “(??), (?) fazer aquilo lá. (?) é uma fotografia linda que a gente faz um quadro, faz isso, tal.” Aí, eu parei de fazer (?) trabalho, entendeu? Quer dizer, os caras gostavam demais das fotografias que (*eu fazia?*), entendeu, e o... aí, o... Depois da gente fazer a apresentação do trabalho vinham as perguntas, vinha uma atrás da outra, quer dizer... Mas eu nunca senti nenhum problema (?) (*só?*)... Eu (?) muito com (??) também, eu fiz muitas palestras (??) também, a mesma coisa, e sempre o geral dos trabalhos (??), minhas (?) positivos que eu apresentava eu mesmo fazia.

NA – A senhora sabe fotografar?

DA – É, eu mesmo...

NA – Tipo daqueles lá, que a gente está vendo ali, né?

DA – Tudo isso ali. (*inaudível*)

NA – A senhora aprendeu a fotografar quando?

DA – Eu sempre (*aprendi?*) com o Barth, o Barth que me (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Com o Barth?

DA – O Barth me ensinava a fotografar, me ensinava tudo o que ele podia. Ele foi praticamente um homem notável, desses que...

NA – Ele lhe ensinou a trabalhar...

DA – É.

NA - ... a Histologia... a Histologia, não é Anatomia. A senhora nunca fez Anatomia, não?

DA – Fiz.

NA – Fez também?

DA – Fiz também, Anatomia e Histologia. Então, porque você não pode fazer Histologia sem saber Anatomia, entendeu?

NA – É verdade.

DA – Então, a gente... ensinava toda a parte de Histologia e de Anatomia.

NA – A parte técnica a senhora aprendeu com ele e não na faculdade?

DA – Não, não...

NA – Na faculdade...

DA - ... na faculdade eu não aprendi nada. O que é que eu aprendi na faculdade?

NA – Uma boa pergunta. O que é que foi?

DA – É.

NA – O que é que foi?

DA – Não sei. Praticamente tudo que eu aprendi foi com o Barth!

BA – Mas a (?) era horário integral, não era?

DA – Era.

BA – Como a senhora fazia?

DA – Ah, eu (*matava aula?*) (?). (*risos*) Eu achava que eu aprendia muito mais com ele que se ficar lá, ouvindo o cara só discursar.

BA – É, (?) podia matar aula então.

DA – Se podia eu não sei, eu sei que eu fazia, eu ia pra lá. Ficava lá com o Barth, trabalhava lá com ele, aprendia, e, com isso, eu conseguia ser (?) que eu sou, e agora, transmiti todo o meu trabalho, o meu conhecimento (*na área?*) a um rapaz que trabalhou aqui comigo, também, que é o (*Hedalto?*). O Hedalto é um rapaz que... de lá do Maranhão, que veio (?) Academia Brasileira de Ciências que mandou ele pra mim. Aí, ele chegou aqui, vamos dizer assim, sem mais nem menos, sem nada...

NA – Uma mão na frente, outra atrás.

DA – Outra atrás. Aí, eu ensinei a ele, comecei... Aí, como diz (??), eu dei uma empurrada nele até não poder mais, dei mesmo...

BA – Ele tinha feito o quê, Biologia?

DA – Ele estava fazendo Biologia.

BA – Estava fazendo Biologia.

DA – Aí, terminou de fazer, fez o concurso lá pra Academia Brasileira de Ciências, e lá eles (?), por aquele programa, Aristides Pacheco Leão, aquele... (?), mandaram ele pra mim. Então, comecei a ensinar ele. Hoje em dia ele está dentro... ele fez o mestrado todo aqui comigo, fez o mestrado todo em cracas, mas foi...

NA – A senhora trabalha com barbeiro ainda hoje?

DA – Trabalho com barbeiro.

NA – Hoje, hoje?

DA - É. Trabalho para ver aqueles absurdos que estão saindo agora, aqueles absurdos!

BA – E aí, como é isso?

DA – Como é isso, hein? (*Eu?*) estava aqui falando. (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – O que é aquilo lá?

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) aqui, para ficar gravado, que a contaminação em Santa Catarina, não é, segundo se diz, na beira de estrada, uma (*coisa?*) lá, que veio de cana, caldo de cana, e que as pessoas, várias pessoas se contaminaram bebendo caldo de cana que está lá sendo vendido. E ninguém sabe onde pegou o... Acham que... a hipótese é que foi barbeiro moído...

DA – É.

NA - ... (??)...

DA – E até hoje...

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... não encontraram o vetor.

NA – O que a senhora acha que é isso?

DA – (*inaudível*), sei lá, acho que (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – O que é que a senhora acha?

DA – Essa história está muito mal contada.

NA – É? Não é assim do jeito que estão falando na televisão, não, né?

DA – Não é assim, não. Primeiro, Doença de Chagas não mata desse jeito, não mata assim. Porque nós tivemos no Instituto, o diretor do Instituto, Amílcar Viana Martins, que era chagásico, tinha eu acho que oito filhos ou nove filhos, morreu, mas não morreu de Chagas, e ele era chagásico. Eu conheço bem o Amílcar e fazia excursão com o Amílcar.

NA – Não me diga que a senhora fazia excursão com o Amílcar!

DA – (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... Amílcar, é, fiz.

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*) Amílcar, é. Mas eu conheci ele já no final da vida, ele estava muito mal. A senhora sabe, ele (??), ele tinha Chagas...

DA – Era a crônica.

NA – Crônica, não, mas aquela forma... não era cardiopatia, era... Ah, meu Deus! A do esôfago. Como é que chama? Chagas... aquela forma crônica que dá aqui no intestino, como é que chama? Eu esqueci o nome. Não tem uma forma crônica?

DA – Tem, tem, sim.

NA – É... Eu me lembro que eu fui fazer uma entrevista com ele lá, na casa dele, em BH, e ele se queixando porque tinha uma prisão de ventre horrorosa por consequência de Chagas.

DA – É.

NA – Eu esqueci. É (?) o nome (??) Depois você procura (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Ele era um homem notável (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mega-esôfago.

DA – Mega-esôfago.

NA – Não é isso?

DA – É, mega-esôfago. Ele era um cara (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mega-colo, acho que é mega-colo que chama.

DA – É?

NA – Assim, tem que confirmar. Era Chagas de intestino.

DA – Era uma criatura notável.

NA – A senhora conheceu ele no Instituto?

DA – Como diretor. A aí, nós saímos (*de van?*), eu, ele e o assistente dele, que era um cara espetacular também. Saímos: eu, ele, os dois... ele e um outro baixinho também, que a gente chamava de baixinho. Então, pra pegar...

NA – Onde esse (*ponto?*), onde era isso?

DA – Lá em Minas.

NA – Mas onde? Na região endêmica de Minas? (??)?

DA – Não, não era em Bambuí, não.

NA – Não era Bambuí?

DA – Não.

NA – Onde era?

DA – E saímos em outros lugares por aqui. Nós íamos até... por aqui, nós íamos a Teresópolis, Petrópolis, (??)...

NA – (??) tem barbeiro?

DA – Não, procurando barbeiro.

NA – Não tem?

DA – E nós temos um outro lugar que nós... Me lembro, isso eu me lembro, nós saímos com ele, ele era diretor do Instituto, mas quando ele saía com a gente ele ninguém, diretor nenhum, ele era amigo nosso. Então, aí, numa daquelas barreiras que nós passamos ele escorregou e caiu, (?) e foi rolando. E o... Como é? Ah, eu estou com o nome dele na boca e não sai. O assistente dele disse: “Dyrce, não ri! Mas doutor, o senhor se machucou?” Aí, eu (?), olha, eu abraçava assim, com a barriga e: “*Quá, quá, quá...*” Eu ria o tempo todo dele.

NA – Isso é aqui no Rio?

DA – Foi, foi no Rio. Ele vivia lá em casa, a gente jogava carta, baralho, eu xingava ele...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) onde a senhora conheceu ele?

DA – Lá no Instituto Oswaldo Cruz.

NA – A senhora falou que ele não era diretor quando a senhora conheceu ele!

DA – Quando ele era diretor eu conheci ele como diretor.

NA – Ah, como diretor...

DA – Como diretor.

NA - ... depois ele se tornou seu amigo.

DA – Depois ele tornou-se meu amigo.

NA – Ah, sim.

DA – Mas, como diretor, também ele foi meu amigo. Eu estou te dizendo, ele era diretor quando sentava naquela cadeira do Instituto Oswaldo Cruz. Quando ele saía daquela cadeira...

NA – Ele era seu amigo.

DA - ... ele era meu amigo. Ele ia lá pra casa, jogava cartas...

NA – Como a senhora se aproximou...?

DA - ... eu chamava ele de ladrão porque ele estava me roubando... Era...

NA – Como é que a senhora se aproximou dele quando chegou? Quando foi que a senhora se aproximou dele?

DA – Não sei, eu sei que eu me aproximei dele, e ele gostava muito dos meus trabalhos também, de barbeiro, que eu fazia trabalho em barbeiro.

NA – É, porque (?) trabalhava com isso, né?

DA – É, e ele gostava disso. O filho dele gostava muito de mim, (??), ele vivia lá no laboratório. Aí, ele dizia assim... Uma vez ele pegou o filho dele lá no laboratório (*rindo*), mas ele estava jogando buraco (*rindo*), o Marcelo.

BA – É?

DA – (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – A senhora estava jogando com o filho dele?

DA – (*inaudível*)

NA – Porque, na verdade, ele foi diretor, e voltou para Minas, né?

DA – Depois voltou pra Minas, é.

NA – Ele foi diretor num período, e foi embora.

DA – É.

BA – (*falam ao mesmo tempo*) período (?).

NA – Eu acho que ele foi (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*), é.

NA – O assistente?

DA – O assistente dele.

NA – Porque ele foi acho que depois, em seguida, pra...

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA - ... foi pra o... chefiar o DNERu, não foi?

DA – Quem?

NA – Foi chefe do DNERu.

DA – Do DNERu também?

NA – Está lembrada do DNERu? A senhora está lembrada do DNERu?

DA – Não, não...

NA – Departamento Nacional de Endemias Rurais.

DA – Sim, eu sei.

NA – Então, ele foi chefe do DNERu.

DA – Foi chefe de lá?

NA – Foi.

DA – É, eu me lembro que, depois do Instituto, voltou pra Minas.

BA – *(falam ao mesmo tempo)*.

NA – Pois é, mas ele foi chefe do DNERu nesse período aí, já era o governo Juscelino.

DA – É? Ele era uma criatura notável, né, muito bom, a gente brincava mesmo, nós brincávamos muito, eu e ele (*rindo*).

NA – E o Laranja a senhora conheceu?

DA – Conheci o Laranja, mas não tinha intimidade com o Laranja, nunca tive.

NA – É porque ele e o Laranja têm um trabalho muito importante em Chagas.

DA – É?

NA – Não é? A senhora conhece o trabalho deles, não?

DA – Não, não conheço o trabalho deles.

NA – A senhora não conheceu o trabalho deles?

DA – Não, não conheci o trabalho deles (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Que eles fizeram em Bambuí, junto com Emanuel Dias.

DA – É? O Dias (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora conheceu o Emanuel?

DA - ... muito amiga do Dias...

NA – Ah, conheceu.

DA - ... o Emanuel. O pai também...

NA – O Ezequiel.

DA - ... o Emanuel, é muito amigo meu também.

NA – Não, não, (*era?*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) Carlos.

NA – João Carlos...

DA – João Carlos, né, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas o Emanuel a senhora conheceu também?

DA – Muito. O Emanuel eu conheci num momento que eu até vou te dizer aqui. Eu trabalhava com o Barth, eu trabalhava com o Barth, e eu estava fazendo aquela parte de Anatomia e Histologia do barbeiro todo. Ficava até tarde no laboratório fazendo isso. E me chega lá, o Emanuel, que eu não conhecia o Emanuel Dias. Aí, ele chegou lá, bateu na porta, entrou, eu disse: “O que é?” “Ah, eu quero saber quem é esta dr. Dyrce Lacombe.” Eu disse assim: “Por quê?” “Eu quero falar com esta mulher! Afinal de contas..” assim, mas brigando comigo, sem saber que era eu. “Por quê?” “Afinal de contas ela faz uma publicação...” aí, mostrou meu trabalho, “vem com esse trabalho, e não é capaz de citar meu nome aqui no trabalho!” Então, que negócio é esse? E (?), essa mulher é ignorante!” E eu, aí, quando ele acabou de falar tudo, aí, eu parei, olhei pra ele assim, disse assim: “(?) com quem o senhor está falando?” Porque não me amedrontava, naquela época eu era um homenzinho, eu não me amedrontava com ninguém. (?) ser o diretor, o presidente, qualquer um era qualquer um pra mim, nunca tive medo. Eu falei assim: “O senhor sabe com quem o senhor está falando?” “Ah, eu não quero saber, eu quero saber é dessa fedelha, é dessa mulher que faz isso!” “Pois é, essa mulher que faz isso sou eu!” Aí, ele caiu em si: “Ah? Você?” Eu disse: “Exatamente. E sabe por que eu não citei seu nome? Porque o senhor nunca fez Histologia, o senhor não fez isso! O senhor apenas viu algumas coisas, tá certo, mas Histologia o senhor nunca fez. E esse trabalho aí está dizendo assim: Anatomia e Histologia da (?), tá? Eu não tinha obrigação nenhuma de citar você.” Aí, ele falou: “Hã? É Histologia eu não fiz, mas eu (?).” “Tá bem, o senhor (?), está certo. Agora, o senhor podia ter dito pra mim: ‘Olha, eu não estou vendo’, mas com educação. Agora, não venha com... mal educado comigo, não, berrar (?) com as suas ‘negas’!” Ah, mas eu brigava muito (*rindo*). Você sabe que esse homem se tornou um dos maiores amigos meus (?)? Homem é assim, né, você dá uma paulada nele, ele fica logo quietinho. (*risos*) É mesmo! É verdade, sim.

NA – Ele achou uma petulância...

DA – Uma petulância.

NA - ... a senhora fazer um trabalho de Chagas, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – E não botei o nome dele. Aí, eu achei uma petulância ele vir falar do meu trabalho, que não tinha nada a ver com ele...

NA – É, mas é... eu acho que isso tem a ver o seguinte, é porque, na verdade, provavelmente, ele era... se sentia o dono do pedaço, não é?

DA – Bom, isso não precisa... isso é o mal do ser humano, porque ele tinha... realmente ele se sentia o rei do pedaço. Então...

NA – Chagas é com ele mesmo, todo mundo tem que citar ele.

DA – É. (*falam ao mesmo tempo*) e (??) veio uma outra coisa, vem num tempo pra cá... Você conheceu a Maria (?), não conheceu?

NA – Conheci.

DA – Pois bem, (?) (*vem?*) na época da Maria (?). Eu descobri uma coisa (?), entendeu, porque o próprio Emanuel Dias disse que um barbeiro infectado estava infectado para o resto da vida. (*interrupção da fita*)

Fita 2 – Lado B

NA - ... aqui nesse negócio. A senhora quer um pouquinho d'água? (*pausa na gravação*)

DA – Eu estava te dizendo...

NA – (?) é o seguinte, Emanuel, que o ...

DA – É.

NA - ... a Maria Deane, o Emanuel, a Maria (?)...

DA – É, aí, na época o Emanuel... mas se tornou depois um grande amigo meu, nós éramos muito amigos mesmo. Inclusive, eu tenho coisas aqui, dele, que ele trouxe lá dos Estados Unidos pra mim, (*quer dizer*), (?). Mas...

NA – A Maria Deane.

DA - ... a Maria Deane... Eu, com um trabalho que eu faço de Histologia, vendo o barbeiro por dentro, e todo mundo... comecei a trabalhar com barbeiro infectado.

NA – É, porque ele dizia que o barbeiro infectado (?) a vida toda.

DA – A vida toda.

NA – E a senhora...

DA – Aí, comecei a ficar com dúvida: mas se o barbeiro pode ficar infectado a vida inteira, se o *trypanosoma cruzi* está dentro do intestino, e se sair, sai tudo e ele fica limpinho. Não pode, ele tem que sair (?), (???). Aí, eu falei...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - Cadê o negócio que estava aqui? Eu vou te mostrar. Então, eu, trabalhando aqui no

Instituto (?), esse... o *trypanosoma cruzi* em microscopia eletrônica...

NA – Na forma o quê?

DA – Ele em microscopia eletrônica.

NA – Não, mas que forma, essa dele, a forma alongadinha?

DA – Alongadinha, é, alongadinha, que (*vem?*) dentro do... Bom, isso é o aparelho digestivo de barbeiro. Aqui: aparelho digestivo de barbeiro, (*tem?*) (?), quer dizer, o intestino... Então, para o Emanuel Dias o... (?) forma alongadinha se retraía, ficaria aqui dentro, e depois sairia, (*entrava?*) no reto, que é aqui, e saía para infectar a pessoa. Mas, eu comecei... eu tenho um... sei lá, num (*macaco?*) não funciona assim, esse (?). Se sair tudo (?), o bichinho fica... não é mais infectado. Então, o que é que eu fiz? Comecei a fazer Histologia do barbeiro infectado.

NA – Dessa parte, do reto, do...?

DA – Não, de tudo.

NA – De tudo, de tudo, tudo?

DA – Tudo, tudo. Aí, comecei a ver o *trypanosoma cruzi* ali, todos eles, dentro do aparelho digestivo. E (?) comecei a ver também que eles saem de dentro do aparelho digestivo, aqui, eles saem pela parede, e ficam no (?), que é onde ficam as células da (?), é como nosso sangue, que são aquelas células da (?). E eles, então, penetram...

NA – Circulam no sangue...

DA – Exato. Primeiro eles circulam dentro da célula. Aqui: eles penetrando nas células do sangue, que eles chamam de (?). Aí, eles penetram nessas células do sangue, e dentro dessas células do sangue – aqui, está vendo?

NA – Estou, estou vendo. Está cheio deles aí.

DA – Pois é, está cheio deles – eles se multiplicam dentro das células, bastante – aí, ó – e saem depois, deixe eu mostrar aqui – se multiplicando, porque é como uma espécie de uns alvéolos dentro dessas células. Essas células (?) um aumento, e arrebentam.

NA – Arrebentam a célula, né?

DA – E eles saem, eles saem. Aí, o que é que eles fazem? Vão se (?) no aparelho digestivo, no aparelho dos (*tubos?*) (?), e penetram aí, nos (*tubos?*) (?), vão penetrando... Os (*tubos?*) (?) são esses aqui, ó, é no final.

NA – Aí, ó, eles, aqui.

DA – Aqui.

NA – É.

DA – (*Os tubos?*) (?), (*??*) (*tubos?*) (?). Então, eles penetram...

NA – Nesses tubos...

DA - ... nos tubos (?). Alguns ficam, (?) assim, e vão saindo, vão saindo, olha aqui, dentro de esferas, verdadeiras esferas, vão saindo e vão para o reto. Olha a quantidade deles aqui.

NA – Nossa!

DA – Tá vendo? Ó aí, tudo isso é no reto, (*??*) (*vai?*) sair. Aí, vão saindo, (*inaudível*)... Então, aqui você tem uma explicação. Eles, saindo, o que fica dentro da (?), ainda tem outros. Aí, então, há uma continuidade.

NA – Não saem todos?

DA – Não saem todos, alguns ficam, se multiplicam, e entram em outras células da (*hemolinfa?*). Aí, outras células da (*hemolinfa?*)...

NA – Se multiplicam, ou seja, ele fica se reproduzindo ali dentro, se reproduzem dentro...

DA – Quer dizer, se reproduzem dentro da (*hemolinfa?*), e depois, então, quando já pronto, penetram e saem. Aí você tem a explicação que um barbeiro, uma vez infectado, é infectado a vida inteira.

NA – Ele dizia isso, mas ele não sabia?

DA – Não, ele não sabia. O próprio (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ele não (*falam ao mesmo tempo*) por quê, né?

DA – É. Ele... Quem viu também essa coisa aqui foi o Cecílio (*Romana?*).

NA – Sei.

DA – Eu fui muito amiga do Cecílio Romana. O Cecílio Romana vinha pra cá pra trabalharmos juntos, os dois, eu e o Cecílio Romana, trabalhávamos juntos. Ele era espetacular, (*??*) disse assim: “Eu vi isso, mas não soube interpretar.” Ele não sabia. Aí, num belo... a primeira vez que eu descobri esse troço eu fiquei com medo de apresentar porque a quantidade de gente que sabe Doença de Chagas! Era Brener, era Alvarenga, era não sei quem mais que... eram assim, uns deuses. Eu disse assim: “Mas eu vou ao congresso, um congresso internacional (*espirra*) (*falam ao mesmo tempo*)...”

NA – (*falam ao mesmo tempo*)1979...

DA – Que aquele...

NA - ... no ano do cinquentenário da morte de Chagas, da descoberta do Chagas.

DA – Da descoberta de Chagas. Ali, no... Aí, eu fui. O que é que eu fiz? Aí, eu fui ao congresso, era *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – *(falam ao mesmo tempo)* 79, é isso?

DA – Eu acho que sim. Foi no Hotel Glória isso.

NA – É esse, *(falam ao mesmo tempo)*.

DA – *(falam ao mesmo tempo)*.

NA – É o primeiro congresso de Chagas no Brasil.

DA – É. Aí, eu fui. Quando cheguei lá eu fiquei com medo, mas *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – *(Eu estava nos dois?)*. O Chagas Filho que organizou.

DA – É. Aí, o trabalho meu, eu tinha falado com uma menina lá de Belo Horizonte, de Belo Horizonte não, de São Paulo, que fazia também Chagas.

NA – Quem era?

DA – *(tossindo)* Ela tem vários trabalhos, ela junto com aquele outro, que também era um grande pesquisador em doença de Chagas também.

NA – São Paulo?

DA – São Paulo.

NA – Ribeirão Preto?

DA – Ribeirão Preto.

NA – O (??)?

DA – Não, *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – O (??) fazia Anatomia também.

DA – Não, não, (??), *(inaudível)*. Aí, ele (??), telefonou pra mim de lá de São Paulo, disse: “Dyrce, pode apresentar o trabalho, que eu estou fazendo aqui, deu direitinho.”

NA – Repetiu a experiência?

DA – Repetiu. Eu disse: “Tá bom.”. Aí, eu fui (?), sentei lá na frente, aí, fiquei (*esperando?*). O Brener era o diretor do congresso até, era um cabeças do congresso.

NA – É, mas o Carlos Chagas Filho é que organizou.

DA – É, que organizou foi o Carlos Chagas. Aí, eu peguei... Me chamaram para apresentar o trabalho e (*participar?*) (?). Tudo isso, as fotografias, sou eu que faço. Aí, passei tudo, virei tudo e tal, (*inaudível*). Quando terminou eu disse assim: “Alguma pergunta? Podem fazer.” Eu (?). Ah, menina, aí, (*rindo*) a Maria Deane levantou: “Escute, eu quero falar com você o seguinte, Dyrce...” Ela me chamava de Dyrce. “Que (?) que você vem para cá para atazanar, para embrulhar todo mundo nesse troço, que não se faz? Você não sabe nem o que é trypanosoma cruzi, não sabe nada, ou a espécie... não... Você (*faz?*) sempre Histologia, mais nada! Agora você vem aqui só para... “ Não é atrapalhar, não, ela deu um outro... Sabe como a Maria Deane era, né? “Você...”

NA – Não, não sei como ela era (*falam ao mesmo tempo*).

DA – ... “você é uma fedelha que não sabe fazer nada...”

NA – Ela (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... “que não sabe fazer isso, porque isso... Eu tenho... Há mais de 3 anos ou 5 anos que eu trabalho em doença de Chagas, nunca ouvi nada disso, nunca vi, nunca ouvi falar sobre... Que negócio é esse? Só veio aqui para atrapalhar?” Me meteu o pau. Eu estou quieta, eu estou ouvindo. Aí, o... aquele outro... era o Alvarenga também, Alvarenga, era um dos grandes (?), aí, falou assim: “Pois é, e todo mundo sabe que trypanosoma cruzi é incapaz de atravessar a parede porque essa parede é (*quitinosa?*), e o trypanosoma cruzi não atravessa uma (?) de quitinosa”, e não sei o que é que fez... Eu fiquei quieta. Quando terminou eu virei para o diretor do congresso...

NA – O Brener?

DA – Era o Brener? E disse assim... Não, nem era o Brener...

BA – O Chagas Filho?

DA – Não, era aquele outro pequeno, que agora é ministro, como é?

NA – Agora é ministro?

BA – Não era do CNPq?

NA – Ernei , o Ernei Camargo?

DA – Não!

BA – O (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – (?) que fazia microscopia eletrônica lá.

NA – Ah, o Vanderley!

DA – O Vanderley, era o Vanderley. Aí, eu peguei, disse assim: “O senhor me deu... Que cepa que o senhor me deu” – primeiro estava com (??) – “que cepa que o senhor me deu quando eu lhe pedi? Foi t cruzi ou foi de quê?” Aí, ele disse assim: “Não, pelo amor de Deus, eu lhe dei foi t cruzi!” Eu disse: “Ah, tá. Dra. Deane, está respondida a sua pergunta, tá, foi t cruzi que ele me deu. Realmente, a senhora tem toda a razão, eu não sou sistemática, eu não sei se é trypanosoma cruzi, se é (?), ou se é outro tipo, tá, porque eu faço Histologia. Mas ele disse que me deu foi cruzi. Então, isso daqui é t cruzi, a não ser que ele não tenha...” “Não!” “E outra coisa, eu quero agradecer à senhora por ter me chamado de fedelha. Fedelho, no meu Português, é gente nova, que está começando, (?), e eu sou uma senhora já, já estou no fim de carreira, a senhora está me chamando... Muito obrigada pelo elogio.” A mulher ficou puta da vida, de raiva. (*risos*) Menina, se pudesse me comer (!)!

NA – Mas isso foi em 1959 mesmo?

DA – Não sei, eu sei que foi lá no congresso, lá do... foi naquele congresso de...

NA – Vanderley estava saindo dos cueiros em 1959, não é? Não, é depois, é Caxambu.

DA – Não, não, foi aqui, foi no Hotel Glória, aqui, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – 69. 79 (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Foi 79, foi aqui.

BA - ... teve uma comemoração.

NA – Também, deve ter sido outra porque...

DA – É.

BA – Que 59 foi o cinquentenário, (*falam ao mesmo tempo*) (??).

NA - ... 59 (*falam ao mesmo tempo*).

DA – É, então, foi no congresso.

NA – É, pode ser, sim.

DA – Aí...

BA – 79.

NA – Não é 59.

BA – Mas isso deve ter no currículo dela.

DA – Aí, então, depois que terminaram esses troços todos, aí, eu falei assim: “Bom, agora vou perguntar...”

NA – Tá vendo? Olha aqui, 1980.

DA – “... vou perguntar (?). Ora, eu sempre estudei Histologia, conheço bem a Histologia e duvido que aqui exista alguém que saiba mais do que eu em Histologia. Histologia é uma coisa que eu aprendi com Rodolfo Barth, o rei da Histologia. Então, eu quero dizer uma coisa, então, eu não sei mais nada. O senhor está dizendo que a parte toda do (?) do barbeiro tem a parte quitinosa, e que não (?). Lá não tem parte quitinosa. O senhor me desculpe, mas (?) não tem parte quitinosa, ou, então, eu não sei Histologia, porque a parte quitinosa é a parte (?), e a parte (*ectodermal*?) é a parte anterior do esôfago, do estômago, e aqui é a parte retal. Agora, essa parte mediana não, essa parte mediana é (*endodermal*?), então, (*endodérmio*?) não tem (?) (*rindo*), não tem (?)” Aí, eu dei uma aula de Histologia (*pra o cara*?). “(*inaudível*)...” Eu nunca me esqueço disso.

BA – E ninguém nessa...?

DA – Ninguém.

BA - ... discussão veio em sua defesa?

DA – Não, não, ninguém! Aí, (?). Quando eu terminei o troço, eu sei que o pessoal levantou, bateu palmas, achou bonito, e tal, aqueles troços, aí, um senhor levantou-se: “Dyrce, eu faço questão de apertar sua mão.” Eu disse: “Ah, a mim? Ah, muito obrigada.” “Sabe quem eu sou?” Eu disse: “Eu não!” Não sabia mesmo. EU (?), disse: “Não.” “Eu sou Cecílio Romana.” Quando ele falou “eu sou Cecílio Romana” eu caí dura.

NA – Caiu dura pra trás.

DA – Eu disse: “O quê?”

NA – Ele devia estar bem velhinho, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É. Aí, ele virou-se pra mim, e disse: “Eu vi, eu já vi tudo isso que você apresentou aqui. É verdade porque eu já vi, mas acontece que eu não publiquei porque eu não soube interpretar isso, então, o (??)...”

NA – (*Nunca publicou?*).

BA – (*inaudível*)

DA – (??). Desse dia em diante a Maria Deane, ó, (*faz um som*) (*rindo*), (?) o ódio comigo.

NA – É mesmo, é?

DA – É.

BA – E vocês já eram do mesmo departamento?

DA – Do mesmo departamento. O marido dela era o chefe da Entomologia, (??), uma pessoa muito boa. E ela era da... debaixo de nós, quer dizer, da Bacteriologia, né? Mas (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Ficou a impossível a (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Eles foram (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não, mas não foi impossível porque eu, dentro da Histologia, eu não dependo de ninguém, (??) não (*dependo?*) mesmo. Eu sei fazer Histologia, eu faço Histologia, interpreto a Histologia... O único que poderia me combater era o...

NA – Quem?

DA - ... o Barth. Mas foi com ele que eu aprendi!

NA – Mas ele já estava (*falam ao mesmo tempo*)...?

BA – Ele não estava, ele não assistiu essa apresentação?

DA – Não, não.

NA – Ele já tinha morrido?

DA – Já tinha morrido.

NA – 79... Quando é que ele morreu?

DA – Não sei, não, mas eu sei que ele já... Se fosse por ele eu jamais faria esse trabalho porque eu ia fazer trabalho na área mais infectada.

NA – É, ele devia estar com medo.

DA – Ele não queria.

NA – Ele não queria. Agora, eles foram para lá, os Deane, para o Instituto Oswaldo Cruz, em que época?

DA – Não sei, eu sei que eles foram pra lá, e o Deane foi ser o chefe da Entomologia.

NA – Ela não foi agora, foi... é muito recente, é muito... (?) o Vinícius da Fonseca?

DA – Quem?

BA – Foi depois do Vinícius.

NA – O Vinícius da Fonseca.

DA – Não, (lá?) é Oswaldo Cruz, e do lado de cá (??), (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ah, (*falam ao mesmo tempo*) (!) Não, lá é Oswaldo Cruz, eu sei, mas aqui é o (??)?

DA – (??).

NA – (*falam ao mesmo tempo*), eu conheci o Vinícius da Fonseca. A senhora lembra dele, do Vinícius da Fonseca?

DA – Lembro, lembro muito bem dele. O pessoal de lá eu me lembro bem.

NA – É, ele (??) (*falam ao mesmo tempo*).

DA – O Fonseca me ensinou muito a parte de Histoquímica, eu aprendi muito a parte de Histoquímica com ele.

NA – Onde?

DA – Lá na...

BA – Biofísica?

DA – Não, na Biofísica.

NA – É, (*falam ao mesmo tempo*), Biofísica.

DA – E ficava com ele lá... O Barth ficava danado da vida, mas eu deixava o Barth e ia lá (*rindo*) (*falam ao mesmo tempo*).

NA – A senhora começou a frequentar a Biofísica quando?

DA – Olha, desde que o (?) saiu de lá da presidência do conselho, e eu fui lá para o laboratório dele. E eu ia todas as manhãs, ou, senão, à tarde. Eu ficava de manhã lá, de tarde lá, no Instituto, entendeu? E eu trabalhei com o (?), muito, e (?). Eu acho que eu botei o (?) apaixonado pelas minhas glândulas de (?) das cracas. (*rindo*) Eu botei ele trabalhando em craca, e ele trabalhou em craca durante o tempo todo comigo. É, o (?) gostava. Não foi em barbeiro, não, não fiz nada em barbeiro com ele, com ele eu fiz craca. Eu gostava mais de craca do que de barbeiro.

BA – Agora, como é que ficou esse trabalho, a senhora publicou?

DA – Eu publiquei esse trabalho tem...

BA – Eu sei, a senhora está falando de uma apresentação do congresso, não é?

DA – É, mas depois daquela apresentação eu apresentei esse trabalho em vários lugares, por exemplo: apresentei o trabalho na Academia Brasileira de Ciências, está publicado no Instituto Oswaldo Cruz, está publicado lá na... como é... lá na Inglaterra também, na revista, e um outro, eu acho que na... não, (?) somente apresentei, na... (?), na Sophie (?).

NA – O quê?

DA – (?) Sophie, essa minha amiga Sophie (*Jacoska?*). Vocês não conhecem. Sophie Jacoska é uma das maiores...

BA – Sophie?

DA - ... celebridades...

NA – Como é que escreve isso, hein?

DA – *S o...*

NA – *S o...*

DA - ... *p h i e.*

NA - ... *p h i ...*

DA – Sophie.

BA – (*inaudível*).

NA – Sophie?

DA – Jacowska... Eu acho que é isso, Jacowska.

NA – Jacowsko?

DA – Jacowsko, Jacowsko...

NA – Ela é o quê?

DA – É polonesa.

NA – Polonesa?

DA – Polonesa. Uma das grandes amigas minhas que eu tenho lá nos Estados Unidos, mas agora ela está morando na República Dominicana, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – E ela trabalhava com o quê?

DA – Ela trabalha... ela faz Histoquímica na... E, olha, a apresentação... Eu tenho um... Ah, espera aí, o nome dela está aqui. Eu tenho um trabalho aqui...

NA – Dela?

DA – É, junto com ela. Sophie Jacowska.

NA – Olha aí.

DA – Entendeu mais ou menos?

NA – Jacows... É a mesmo, é Jacowska.

DA – É.

NA – Sophie, *p h i*, isso, ela é polonesa.

DA – Ela é polonesa.

NA – Ela é... ela trabalha com...?

DA – Ela faz toda a parte de...

NA – Parasitos também, não é, não?

DA – É.

NA – Não é isso? Parasitos?

DA – Parasitos, ela trabalha em parasitos (*falam ao mesmo tempo*)... Isso aqui foi um trabalho que eu apresentei, que eu descobri esses parasitos...

NA – 2002.

DA – É.

NA – Descobriu... Como é que chama? (*Rieuraphia?*)?

DA – Não, (*eurafia risófora?*) é uma craca que vive em pântanos. Dentro da euráfia risófora tem esses parasitos, essas (*gregarinas?*).

NA – Gregarinas?

DA – Gregarinas, gregarinas (?) (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ah, isso aqui é impossível, que tem que anotar senão (?) a transcritora...

DA – (*tossindo*) (*Cefaloidófora?*)...

NA – (?). Gregarina cefaloidófora... (*fora?*), né? Ah, não, cefaloidófora *comunis?*

DA – *Comunis*. Vive dentro do organismo...

NA – Da euráfia.

DA - ... da euráfia risófora. Euráfia risófora é uma craca que foi descoberta pelo nosso grande (*Legênio?*).

NA – De Oliveira?

DA – É.

NA - Aliás, eu ia lhe perguntar sobre ele. A senhora conheceu porque (?) (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Conheci muito.

NA - ... Mônica, não é?

DA – É.

NA – A Mônica trabalhou com ele, não?

DA – Não...

NA – Não, quem trabalhou com ele foi um pessoal do Museu Nacional, a Leda Dau, eu acho.

DA – É. Eu acho que sim, porque de lá do Instituto ninguém trabalhou com ele, não.

NA – Era a parte de... Ele trabalhava na parte de Ecologia, não é isso?

DA – É, Ecologia. Ele fez a parte toda de (?). Muita coisa...

NA – A senhora conheceu o Legênio lá no Instituto mesmo?

DA – Muito, muito. Eu ia lá para o laboratório dele porque eu... ele trabalhava também com cracas, e eu ia lá falar de cracas com ele, sobre as cracas, sobre todas as coisas.

NA – Ele trabalhava naquela parte da Ilha, não é?

DA – Na Ilha mesmo.

NA – E... Mas aquilo foi desativado na *(falam ao mesmo tempo)*.

DA – Foi desativado.

NA – O que é que aconteceu com ele? Na verdade ele tinha esse laboratório...

DA – Ele saiu...

NA - ... de Ecologia...

DA – É.

NA – Era de Ecologia que chamava, né?

DA – É. Depois, ele e a mulher, eles...

NA – A mulher quem era?

DA – Ele tinha a mulher dele *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Trabalhava com ele?

DA – Trabalhava com ele, os dois. Ela fazia *(rotíferos?)* até.

NA – O quê?

DA – Rotíferos.

NA – Rotíferos. O que é que...

DA – É.

NA – Como é que escreve isso?

DA – Rotíferos é uma... é um bichinho unicelular, pequenininho, existente no mar, e que é muito bonito, mas é muito bonito também, *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Rotíferos?

DA – É.

NA – Com *r u...*?

DA – R o ..

NA – Ro...

DA - ... rotí...

NA – Fe, assim (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É.

NA - ... rotíferos.

DA – Então, ela trabalhava com ele lá. Mas aí, na época que houve aquele... que você tinha que optar... Você lembra da opção (*falam ao mesmo tempo*)...?

NA – (*falam ao mesmo tempo*) do Vinícius.

DA – Pois é. Nessa época que tinha que optar ele não optou, então...

NA – Ah, não, foi antes do Vinícius, sei lá, da opção foi antes.

DA – Aí, ele não quis optar. Aí, como ele não quis optar, ele foi mandado embora de lá, do Instituto, tiraram ele (??) Ilha. Aí, eles foram para a faculdade, para a UERJ. Eu encontrei eles na UERJ.

NA – O Legênio?

DA – O Legênio.

NA – Agora, ele trabalhava com a (*euráfia?*)? Era ele?

DA – Ele trabalhava, não, ele que descobriu a euráfia nas (?). É uma craca que dá, fica aderida... (??), eu vou te mostrar (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Depois a senhora me mostra. É essa aqui a...

DA – Fica aderida aos troncos de mangues, àquelas raízes de manguezais.

NA – Se, sei, sei.

DA – Ficam lá, aderidas.

NA – E essa parte de Ecologia, eu fico assim... várias pessoas falam dele, era uma coisa nova naquele período, né?

DA – Muito nova.

NA – Nos anos 40, 50, não é, não?

DA – É. Ele sofreu muito.

NA – Por quê?

DA – Pela incompreensão de todos.

NA – Generalizada, né?

DA – Entendeu?

NA – É. Dentro do Instituto mesmo?

DA – Dentro do Instituto, ele fazia (?) dentro do Instituto.

NA – Acharam que ele devia...

DA – E ele sabia fazer PH da água, sabia fazer a parte de marés, sabia muita coisa. É um cara com uma cabeça espetacular. Era tão bom que todo mundo achava que ele era maluco. É, todo mundo... Olha, vou te dizer, os grandes cientistas são tachados de malucos porque são contra o padrão normal. São mais...

NA – Mas o pessoal do Instituto via ele assim, como um ser estranho, como é que era isso?

DA – Não, ele... todo mundo (?), todo mundo falava com ele e tal, mas...

NA – Não respeitavam ele?

DA - ... não queriam saber nada dele.

NA – Não respeitavam ele?

DA – Não... que ele vivia meio afastado de todos.

NA – Lá na Ilha?

DA – É, (?) Ilha. Mas era um cara... Eu passava dias lá com ele, passava mesmo, eu gostava dele.

NA – Agora, ele descobriu isso é nesse período, não foi... foi na... (*eu até vou?*) procurar isso.

DA – (*falam ao mesmo tempo*) sabe o tempo, são os trabalhos dele (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Dele? Ah, tá...

DA – É.

NA - ... eu vou procurar isso, que é interessante, não é?

DA – É sim.

NA - A senhora falou que ela... Mas, enfim, a senhora está dizendo que esse trabalho aqui é o quê? Quer dizer, na verdade, ele (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Esse é meu.

NA – Sim, é seu com ela...

DA – Não...

NA - ... e o (*Edalton?*), né?

DA – É, eu com a...

NA – Com a Sophie...

DA - ... Sophie e...

NA – E o Edalton.

DA - ... o Edalton.

NA – Mas a senhora falou o seguinte, que esse trabalho... eu lhe interrompi... A senhora ia falar do trabalho, que a senhora estava trabalhando com essa euráfia, mas a senhora descobriu essa gregarina.

DA – Foi.

NA – Junto com ela?

DA – Junto com ela.

NA – Dentro do... dessa... da euráfia?

DA – Dentro da euráfia.

NA – Ele é o quê, um... O que é que é? Um parasito?

DA – Ele é um parasito.

NA – É um parasito.

DA – É, um parasito, que, se aumentar muito...

NA – Que (*fica?*) no sistema digestivo...

DA - ... causa (*inaudível*). Agora, tem (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Se aumentar muito causa o quê?

DA – Se aumentar muito o parasito...

NA – A quantidade deles?

DA - ... aí, vai fazer mal ao animal...

NA – Ao animal.

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Entendi, entendi, é. Isso é recente, esse trabalho, recente seu, né, de...

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA - ... é de 2002.

DA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não, a senhora publicou em 2002.

DA – É.

NA – Mas a senhora vem desenvolvendo o trabalho desde quando? Quando foi que a senhora...?

DA – Ah, depois desse aqui eu fui lá pra... pra República Dominicana, fiquei lá. Trabalhei também naquele... um outro tipo de inseto que eu gostava muito, (??), e...

NA – Como é que é?

DA – *Embioptera*.

NA – A senhora tem que soletrar para a transcritora.

DA – Embi...

NA – É e...

DA – *E m b i o p t e r a, embioptera*. Então, eu, quando fui pra lá, comecei a trabalhar em

embioptera também, que eu comecei minha carreira aqui, no Instituto, trabalhando em *embioptera*. Depois eu passei para barbeiro, aí (??). Aí, eu voltei novamente para a *embioptera* lá. Fui fazer *embioptera* sabe onde? Em todo o litoral do Caribe, no litoral do Caribe.

NA – Que maravilha, hein!

DA – Eu fiquei lá no litoral do Caribe pegando os embiópteros todos que existiam lá. Aí, eu fiz o trabalho, vim pra cá, trouxe tudo pra aqui, e fiz o trabalho aqui...

NA – Da *embioptera*.

DA - ... mas não publiquei esse trabalho.

NA – Não?

DA – Ainda não.

NA – Quer dizer que a senhora está voltando ao início da sua carreira, é isso?

DA – É exato, isso mesmo (*que eu estou vendo?*).

NA – Por que é que a senhora está voltando a ter interesse de novo nisso?

DA – Não, lá não foi... porque lá na... Eu vi esses bichos... Eu sempre fui apaixonada por qualquer bicho, mas por esses aí! Quando eu vi os embiópteros lá, novamente, aí eu comecei a apanhar tudo pra fazer de novo, né, porque não tinha embióptero ainda do Caribe, aí, eu fiz o troço.

NA – Essas viagens... A gente vai ter que encerrar daqui a pouco porque o carro deve estar chegando ali para nos apanhar. A gente podia ter marcado uma outra vez com a senhora.

DA – Você não quer ver a...?

NA – Eu vou voltar aqui outra vez, se a senhora deixar.

DA – Não, tá ótimo, deixo.

NA – A senhora deixa (*falam ao mesmo tempo*) voltar aqui?

DA – Deixo, e marca pra mim direitinho.

NA – Vou marcar. Então, só terminar aqui.

DA – Tá, tá.

NA – Nesse período lá, que a senhora começou no Instituto, a senhora fazia essas viagens, já

começava a fazer viagens...?

DA – Ah, muito.

NA - ... de campo...?

DA – Muita viagem de campo.

NA – ... pra (*ficar?*), pra pegar essa própria *embioptera*, certo?

DA – Ah, sim.

NA – Que foi (*no início?*)...?

DA – Exato.

NA - ... ou não, foi depois?

DA – Não, pra pegar as embiópteras eu fui... muitas viagens que eu fiz...

NA – Com o Barth ou sozinha?

DA – Não, eu fiz algumas com o Barth, e o resto tudo eu fiz sozinha, porque o Barth não...

NA – Sozinha como? Com alguém do... carregando... algum assistente?

DA – Não, não, carregando nada, não.

NA – A senhora sozinha?

DA – Eu carregando mesmo tudo, eu mesma que fui levando o material todo e trazendo.

NA – O Instituto lhe dava um carro?

DA – O Instituto não me dava nada.

NA – A senhora ia com os seus próprios meios?

DA – Era, sei lá. Desculpe lhe dizer, mas o Instituto nunca me deu merda nenhuma. (*risos*)
(*som de uma música*)

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – O que é que aconteceu, Bianca?

BA – (*inaudível*).

NA – Ai, meu Deus!

DA – Mas as minhas viagens todas foi a Marinha que me dava, o Instituto de Pesquisa da Marinha...

NA – Porque aqui...

DA - ... financiava (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Sei, mas desde o início?

DA – Desde o início, desde o início que eu fui pra lá eles, na mesma hora, começaram a me mandar para Porto Rico, mandavam para todos os congressos, entendeu, e faziam todas as coisas, e o Instituto algumas coisinhas, mas não tudo.

NA – Isso na Marinha, né?

DA – Na Marinha, mas (?) teve apoio, que...

NA – Sim, mas... (*interrupção da fita*)

Data: 15/04/2005

Fita 3 – Lado A

NA – Hoje é dia 15, né, de abril de 2005. É a segunda entrevista com a dra. Dyrce (*pausa na gravação*). ... mas pouco.

DA – Pouco.

NA – Então, a senhora estava falando que...

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Agora mesmo... Deixe eu até... já vou falar logo aqui, deixe eu falar. A senhora (*falam ao mesmo tempo*) mostrando uma...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) depois?

NA – É, depois eu falo disso, (*Dyrce ri*) eu falo dessa história (?). É que tem um inseto com o nome dela, que foi em homenagem a ela. A gente terminou a última entrevista com a senhora falando do seu trabalho na Marinha, que a senhora tinha sido...

DA – Na Marinha?

NA - ... convidada para trabalhar na Marinha, certo? Foi assim que a gente terminou a última entrevista. E a gente está agora aqui com um álbum de recortes de jornais que ela organizou, exatamente sobre esse período que é nos anos 70 ...

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – É. A senhora podia nos doar aqui para a gente organizar isso.

DA – Ah, não, pelo amor de Deus! Não posso doar, não...

NA – Não pode doar?

DA - ... (*deixe eu morrer primeiro?*).

NA – Não, não faça isso...

DA – Depois eu dou.

NA - ... morrer primeiro, não. A senhora tinha que nos doar pra gente tentar preservar isso aqui.

DA – Ah, é.

NA – A senhora não vai morrer tão cedo.

DA – Preservar isso tudo.

NA – Olha o Legênio!

DA – (*falam ao mesmo tempo*) Legênio, é.

NA – Olha só, que beleza isso aqui, hein! Isso (*falam ao mesmo tempo*) Brasil...

DA – É. Legênio quando...

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*), 21 de janeiro de...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) Baía de Guanabara.

NA – Exatamente.

DA – É.

BA – (?) falando ainda (?).

NA – É. 21 de janeiro de 73. É uma matéria no Jornal do Brasil, primeiro caderno, e Legênio de Oliveira... A senhora... Pois é, vamos só retomar um pouquinho. Na verdade, essa área de Biologia Marinha, do Instituto, começou com o Legênio, ou já era mais antiga?

DA – Não, eu acho que é...

NA – A senhora lembra disso?

DA – Lembro.

NA – Quando a senhora chegou ele já estava?

DA – Ele já estava, mas ele já estava em Biologia Marinha, porque no Instituto Oswaldo Cruz, naquela época, quem era diretor era o dr. Olímpio da Fonseca. O diretor Olímpio tinha uma visão muito larga, muito ampla, de tudo. Então, nessa altura, ele contratou o Legênio para fazer Biologia Marinha, que o Legênio só fazia Biologia Marinha. Então, o Legênio fazia todas as coisas em relação á água, o PH da água, a acidez, o (?), onde, a localização, tudo era o Legênio que fazia, inclusive, estudava também os animais marinhos, entre eles as minhas cracas. O Legênio, estudando aquilo, o Legênio conseguiu, encontrou, aliás, naquela época, ele encontrou um tipo, uma espécie de craca mundialmente falada atualmente, e que todo mundo abaixa, vamos dizer assim, a cabeça pra o Legênio, porque o Legênio descobriu uma espécie de craca chamada euráfia risófora, que é uma espécie nova, e que dá no mundo inteiro. Essa é uma espécie que vive em áreas de manguezais, entendeu? Então, ele descobriu

essa craca, começou a estudar... E eu fui, naquela época, fui para o Instituto Oswaldo Cruz estudar Histologia de barbeiros, Histologia de insetos em geral. Mas, como eu sempre fui muito curiosa, também eu fui lá para ver o negócio das cracas porque eu gostava de cracas, fui lá falar com o Legênio. Aí, o Legênio me apresentou a elas, me deu um livro, que eu tenho até hoje na minha casa, sobre a origem dos animais, a origem das cracas, Sistemática, uma porção de coisas. Então, eu fiquei muito familiarizada com ele porque eu estudava cracas também, e estudava... não barbeiros, estudava naquela época (*embilídeos?*), esse que me deu o prêmio (?), o prêmio da coisa. Então...

NA – Da Academia?

DA – É, da Academia. Então, eu estudava os embilídeos com o Barth, eu trabalhava com o Barth, e estudava também as cracas, sozinha, e com o auxílio, às vezes, do Legênio.

NA – Mas esse interesse pela craca apareceu como?

DA – Apareceu... sei lá, amor à primeira vista (*rindo*).

NA – Não tinha nada a ver com o Milton?

BA – Sepetiba tinha craca?

DA – Não, Sepetiba não, não tinha craca. Eu não procurei cracas em Sepetiba, não.

BA – (??) (*falam ao mesmo tempo*) sua infância, ia pra praia, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não, lá eu procurei ter um conhecimento geral de toda Zoologia, e conheci muita coisa, aprendi muito (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Em Sepetiba.

DA - ... em Sepetiba.

NA – Mas essa história da craca não tem nada a ver com o Milton, não, né?

DA – Não, não, não tem nada a ver com o Milton.

NA – Foi no próprio Instituto que o pessoal começou a desenvolver o interesse pela craca, então?

DA – Foi, não, foi... no próprio Instituto não, foi no Instituto... eu gostei da (?). Aí, o almirante da Marinha, almirante Paulo Moreira, me convidou, a mim e ao dr. Barth, para trabalhar lá na Marinha. Aí, eu fui para a Marinha. Cheguei na Marinha, e verifiquei a corrosão...

NA – Isso, a senhora contou isso.

DA - ... que havia uma certa corrosão (?). Então, comecei a estudar os animais que fazem essa corrosão e incrustação. Aí o meu interesse pelas cracas, na Marinha. Agora, quando eu...

NA – Mas lá no Instituto a senhora nunca trabalhou com isso, especificamente com isso, não, né?

DA – Especificamente não, porque...

NA – A senhora ficou com o Barth, né, trabalhando com ele?

DA – É, trabalhando com o Barth, (*que só fazia?*) Histologia. E trabalhava... Mas eu fazia as minhas coisinhas, o Barth não dizia nada, não.

NA – Ele não reclamava?

DA – Não, não reclamava, em absoluto.

NA – A senhora chegou a fazer algum trabalho com o Legênio, escrever algum trabalho com ele?

DA – Não, não cheguei a fazer trabalho com o Legênio, não. Eu fazia muitos trabalhos, mas era lá na Marinha, pra não haver essa mistura entre a Marinha e o Instituto, embora houvesse um convênio.

NA – Eu ia lhe perguntar, a senhora era paga lá na Marinha para fazer o trabalho da Marinha?

DA – Não, não era paga.

NA – Não lhe pagaram nada?

DA – Não, pagavam uma verba, assim, avulsa, por serviços prestados, só.

NA – Sim, além do seu salário que a senhora tinha no Instituto?

DA – É, além do salário que eu tinha no Instituto. Então, eles me davam... E lá eles me deram todo o apoio. Eu tenho a Marinha como se fosse meu pai e minha mãe.

BA – O Barth ficou o tempo inteiro com a senhora na Marinha?

DA – O tempo todo na Marinha. Eu fui trabalhar com ele também lá na Marinha, nós fomos abrir um laboratório de Biologia Marinha. Ele era enorme, (?), aí que (*eu?*) (?). Mas era enorme o laboratório de Biologia Marinha.

BA – (??)?

DA – Lá no Instituto de Pesquisas da Marinha, então, lá mesmo, na Marinha. Aí, ele... era ele... é, mas ele tinha uns quatro ou cinco estagiários com ele. Aí, eu fui lá, e... Aí, ele

desenvolveu trabalhos em plânctons, e eu desenvolvi meu trabalho em incrustação e corrosão. O almirante me chamou, o diretor lá, né, almirante, ele me chamou e disse que queria que eu fizesse uns trabalhos sobre corrosão e incrustação marinha, porque havia um congresso internacional, foi em Porto Rico, eu acho, e nesse congresso a Marinha tinha que apresentar trabalhos. Então, eu fiz o trabalho sobre incrustação e corrosão em placas de navios, e o Barth fez a parte de plâncton. Depois tinha outros trabalhos, mas não eram nossos, não, eram de outra equipe, outras coisas. E nós fomos para Porto Rico fazer isso, apresentar o trabalho. Apresentamos, com a graça de Deus foi muito aplaudido o trabalho...

NA – Quando foi, a senhora lembra? Não?.

DA – (*inaudível*)...

NA – Não importa, depois a gente vê no currículo, depois a gente vê.

DA – É, vê no currículo, tá lá.

NA – Aliás, a gente queria tirar uma xerox desse currículo, pode?

DA – Pode. Mas esse currículo meu tá... não tá coisa, não. Esses últimos trabalhos eu nem coloquei nele. Mas eu sou uma pessoa, como todo pesquisador, eu sou meio relapsa com essas coisas.

NA – A senhora tem *curriculum latis*?

DA – Não.

NA – Não, né, *latis* não?

DA – Não.

NA – E a gente pode... mas a gente pode tirar uma xerox depois, então?

DA – Pode, pode.

NA – Eu posso levar e lhe trago?

DA – Pode. Eu tenho um... porque esse, esse daqui, esse currículo...

NA – Esse é mais antigo.

DA – (?), (*olha?*), 1996, está aí.

NA – Não, é muito antigo.

DA – Muito antigo!

NA – Aquele ali está mais atualizado?

DA – Qual?

NA – Esse aqui.

DA – Não sei, vê lá.

BA – (*inaudível*).

NA – Será? Bom, depois a gente vê isso aqui. Depois a gente vê qual é o mais atual, a gente leva, tá, pra tirar xerox.

DA – Eu... A gente pode assentar...

BA – Ah, sim.

DA - ... assentar também no currículo as...

BA – Acrescentar.

DA – Acrescentar, né...

NA – Tá, tá bom, (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... alguma coisa que você precisa.

NA – Então, tá, (*falam ao mesmo tempo*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*) craca pertence a que reino?

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Crustáceo.

BA – Crustáceo.

NA – (?)? É (??) uma pedra e agarra em qualquer coisa dentro do mar (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Aqui, ó, (*falam todas ao mesmo tempo*)...

BA - ... atender ao telefone.

NA – (*rindo*) Olha elas aqui. (*pausa na gravação*) Vamos voltando aqui.

DA – Tá.

NA – A senhora foi para a Marinha, a senhora já falou disso. Agora, deixe eu só fazer uma perguntinha, já que a senhora falou do Olímpio, depois a gente volta para a Biologia Marinha, porque, na verdade, isso, a Biologia Marinha, (?), o que eu não sabia era que o Barth...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) .

NA - ... mas que o Barth tinha interesse também nisso porque ele era entomólogo.

DA – Não, mas antes de ser entomólogo o Barth era um homem, digamos, de visão larga, que não era... ciência não era só Entomologia, (*falam ao mesmo tempo*) uma visão muito grande, assim como o dr. Olímpio tinha também. É por isso que eles aceitavam...

NA – Os (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Olha, eu pegava não era só cracas ou coisa, não, pegava qualquer bicho. (*Gefíria?*), por exemplo, que é um grupo...

NA – O quê?

DA – Gefíria.

NA – Gefíria?

DA – Gefíria.

NA – É o quê?

DA – É um grupo (*incerti?*) (?), quer dizer, um grupo... ainda tem dúvida...

NA – Grupo do quê?

DA – (*Incerti sedis?*), incerto (*sedis?*).

NA – *Sedis?*

DA – *Sedis*.

NA – *Sedis* é latim, que a senhora está falando?

DA – É latim, é. Aí, esse grupo era muito pouco conhecido, entendeu, ninguém conhecia. Eu, sem querer, né, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas é um inseto isso?

BA – Isso quer dizer... Não...

DA – Não, não é inseto, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA - ... não se sabe direito a que reino ele pertence.

DA – Não sabe direito...

NA – Não, não, não, (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... que tipo de bicho é, entendeu?

NA – É marinho?

DA – É marinho, é marinho.

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – E eu tenho mania, não sei se é marinho ou não, mas eu sempre apanho bicho (*incerti cedis?*), bicho que não é nem na direita, nem à esquerda (*rindo*), é assim.

NA – O que é que quer dizer à direita ou à esquerda?

DA – Quer dizer: é um bicho que não é nem vertebrado, nem invertebrado.

NA - (??)

DA – No meio, assim. Por exemplo, esses bichos embilídeos, que vocês estão vendo aqui, também...

NA – Também têm esse mesmo problema?

DA – Estão com esse mesmo problema.

NA – É uma espécie ou um gênero?

DA – É uma espécie...

NA – É um gênero? É gênero ou espécie?

DA – Não, é uma... é espécie não, nem gênero, é uma família que também...

NA – Uma família complicada de definir?

DA – É, porque tem...

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... tem características de insetos bem superiores, como também tem características de insetos bem...

NA – Primitivos.

DA - ... inferiores. Então, a gente não sabe muito bem o que é, um ou outro. No caso da Biologia Marinha, eu descobri essas gefírias e levei lá para o laboratório. Descobri lá em Sepetiba. É uma beleza, aquilo é um... pelo menos era. Era um mar cheio de animais marinhos, e você pegava animais marinhos de tudo quanto é jeito lá. E eu apanhei essas gefírias. O Barth subiu umas pedras e eu levantei as pedras, e estava ela lá. (?) (Barth?) trouxe para o laboratório. Vocês sabem que apenas duas pessoas souberam identificar aqueles bichos?

NA – Quem são?

DA – Dr. Olímpio da Fonseca e o Barth, são os dois únicos. Os outros não conseguiram: “Que bicho é esse? Que negócio é esse?” Porque a gefíria é um tipo que... ela não é um verme, parecido com verme, mas não é verme, entendeu? Então, ninguém conhecia, a não ser o dr. Olímpio e o Barth. Aí, eu fiz no laboratório mesmo, eu...

NA – (?) (*descrever?*) (?)

DA - ... (??) a (?) dele, o desenvolvimento dele e tal, até fixar, porque eu olhava para o bicho com um olho assim, de fixação, de Histologia (*rindo*). E aí, um belo dia, eu apanhei o bichinho e cortei, fixei, depois cortei, e hoje em dia eu tenho ele todo cortadinho.

NA – Está descrito pela senhora?

DA – Tá.

NA – Mas, enfim, ele continua assim, sem se saber o que ele é, ou (?), ou não?

DA – Hoje em dia não sei, eu acho que hoje em dia já tem pessoas...

NA – Trabalhando nele?

DA – ... trabalhando (*com isso?*), eu acho que sim...

NA – Gefíria?

DA - ... eu não sei. É gefíria.

NA – Gefíria?

DA – Gefíria. Parece um verme. É uma pena... se tivesse o meu livro aqui eu te mostrava. Quer dizer, depois eu tenho o coisa aqui, eu te mostro ela, a forma dela.

NA – A senhora falou ali pra gente, agora, fora do gravador, que o Instituto nunca deu importância à Biologia Marinha, ou, pelo menos, às cracas.

DA – Não dá.

NA – Por quê?

DA – Porque...

NA – A senhora sabe?

DA - ... eles não têm um... Eu acho que os problemas do Instituto, o Instituto é problemas somente de doenças endêmicas, daí o nome, doenças endêmicas, e as cracas não são... não estão dentro das doenças endêmicas.

NA – Doença humana? O Instituto está voltado para a doença humana, é isso?

DA – É. Então...

NA – Mas mesmo nos anos... quando a senhora entrou, nos anos 50, era assim?

DA – Era.

NA – Já assim, era já assim?

DA – Já, todo (*mundo?*), que era médico a maioria do pessoal, né, de lá. O dr. Olímpio era médico, o doutor... aquele outro... Quase todos os pesquisadores eram médicos, então, eles tinham mais... os olhos virados para isso. A parte de Biologia Marinha não...

NA – Mas quando a senhora foi para lá, que saiu do Museu Nacional e foi para lá, a senhora sabia que era um instituto médico.

DA – Sim.

NA – Mas a senhora nunca quis ser médica, nunca teve interesse por doença humana, teve?

DA – Não, não, mas acontece que eu fui para lá para trabalhar com o Barth, que o Barth é... ele não era médico, mas ele era um pesquisador, entendeu, e que gostava de fazer Histologia. Ele aprendeu Histologia com um dos maiores histologistas do mundo, que era... eu não sei se... eu não sei bem. Então, nessa altura, ele sabia Histologia que ninguém sabia, nem Bruno Lobo sabia. Então, eu fui trabalhar com ele por causa disso, para trabalhar com Histologia. E ele trabalhava em Histologia de inseto, de preferência em insetos transmissores da doença de Chagas, quer dizer, barbeiro, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Isso não era seu interesse, né? A senhora foi por causa da Histologia, não por causa do barbeiro, não, né?

DA – Não, não, não. Mas (?) fiquei dentro do barbeiro também, mas por causa dele, entendeu? Agora, acontece que antes de eu fazer isso, antes de eu entrar no departamento dele, na linha dele, ele entrou primeiro na minha.

NA – Ah, foi?

DA – É, porque ele pegou meus embilídeos e trabalhou nos embilídeos, publicou um trabalho em embilídeo (*rindo*) também.

NA – Ah, é?

DA – É, porque o Barth era assim, como eu te disse, era um zoólogo, não era um...

NA – Mas essa história dos embilídeos a senhora já tinha no Museu Nacional?

DA – Não!

NA – Os embilídeos foi lá com ele?

DA – Foi lá com ele.

BA – A senhora levou os embilídeos?

DA – Não, eu fui passar acho que... eu não me lembro se foi férias ou o quê, eu tinha uma casa lá em Sepetiba...

NA - Sim, a senhora (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... e eu fui para lá. Mas eu sempre fui muito curiosa. Aí, eu comecei a olhar, assim, via aquela teia branca, assim, nas árvores, aí, eu fui lá (???) aquele bichinho correr. Eu (??). Aí, eu apanhei, comecei a apanhar uma porção deles. Levei lá para o laboratório quando eu voltei. Aí, eu... pra criar no laboratório. Eu tinha mania de criar bicho. Aí, (*inaudível*). Quando o Barth olhou, disse: “Dyrce, isso é embilídeo.” Eu disse: “O que é isso?” Ele disse: “Isso é embilídeo (?), que também não se sabe ao certo se é... que está entre os insetos mais evoluídos e os mais primitivos.” Aí, eu disse: “E agora?” Ele disse: “Continua a fazer suas coisas, e tal.” Aí, nós fomos para o Costa Lima, que era... naquela época, aí, eu... para o Costa Lima identificar. Aí, o Costa Lima identificou como *embolynta (batesi?)*. Aí, eu disse: “Tá bom.” Aí, eu...

NA – *Embolynta...*?

DA - ... (*batese?*). Mas, pelo Ross, não existe isso, não, pelo Ross... sabe como é que é Sistemática, (?) (*outra coisa?*). Aí, eu, durante toda minha vida... comecei... e publiquei muitos trabalhos. Tenho muito trabalho publicado em embilídeo, em *embolynta (batesi?)*, todo o aparelho digestivo, aparelho circulatório, aparelho... reprodução, tudo em *embolynta (batesi?)*.

NA – Que é classificado como *embolyntha (batesi?)*?

DA – É.

NA – Como é que escreve isso, hein? *Embolyntha... E...?*

DA – *Embolyntha...*

NA – É: *e - m - b - o...*

DA – ... *b... Embo...*

NA – É: *embo...*

DA - ... *lyn... l - y...*

NA - ... *l - y...*

NA - ... *i - n...*

DA - Não, *embolyn... n... n só...*

NA - ... *n (falam ao mesmo tempo)?*

DA - ... tira o *i* aqui.

NA – Ah, tira o *i*. É *y - n...*

DA – *t - h. Batese.*

NA – Essa é a outra palavra. *Batese.*

DA – *Batese.*

NA – É *e* ou *i*?

DA – (*Batesi?*), assim.

NA – *Embolyntha (batesi?)*.

DA – Olha, deixa eu ver, (*ele daqui dá?*).

NA – Anatomia... (*pausa na gravação*) Bom, olha só, vamos voltando, então. Então, já anotei aqui a revista que eu vou procurar.... Lá na biblioteca de Manguinhos deve ter. Agora, vamos voltar um pouquinho aqui. Na verdade, a gente estava falando do Instituto, como é que o Instituto não dava importância para essa área, de Biologia Marinha, como a senhora foi parar lá, na verdade, atrás da Histologia, do Barth, mas como ele era um homem aberto, assim,

para várias coisas, ele era um biólogo com uma formação ampla, ele se interessou, acabou se interessando, não só pelas embilídeas como também pela Biologia Marinha.

DA – Biologia Marinha, exato.

NA – Que a senhora, na verdade, foi levando esse seu interesse para ele. É isso?

DA – É, eu puxava bastante (*rindo*), (*inaudível*).

NA – Agora, deixe eu fazer uma pergunta, só um parêntese aqui. A senhora é “olimpeta”, né...

DA – Sou.

NA - ... a senhora falou.

DA – Graças a Deus.

NA - Agora me lembrei de um assunto aqui, que eu anotei (?). O que é que a senhora acha que aconteceu com o Olímpio, aquela crise que teve no Instituto... – a senhora estava... tinha acabado de chegar lá – ...

DA – É, eu tinha acabado de chegar.

NA - ... com ele, que ele acabou tendo que sair da direção?

DA – É.

NA – Como é que a senhora... A senhora lembra desses fatos?

DA – Olha...

NA – A senhora está lembrada disso?

DA – Não me lembro muito, sabe por quê? Eu fui trabalhar com o Barth. O Barth era o tipo do homem que não se metia, não deixava ninguém nem ouvir falar da política. Ele só disse pra mim: “Tá bem, você vai trabalhar comigo, (?) aqui, fica aqui.”

NA – Ele não se envolvia também com nada...?

DA – Não...

NA - ... com a política institucional?

DA – ... de jeito nenhum. E ele foi colocado em Manguinhos pelo dr. Olímpio também.

NA – Sei. Também ele era “olimpeta”

DA – Ele era “olimpeta”.

NA – Ah, sim.

DA – Mas ele jamais disse: “Eu sou ‘olimpeta’.” Não, (?) era o tipo do alemão, fechado (?). Aliás, ele era mesmo fechado.

NA – Não me lembro se a gente já falou quantas pessoas trabalharam com o Barth.

BA – Só ela, né?

DA – Somente eu.

NA – Nesse início era só a senhora?

DA – Só. Porque teve uma pessoa que começou a trabalhar, mas não (?) o... O método alemão de trabalho é diferente do nosso.

BA – Não tinha nenhum técnico (?)?

DA – Tinha um técnico muito bom, mas muito bom mesmo, que depois se aposentou.

NA – Fazia os cortes...

DA – Fazia os cortes, me ensinava, tinha... Me ensinava a parte dos cortes.

NA – Que ele já tinha ensinado... que o Barth já tinha ensinado a ele?

DA - Ensinado, acho que sim. Era Pedro o nome do técnico. Pedro era muito bom, e ele tinha muita consideração com a gente, (?), ele era diferente. O Barth não, o Barth era alemão.

NA – (??)?

DA – É, (?). Eu não esqueço uma vez... Tinha um rapaz, tinha... Eu me lembro de um rapaz que trabalhava com a gente também, muito bom. Ele trabalhava com o Barth, gostava muito do Barth, o Barth também gostava muito dele, e tal. Aí, ele resolveu casar. Aí, chegou perto de mim e perguntou: “Dyrce, vou convidar o Barth para ser meu padrinho de casamento. O que tu acha?” Eu disse: “Ótimo, formidável, muito bom.” Aí, ele foi. Aí, o Barth disse assim: “Não, não, eu não. Não, não quero ser, não.” Não foi padrinho.

NA – Aí, recusou (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Ele se recusou. E você sabe que o brasileiro, se faz uma recusa dessa, o brasileiro (?), xinga o outro.

NA – É, é verdade.

DA - O alemão não, o alemão foi muito sincero: “Não quero, não. Escolhe outro.” Assim. Porque ele é frio, entendeu, nesses troços.

NA – A senhora (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Esse rapaz era um estudante que nem a senhora?

DA – Era, ele era estudante, mas era um estudante espetacular. E ele ficou tão decepcionado que ele saiu do laboratório.

NA – Como é que a senhora se adaptou ao Barth?

DA – Eu não sei, porque eu acho que eu me adapto muito bem a tudo quanto é canto. Eu vivia com os índios o tempo todo lá, naquelas palhoças, naqueles coisas todos.

NA – Lá onde?

DA – É, no Amazonas. Aí, eu fui com aquele... Lauro Travassos fazia aquela excursão (?) (*científica?*), uma primeira... aquela excursão, a primeira, a segunda, eu acho que foi na terceira, excursões científicas que tem lá no Instituto. Eu com uma... pegando assim uma... como é que foi... eu acho que era uma mandioca grande. Era... eu estava em pé, assim, a mandioca estava mais alta do que eu, enorme. Tem lá no Instituto.

BA – Eu já vi essa foto.

DA – Já viu?

BA – Já.

DA – Pois é. Aí... e tinha um cara atrás, que era o dono da mandioca, olhando assim (??), (?) assim, daqueles homens (*safados?*), assim, olhando assim. Eu, assim mesmo, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora com a mandioca na mão?

BA – (*falam ao mesmo tempo*)

DA – Eu com a mandioca na mão, enorme, grande, entendeu? Naquela época eu não dava a mínima bola.

NA – A senhora não levou, assim... não ficou envergonhada também (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não, não, me lembro...

NA – Porque ele estava com um olhar maledicente, né?

DA - É, mas, atualmente, qualquer homem com um olhar assim a mulher fica (?). Eu, nem bola, não é comigo, entendeu?. O (?) gostava de mim por causa disso, porque eu podia estar onde... se viesse (?) (*paquerar?*), (*nada?*), (?) como moleca, você sabe como é que é, né? Mas, eu, nem pelota, não dava nenhuma bola pra ninguém. Entrava aqui, saía aqui, sorria e pronto.

NA – Mas a senhora ouviu muita piada, não ouviu, não?

DA – Ouvi demais! Dentro do Instituto? Rá, rá! Os homens chamados de homens sérios? Rá! Mas eu não... me dava muito bem com todos eles, gostava muito bem de todos eles...

NA – Não namorou nenhum deles, não?

DA – Não, graças a Deus, não.

BA – Não paquerava eles também, não?

DA – Nem paquerei, não. Eles que me paqueravam, mas eu não. Agora, eu trabalhei muito bem, e eu acho que com isso eu angariei amizades de todo mundo lá dentro.

NA – O Barth talvez também servisse de anteparo entre a senhora e o resto, né?

DA – Não sei.

NA – Porque o Barth não era um sujeito todo certinho, todo (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – É. O Barth achava que eu era o microscópio dele, entendeu? Mas eu acho que isso não era coisa para os outros (*escutarem?*), não, porque ele era (??) (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ah, não? (*falam ao mesmo tempo*) não? Ele não impunha respeito?

DA – Não, não (*era dessas coisas?*), e (*não davam?*). Eu acho que... O Barth era um alemão grande, bonito, né...

NA – Ele era? Eu não sei...

DA - ... ele era muito bonito.

NA - ... eu não (*falam ao mesmo tempo*), eu (?) posso ver (??), (?) (*lembrada?*).

DA – É. Eu tenho... Bom, ali, ó, você pode ver naquela segunda foto.

NA – Ali em cima, né?

DA – Em baixo.

NA – Em baixo? Aqui tá ele. É aqui, é aqui?

DA – É, é, é exato, de camisa branca. Ele era um cara bonito, era um homem bonito, grande, (*estampado?*). Mas ali, naquela época, eu só queria ver bichos (*risos*), só queria trabalhar em Biologia, mas eu não estava nem dando pelota pra nada, eu não queria saber de nada, eu só queria saber dos meus bichinhos, dos meus estudos... Eu sempre fui muito... Como é que se diz quando uma mulher é muito apegada aos estudos?

NA – CDF?

DA – PDS.

BA – CDF.

NA – CDF.

DA – CDF... Eu era muito...

NA – CDF.

DA – C...?

NA – CDF.

DA – P?

NA – CDF.

DA – TDF?

NA – Não, (*risos*) C – D – F.

DA – A! C?

NA – É, C – D...

DA – CDF.

NA - ... F, é, é.

DA – Eu acho que uma dessas, CDF, porque eu só queria saber disso, o resto não, de jeito nenhum, então...

BA – Mas, a essa altura, a senhora já tinha o seu namorado, não era? A senhora casou tão jovem, (*por?*) (?).

DA – Eu...

NA – Casou.

DA - ... casei jovem... não, eu fiz a faculdade, é.

BA – Quando fazia a faculdade não namorava ele...?

DA – Namorava.

BA – ... que veio a ser o seu marido depois?

DA – Veio a ser meu marido. Eu era completamente feliz, não tinha nada a ver com tristeza.

BA – Era outro mundo?

DA – Era outro mundo. E eu jamais me meti no mundo dele porque eu não queria que ele se metesse no meu mundo.

BA – O que é que ele fazia?

DA – Ele era do IBGE. Então, ele tinha as coisas lá no IBGE, e eu tinha as minhas coisas aqui.

NA – A senhora conheceu ele onde?

DA – Foi lá perto da minha casa mesmo, quando eu morava no Méier. Aí, eu (*inaudível*), (?) (*longe?*), (??), casei.

NA – Eu estou com uma sensação que a senhora se casou meio assim...

DA – Meio, eu me casei meio assim, é.

NA – (*falam ao mesmo tempo*) estava apaixonada muito, não, né?

DA – Não, aliás, eu nunca fui apaixonada por homem, não. Eu acho que o homem para você estar apaixonada é com um pezinho atrás e outro na frente. O que é que há? Não se pode confiar muito, não.

NA – É?

DA – Até hoje eu penso nisso.

NA – É? Por que é que a senhora acha isso?

DA – Porque eu vejo tantos casos por aqui, (??) fora. ‘Tadinha’ da mulher, às vezes chorando, chorando, (*inaudível*). Eu (??). Eu não sei, não.

NA – A senhora sempre foi assim...?

DA – Sempre.

NA – ... desconfiada dos homens?

DA – É. Eu sempre fui... eu sempre olhei muito para o meu umbigo, (?), é. Tem mulher não, que se... desculpe (?) falando (*vocês?*), (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não, a senhora está falando a sua opinião, ué!

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA - A senhora está dando a sua opinião.

DA – A minha opinião é essa.

NA – Mas isso que...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) fui para a Marinha, na Marinha também, você sabe como é que é o...

NA – Cheio de homem.

DA – Cheio de homem, só tinha homem. E a Marinha era terrível, pra começar do diretor, almirante, vice-almirante, todo mundo... As “paquerasões” lá eram enormes, (*inaudível*)... Quando a gente era paquerada por um almirante o cabo nem chegava perto. (*rindo*) Era um troço assim, ai, ai! Mas eu me divertia com isso, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não foi difícil isso, não?

DA – Não, eu tirava de letra esses troços todos! (*rindo*)

NA – É mesmo?

DA – (?), tirava de letra, (*minha filha?*), não foi difícil, não.

NA – Não...

DA – Eu nunca dei... (*interrupção da fita*)

Fita 3 – Lado B

DA - ... (*inaudível*). (*Eu disse?*): “Ó, (?), não dá, cara. Eu vou (?), (??), vamos é continuar a nossa amizade, é muito melhor do que qualquer coisa.” Aí... Olha, eu tenho uma amizade,

ele é desde a Marinha que vive me paquerando. (?) eu transformei aquela paquera numa amizade que até hoje... Ó, agora, no dia do meu aniversário, foi em março desse ano, ele esteve lá em casa, foi lá em casa me buscar para almoçar junto. Quer dizer, eu acho que é uma amizade porque nós temos três fases, eu acho: uma fase de... vamos dizer assim, que a pessoa fica tonta, né...

NA – Apaixonada?

DA – É, não é bem apaixonada...

BA – Deslumbrada?

DA – É uma outra coisa... uma paixão.

NA – Apaixonada!

DA – É apaixonada.

NA – É apaixonada.

DA – Então, teve uma época dessa. Depois, tem uma época da paixão, depois teve uma época do amor verdadeiro, do amor. E depois há uma época de amizade, você transforma aquele amor em uma amizade sadia, uma amizade (?), para a vida inteira. Tem essas três etapas.

NA – A senhora teve isso com esse almirante?

DA – Não, eu tive...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não.

NA – Ou foi com seu marido que a senhora viveu isso?

DA – Não, eu tive com o almirante mesmo.

NA – Ah, com o almirante.

DA – Com a almirante.

NA – Passou por essas fases todas?

DA – É. Hoje em dia é um grande amigo meu.

NA – Mas essa relação com os homens, naquele momento, isso... Porque eu estou imaginando o seguinte, como é que a senhora usou, né, o fato de ser uma jovem bonita no meio de tantos homens, tanto no Instituto como na Marinha, para poder fazer a sua carreira,

o seu trabalho, que a senhora tinha que ficar driblando, imagino eu, essas paqueras para poder fazer o seu trabalho, porque (?) com a senhora não era trabalho, certo?

DA – É.

NA – A senhora queria trabalhar, mas eles não queriam isso, não é?

DA – É, mas era... Eu passei muito bem (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora usou isso bem?

DA – Eu usei.

NA – A senhora... parece que sim.

DA – Usei muito bem. Todos eles gostavam de mim, e até hoje ainda gostam, alguns que estão vivos, né, ainda gostam, quer dizer...

NA – Isso não trouxe nenhum problema para a senhora...?

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – ... (*falam ao mesmo tempo*) estar impedida de trabalhar...?

DA – Não.

NA - ... “se não me namorar não vai fazer isso, ou não vai fazer aquilo”, nunca aconteceu isso?

DA – Não, nunca.

NA – Não?

DA – Não teve.

NA – Eles não foram um obstáculo a sua vida profissional?

DA – Ah, não, não, em absoluto, ao contrário. Quando (???) algumas... o pessoal da administração queria me (*impedir?*), aí, na mesma hora, eu não pedi nada, mas na mesma hora (?), eles queriam me impedir que fosse a um congresso, não me davam verba pra ir. Mas o almirante baixava uma ordem: “Você vai ao congresso tal, tal. E se não for com o dinheiro da Marinha vai com o meu dinheiro, mas vai!” Entendeu? Então, eu nunca tive problema nenhum. E essa hierarquia é muito comum eu não sei se no Exército, mas na Marinha é. Então, quando o almirante dizia: “Isso, é isso mesmo”, todo mundo calava a boca, ficava quietinho.

NA – E lá no Instituto com o é que era?

DA – No Instituto... eu não sei, praticamente, porque eu nunca usei (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mas a senhora falou aí que o Barth lhe via como um microscópio dele.

DA – Sim, como um microscópio dele. Então, quando chegava alguém perto de mim pra conversar, ele só olhava assim, com aquela... Ele era bonito, mas ele olhava com uma cara feia, aí... principalmente uma pessoa que estava do lado, conversando comigo (*rindo*).

BA – A pessoa sumia...?

DA – Sumia.

BA - ... ia embora?

DA – Você vai a um lugar em que você observa que é mal...

BA – Recebida.

DA - ... (?), (??), né, e saía.

BA – Isso acontecia em que situações, no refeitório, num congresso, como era?

DA – Não, no laboratório mesmo, (??) no laboratório. Agora, nas refeições não, no refeitório...

NA – Agora, isso tem um lado do bem, e do mal, né?

DA - Por quê?

NA – Não?

DA – Não.

NA – Porque isso dá um sentido de propriedade, né? O microscópio dele é dele.

DA – É dele, é exato.

NA – Isso é para o bem e para o mal, ou seja, isso significou, por um lado, que a senhora tinha uma certa proteção da parte dele...

DA – É, uma proteção muito grande dele.

NA - ... para a senhora poder fazer coisas que a senhora estava afim de fazer no trabalho.

DA – É.

NA – Agora, por outro lado, isso significava que a senhora também dependia dele completamente, é isso?

DA – Ah, não!

NA – Eu (*acho?*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) que ele protegesse, mas eu fazia as coisas que eu queria. Ele nunca me impediu de fazer nada que eu queria.

NA – Quando a senhora casou o que é que ele falou?

DA – Nada.

NA – E quando teve filho?

DA – Também não disse nada!

NA – Não falou nada...

DA – Não.

NA - ... que a senhora teria que ficar ausente...?

DA – Não.

NA – Quando o seu filho nasceu a senhora teve que ficar ausente, não foi?

DA – É, fiquei.

NA – De licença, né?

DA – Quando eu estive doente, operada desse coisa, eu passei acho que uns sete meses ou mais no hospital. Ele não falou nada, não.

BA – A senhora ainda trabalhava com ele quando fez essa cirurgia?

DA – Trabalhava com ele. Eu sempre trabalhei com ele, sempre trabalhei. Quando eu vim pra cá também... não, quando eu vim pra cá, para o Instituto Oswaldo Cruz, eu trabalhava com ele, continuei trabalhando com ele o tempo todinho. Eu nunca passei (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Até ele morrer.

NA - Até ele morrer.

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) (83?) (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Nós... Um respeitava muito o outro, eu e Barth, a gente se respeitava. E no último... Eu e ele, a gente debatia o trabalho, entendeu, via se o trabalho estava bom, se ele ainda estava ruim... Eu escrevia o meu trabalho, dava pra ele (?).

BA – Quando a senhora apresentou aquele trabalho no congresso, sobre o ciclo do (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA – Sei, ele estava morto já.

BA – Ele não conheceu esse (??)?

DA – Não conheceu. Ah, se ele conhecesse esse (?) eu não tinha feito isso, não.

NA – Por quê?

DA – Não, porque ele não queria que eu trabalhasse com barbeiro infectado, entendeu? O problema todo era esse, ele não queria, de jeito nenhum, que eu trabalhasse com barbeiro (*falam ao mesmo tempo*).

BA – Ele não trabalhava?

DA – Não, ele trabalhava com barbeiro sadio, infectado não. Quando o (??) me chamou para trabalhar em infectado, para trabalhar com...

NA – Imunologia?

DA – É, ah, o Barth fez um berreiro: “Não, não, não, não!” E aí, era não, não, e pronto (*rindo*).

BA – A senhora chamou ele para ser seu padrinho de casamento?

DA – O Barth? Não. (*todas ríem*)

BA – Ele (*já tinha?*) (?).

NA – Na verdade, dentro do laboratório tinha uma hierarquia. Ele era o chefe?

DA – Ele era o chefe.

NA – Até morrer foi assim?

DA – Sempre foi assim.

NA – A senhora não tinha independência para fazer a sua linha de pesquisa...?

DA – Não, ele era o chefe, mas eu tinha minha total independência.

NA – Mas ele dava isso a todo mundo, ou só à senhora?

DA – Não, era aquilo porque somente eu trabalhava (*com ele?*).

NA – Só a senhora conseguiu trabalhar com ele?

DA – É.

NA – Quer dizer, só a senhora conseguiu trabalhar com ele, ou nunca ninguém procurou mais ele, a não ser a senhora? Ou ele não chamava ninguém?

DA – Não, não sei se ele chamava alguém. Ninguém (?). O brasileiro, de uma forma geral...

NA – Ele trabalhava sozinho.

DA - ... o brasileiro não gosta de ser muito... não é apertado, não, é...

BA – Se sentir controlado?

DA – É. E o Barth...

NA – Pressionado?

DA – Era pressionado. O Barth dizia assim: “Olha, você vai fazer os cortes histológicos, pode fazer, mas os cortes histológicos (*inaudível*), tudo direitinho.” Porque se não, ele chegava e dizia: “Ih, tá muito ruim, faz de novo.” Aí, você fazia a segunda, a terceira vez, e isso pouca gente faz.

NA – Disciplina?

DA – É, é uma disciplina tremenda. Eu não sei se você conhece a Mônica Barth, conhece?

NA – Conheço.

DA – Pois bem, a Mônica é filha dele. A Mônica sabe muito bem... Você, conversando com a Mônica, ou lendo os trabalhos dela, o (?) dela, é igualzinho ao Barth, o pai, é aquela linha, direitinho, não é (*brasileiro?*). Porque o brasileiro é assim, (*inaudível*).

NA – Faz mais ou menos?

DA – Mais ou menos. Ele não, ele não admitia isso, não.

NA – Muito rígido?

DA – Muito rígido mesmo. E eu me adaptei a ele, eu gosto. E tem certos, por exemplo, certas coisas que eu faço aqui... Outro dia um (?): “Ah, nunca vi um laboratório tão bem organizado.” Essa organização é consequência do trabalho com o Barth, porque ele, se eu tirava um pinça daqui, eu tinha que colocar essa pinça aqui. Se eu fazia isso, e (*destampava?*), você... Nós (*chegamos?*), (?) está tudo tampado.

NA – É, são os aparelhos que ela está falando.

DA – É, os aparelhos.

NA – Está tudo no lugar.

DA – Mas o Barth é... Isso eu aprendi com ele, fazer essas coisas, essa organização. Então, quando eu tive que... Barth já não havia mais, já estava lá em cima. Aí, chegou aqui, enviado pela Academia de Brasileira de Ciências, um rapaz para trabalhar. Aí, eu botei ele trabalhando em cracas, (*cortar?*), e aprender Histologia, e (?). Mas, quando ele chegava, largava (*inaudível*). Aí, eu disse: “Ei, ei, vem cá. Foi assim que você encontrou?” “Não, não, não encontrei.” “Então, bota como fez.” Hoje em dia o garoto é espetacular. Ele tem um método igualzinho ao meu.

NA – Organizado?

DA – Uma organização tremenda, que ele sabe que se eu chegar aqui, (?) nessa sala, se eu chegar e encontrar uma coisa fora do lugar eu falo.

NA – A senhora vai reclamar?

DA – Ah, eu telefono pra ele: “Ó, fulano, vem cá, vem fechar.” Quantas vezes eu saí de casa pra desligar as coisas!

NA – Agora, deixe eu lhe fazer uma pergunta. Nesse período que a senhora entrou, a gente estava falando aqui, o Instituto é uma instituição... era voltado para a pesquisa médica, a senhora sabia disso, mas o Barth também não era muito lá ligado à pesquisa médica, não, né?

DA – Não, mas o Barth era histologista.

NA – É, mas não voltado para a pesquisa médica, que a formação dele era... ele era biólogo, ele não era médico.

DA – Zoólogo.

NA – Zoólogo, ele não era médico, não é?

DA – Não, era zoólogo.

NA – Mas no Instituto também, nesse momento, tem muita gente não fazendo pesquisa em doenças humanas, por exemplo, Lauro Travassos, que a senhora acabou de falar.

DA – Ah, é, Travassos, não fazia, não, era um zoólogo também.

NA – Nem Miguel Osório...

DA – Miguel Osório também não.

NA – ... que, nessa altura, não estava lá, não, mas estava lá era o que trabalha com ele, que era o pessoal da Fisiologia. Como é que era o nome deles? Ah, meu Deus, agora esqueci aqui.

DA – Era o Ubatuba...

NA – Ubatuba... Da Fisiologia? Era o (*Aitino Sachet?*).

DA – (*Aitino Sachet?*).

NA – A senhora lembra dele?

DA – Lembro! Quantas vezes eu fui lá no (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mas trabalhava eu acho que com (?) (*epilepsia?*).

DA – É.

NA – A senhora não está lembrada do que eles faziam, não?

DA – Não, (*inaudível*)...

NA – Vem cá, e (*acho?*) que tinha a ver com (*coisa?*) médica, a Fisiologia tinha a ver, tinha um lado médico.

DA – Tinha um lado médico.

NA – Mas o Lauro não?

DA – O Lauro não. (*falam ao mesmo tempo*).

NA – O que é que a senhora fazia com o Lauro? O que a senhora fazia lá com o Lauro? Que expedições são essas, que foram essas?

DA – São expedições que...

NA – Onde, Amazônia?

DA – É, na Amazônia e em Mato Grosso. Nós vimos aquele (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) índios que a senhora falou...

DA – É, com os índios

NA - ... “eu fiquei com os índios”, e tal.

DA – Sabe aquela novela que passou aí...

BA – Pantanal?

NA – Pantanal?

DA – Foi Pantanal?

BA – Ele tinha um trabalho...

DA – *(falam ao mesmo tempo)*.

BA - ... grande em Mato Grosso.

DA – É, Mato Grosso. Eu fazia esse troço, eu ficava *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Mas ele lhe convidou? Como é que foi isso?

DA – Ele me convidou.

NA – Pra fazer o que lá?

DA – Pra trabalhar... pra coletar insetos, entendeu, que ele coletava muita borboleta, então, coletar insetos, ver... E eu gostava de todas as partes de insetos. E eu trabalhava, pegava muita odonata por causa do Milton, odonata, depois pegava...

NA – Soletra. Como é que é?

DA – Odonatas.

NA – Como é que é? *O – d – o ...*

DA - ... nata.

NA - ... *n – a – t – a*, é isso?

DA – É, odonatas. Então...

BA – Ele teve que pedir autorização ao Barth para a senhora ir com ele?

DA – Quem?

BA – O Travassos.

DA – Não, o Travassos, pediu, perguntou se eu queria (?). Eu queria (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – E o Barth não falou nada, não?

DA – Não, não tinha que falar nada.

BA – A senhora comunicou pra ele que ia viajar?

DA – Só comuniquei, só. Aí... Não, o Barth também foi na expedição mesmo, ele foi também.

NA – E foi só a senhora, de mulher, nessa expedição?

DA – Só , só eu (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Isso não era mal visto, não?

DA – Não, por quê?

NA – Porque esse negócio de mulher, sozinha, no meio dos índios lá, de (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Dos índios e dos homens todos.

NA - ... dos homens todos (*rindo*)... Viajar com...

DA – Eu não tinha medo dos índios...

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... eu tinha medo era daqueles homens. (*rindo*)

NA – Dos brancos, né?

DA – É, dos brancos. Os brancos eram terríveis! Agora, os índios não, são muito bons.

NA – Mas como é que era? Foi a senhora sozinha, de mulher?

DA – Sozinha, de mulher.

NA – Quem era? O Lauro, o Barth, era a senhora... Vê se a senhora lembra mais.

DA – Do Instituto Oswaldo Cruz era eu, o Barth, dr. Olímpio... dr. Olímpio não, dr. Lauro Travassos... não (*tem?*) mais...

NA – E os técnicos?

DA - ... o resto era o Museu Nacional. Era o filho dele, que é o...

BA – O Joaquim? Não, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Eu sei o nome (*dele?*).

DA – O filho dele que fazia (?).

NA – Isso.

DA – Era aquele outro, que também morreu, que fazia a parte (?), casado com a Isolda, que fazia parte de (?). Como é que é o nome?

NA – (*falam ao mesmo tempo*), do Museu Nacional?

DA – Do Museu Nacional.

NA – Depois (???), vai (??).

DA – A Isolda é com (?), mas ele não, ele trabalhava com (*uma outra coisa?*).

NA – Mas ela foi?

DA – Não, somente eu. E quem mais? Aí tinha o pessoal de São Paulo também...

BA – José Cândido...

DA – É, o José Cândido não foi, não. Essa foi a primeira expedição que eu fui. Depois é que eu fui mais umas três expedições com o José Cândido.

BA – (?) com quem?

NA – Com o José Cândido.

DA – Com o José Cândido. Eu era afilhada do José Cândido, digamos.

NA – É?

DA – Era um xodó comigo danado, e eu gostava muito dele

NA – A senhora tem fotos dessas expedições? Fotos?

DA – Tenho, eu tenho uns trabalhos até...

NA – E foto (?), lá no campo, tirando, coletando material, a senhora não tem fotos?

DA – Não sei...

NA – Não lembra?

DA – Nem me lembro. Isso eu não me lembro (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Porque, em geral, todo mundo tem essas fotos de expedição. A Mônica tem, a gente viu com ela...

DA – É, né?

NA - ... a Ana (?), que trabalhou com o Lauro...

DA – É, né?

NA – A senhora não tem essas fotos, não, né, de campo?

DA – Não, eu não tinha porque eu era... bom, vamos dizer mesmo, eu era tão pobre naquela época (*rindo*) que eu não tinha máquina fotográfica.

NA – Não, mas eles não tiraram as fotos deles, o Lauro, que comandava a expedição? A senhora não viu fotos?

DA – Ah, ele deve ter tirado.

NA – Mas a senhora não ficou com nenhuma?

DA – Eu não fiquei com nenhuma, não, mas ele deve ter tirado, inclusive ele tinha muitas fotos.

NA – É, ele deve ter tirado as fotos de vocês coletando material lá, né?

DA – É, é exato. Inclusive, teve uma época que eu fiz uma expedição com ele...

BA – Era uma acampamento (?). Vocês chegavam e acampavam?

DA – Não, a gente ia no trem, o (??)... Metade do trem, dois vagões, aliás, um vagão era só de alimento que a gente levava, e outro vagão era o nosso. Agente tinha aquelas cabines... Eu ficava numa cabine, na outra ficava o Barth, em outra ficava o Haroldo (??), na outra ficava... é, de vez em quando (*inaudível*), e na outra ficava... o (?), na outra... quer dizer, eram todos eles do Museu Nacional tinha (?), não, (??) também... Eu sei que a gente ficava no trem, nesse trem. Então, o trem puxava os vagões todos, aí, os dois vagões, despachavam os dois vagões naquele lugar, em (?).

NA – Onde?

DA – (?), foi um dos lugares que nós fomos. Aí, parava o terem ali. O trem continuava e os vagões ficavam. E aí, a gente dormia, assim, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Nos vagões?

DA – É.

NA – É, na verdade, o acampamento era o vagão?

DA – Era (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – E esse...?

BA – Quando chegava no lugar vocês dormiam no trem?

DA – Dormíamos no trem, entendeu? E tomava banho...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... eu me lembro... Sabe como tomava banho?

NA – Pois é, como é que era?

DA – A gente fazia o seguinte: banheiro não tinha...

NA – Era no mato?

DA – Era no mato. E depois, para tomar banho...

NA – Como é que era?

DA – Sabe quando a locomotiva pára no Interior, vem aquele (*rolo?*) de água, grande...?

NA – Jato?

DA – ... aquele jato de água grande, assim? Então, a gente ia, deixava a locomotiva passar na estrada, aí, o próprio Travassos arranjava um pano branco, grande, entendeu, fazia uma espécie de um (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)?

NA – Uma proteção.

DA – E eu entrava, e ele ficava como aquelas (*criadas?*) (*rindo*), do lado de fora (*risos*), entendeu?

BA – E ela tomava banho ali dentro.

DA – Então, tomava aquele banho frio, aquele jato e tal, tomava aquele banho (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Eu só não entendi... Esse jato vinha de onde?

DA – Da estação. Na estação não tem aquele... Que as locomotivas tem (???) água, né? É aquela água...

NA – Ah, é o jato da própria água, da própria locomotiva? Quando a locomotiva chegava, fazia o banheiro coletivo, quer dizer, um banheiro, uma...

DA – Eles faziam o banheiro...

NA - ... uma espécie de um banheiro, e... para as pessoas tomarem banho?

DA – É.

NA – E cobriam... a senhora ficava coberta com um pano...

DA – Com um panozinho, e eu tomava banho. E ele ficava do lado de fora, o Travassos ficava do lado de fora com uma arma...

NA – Uma garrucha? (*rindo*)

DA – É. Ele dizia assim: “Eu atiro até no meu filho, se chegar.” Eu (??). Naquela época não (*inaudível*) para nada.

NA – E os índios estavam nessa região? Como é que a senhora entrou em contato com os índios?

DA – Mais adiante, aí, quando nós entramos na Colômbia, foi Colômbia que nós entramos, aí, o Travassos gostava de autopsiar sapo. Aí, eu... nós já... e eu ficava com ele. E ele dizia pra mim assim: “Dyrce, vamos autopsiar sapo.” “Então, vamos.” Ele pegava uma mesa pequenininha, eu ficava de um lado, ele do outro. Mas ele, como um senhor, ele queria dormir porque já estava cansado. Duas horas, três horas da manhã...

NA – É, ele já tinha uma certa idade nessa altura aí, né?

DA – É. Aí, ele já estava cansado. Mas eu não, eu ficava lá...

NA – Trabalhando.

DA – Eu sei que a gente ia (*torcendo?*). O filho dele, o Haroldo, ia nos matagais, pegava aqueles sapos, um bocado num saco cheio de sapo, e dizia: “Olha, trouxe tudo isso para vocês aí autopsiarem.” Aí, a gente ficava...

NA – E a senhora estava querendo (*o quê?*), procurar o que nos sapos?

DA – Naquela época eu fazia... eu ajudava o Travassos a fazer as lâminas de vermes.

NA – Ah, (?) dos vermes, Helminologia?

DA – Helminologia. Então, ele me ensinou como é que a gente coloca (?) de uma autópsia, e apanha o verme, passa na (*lâmina?*), bota na outra, pra chapar direitinho...

NA - É para estudar os vermes?

DA – É, pra estudar os vermes, exato. Aí, eu ficava com o Travassos. Daqui a pouco – quando eu fui pra Colômbia eu já estava fazendo isso – daqui a pouco, quando eu olhei, só tinha índio em volta da gente, todos eles armados...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) vocês. Armados com lanças, claro.

DA – Com lanças, todos com lanças. Aí, o Travassos fingiu que estava dormindo, o Travassos disse – não me esqueço disso – o Travassos disse assim: “Dyrce, não olhe, continue trabalhando, não olhe, continue trabalhando.”

NA – A senhora ficou apavorada, né? Ficou com medo?

DA – Não...

NA – A senhora não ficou com medo?

DA – Medo, medo, não...

NA – Não, mas vem cá, (?) assim (?) num lugar, de repente tem um monte de índio, a senhora não (*falam ao mesmo tempo*) um pouco de medo, não, um pouquinho?

DA – É, eu poso dizer que... Eu sempre fui muito selvagem mesmo, eu gostava. Aí...

BA – Era uma situação inesperada, né?

DA – Inesperada. Foi assim. Aí, eu pedi...

NA – Tanto é que ele disse: “Fique quieta...”

DA – Ele disse: “Olhe, Dyrce, continue trabalhando com calma que eles só estão aí para ver.” “Então, tá bom.” Aí, eu continuei trabalhando... A turma toda, ó (*faz um som de pessoas fugindo*), foi embora. Eram 9 pessoas, 9 homens, e eu (?), eram 9 homens. Todos eles *vupt*, sumiram.

NA – Sumiram. Ficou a senhora com o Travassos?

DA – Eu e o Travassos, só. Aí, fizemos as coisas, daqui a pouquinho eu olhei assim, não tinha mais ninguém, os índios foram embora, (*inaudível*). Aí, o Travassos: “Tá vendo? É isso.” Porque o índio é bom, o índio é... A mesma coisa o Vinícius com o José Cândido também. Quando eu estive lá no Amazonas, no alto do Amazonas, era a mesma coisa. O que o José Cândido fazia? Me botava na frente da embarcação (*rindo*), que lá nós tínhamos uma embarcação, uma embarcação primitiva, aí, ele me botava na frente: “Dyrce, tem uma aldeia de índio agora. Vai, vai, vai lá para a frente.” Aí, eu ia lá para a frente da embarcação, ficava em pé, os índios saíam tudo (?), tudo armado (??).

NA – Para verem uma mulher?

DA – É, quando viam uma mulher, aí, a gente passava.

NA – Eles sabiam que não ia ser uma coisa de agressão...

DA – Não, é...

NA - ... a eles, uma mulher não ia fazer isso...

DA – É lógico. Aí, ele (*chamava?*)...

NA – ... imagino eu.

DA – Quando ele parava a embarcação os índios faziam *vupt*, ia todo mundo... sumia, entendeu, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Se escondia, se escondiam.

DA – Se escondiam. Aí, eu ficava lá com eles, ficava lá, (??)... Eu sei que até um certo tempo eu fiquei lá com eles. Eu gostava de lá, de viver com (?). (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mas vocês chegaram... na verdade a senhora chegou a conviver com os índios?

DA – Convivi com eles, porque eu gostava daquelas redes, eu sempre gostei de dormir em rede, e ficava naquelas redes com eles, às vezes.

BA – Nos lugares em que vocês estavam trabalhando?

DA – É.

BA – Aí, estabeleciam uma convivência cotidiana com eles?

DA – Uma convivência, é. E até a gente comia a comida deles. Eles pegavam peixe, faziam aqueles buracos na terra, enterravam o peixe. Depois, em cima, botavam aquelas folhas de bananeira, (*por ali?*) (?), e tacavam fogo. E eles cozinhavam, a gente ficava (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – É. Aí, eu (*emite um som*), comia muito.

NA – Agora, nessas expedições com o José Cândido era para fazer o quê?

DA – Era (?) insetos.

NA – Inseto também?

DA – Inseto, somente inseto.

BA – Era comum no Museu e da Fiocruz fazerem essas... do Instituto fazerem...?

DA – Não, não era tão... eles não eram tão juntos, não, porque o Museu Nacional, até hoje, até hoje, o Museu Nacional tem uma certa distância com o pessoal do Instituto, acham o Instituto com pessoas... são pessoas bestas, antigamente eram pessoas bestas, (*inaudível*), e (?), do Museu Nacional são muito...

NA – O quê? São o quê?

DA – São uns pobrezinhos, né?

NA – Não são médicos...

DA – É, (*ou isso?*).

NA – ... nós não somos médicos, é isso?

DA – Eu não sei se é isso, eu sei que...

NA – Porque os outros eram médicos e eles não eram médicos?

DA – Sei lá, eu sei que eles não gostavam do pessoal do Instituto Oswaldo Cruz, mas eu gostava.

NA – Quer dizer, na verdade, o Instituto era assim, era visto como uma elite?

DA – Elite, exato.

NA – Pedante?

DA – Pedante, é.

NA – São muito pedantes?

DA – É. Mas o Museu Nacional...

NA – Não eram, não? A senhora não achava isso também, não?

DA – Eu não.

NA – A senhora não achou isso, não, né?

DA – Nada disso. Eu me dava muito bem com o pessoal, primeiro era... o pessoal todo do Museu, e o pessoal todo do Instituto. Eu nunca, né, achei um melhor que o outro, não, eu acho que... Às vezes, é falta de oportunidade, apenas, que um tem de conseguir uma coisa, e o outro tem mais (?), só isso.

NA – É, mas aí é que está, né, ó, dinheiro, não é? Quer dizer, pode ter uma rivalidade, uma competição acadêmica e tal, mas também de disputa de recursos, né, para pesquisa, não é, não?

DA – Pode ser. O Instituto eu acho que tinha mais recursos do que o Museu Nacional, que não tinha recurso mais nenhum, pouquíssimo recurso. Mas eles me tratavam, todos, bem. E eu, quando eu fui... fiz o concurso para o Museu Nacional, eu estava pensando em montar um laboratório de Histologia lá no Museu Nacional. Eles queriam, mas não tinham verba.

NA – Mas não tinha o CNPq, já, nessa altura?

DA – Sim, mas mesmo assim, não dava pra montar o laboratório. Então... aí, eu me juntei com o Barth lá, que eu sabia que o Barth fazia Histologia. E eles fizeram tudo para me segurar no Museu Nacional, mas eu não quis porque lá eu fazia Histologia.

NA – A senhora sabia que o Instituto ia conseguir o dinheiro para fazer isso.

DA – É.. Agora, aqui, no Museu Nacional, eu não ia conseguir nada, não ia passar de uma simples (*sistemata?*), só uma taxionômica, fazia Taxionomia, que o Museu Nacional só faz Taxionomia, é de peixe, é de inseto, (??), tudo é somente isso, é Taxionomia. E eu (?). Eu queria Histologia e não podia. Anatomia também... Então, eu fui pra lá. Mas há essa rivalidade, muito grande, entre... até hoje. Recentemente, eu vou te dizer, recentemente, foi há dois anos passados, o dr. (*Ross?*), esse que me deu esse (?), veio ao Brasil, acho que era a quinta ou sexta vez, aí, ele disse: “Dyrce, eu vou ao Brasil. Gostaria de ver você e tal.” Que nós trabalhamos durante muitos anos juntos. “(?) rever você e tal...” Eu disse: “Tá bom.” Aí, eu fui, fui lá no... aqui na... como é... aqui no Aeroporto Internacional. Fui eu e um amigo meu, foi esse que até fez... estava fazendo o mestrado aqui comigo. Então, ele (??). (??) chegou o (*Ross?*) com um pessoal do Museu Nacional, estava esperando ele o pessoal do Museu Nacional.

NA - Também?

DA – É, estava esperando. Aí, ele perguntou: “O Ross chegou? (?) com ele?” (??). E o pessoal do Museu Nacional, o pesquisador, o Curi, o Curi, acho que era o Curi: “Como vai a senhora? (*inaudível*)...”

NA – Falou com a senhora?

DA – Falou comigo, mas você sente a frieza. Não é como esse pessoal do... Você sente um negócio formal, a frieza deles, entendeu? O Ross não sentia nada, que, afinal de contas, era um estrangeiro, e não estava sentindo nada! Aí, o próprio... esse próprio amigo meu, o (*Edalton?*), (*virou e?*) disse assim: “Dyrce, mas olha a diferença!” Eu disse: “É, a diferença é essa, que eu sou do Instituto Oswaldo Cruz, e eles são do Museu Nacional.” Então, é um vazio entre um e outro, entendeu, é uma guerra interna.

NA – É, mas o Ross não tem nada a ver com isso, nada.

DA – Não. Aí, o Ross chegou, falou com eles, ficou com eles, porque o Ross já tinha combinado de fazer uma excursão pelo Brasil todo com eles. E aí, quando ele me viu, aí veio, falou comigo, ficou comigo (?), aí, disse assim: “Vamos...” – aí para o pessoal do Museu Nacional – “... vamos tomar café? Vem, (?), vem, vem, vem!” Aí, o Ross me pegou pela mão: “Vem, Dyrce!” (*rindo*)

NA – Aí, ele lhe levou junto?

DA – Me levou. Aí, eu fui e tal, mas eu tive que fazer aquele... jogo, entendeu, de...

BA – Mas eram pessoas que a senhora já conhecia...

DA – Não, não conhecia eles, não.

BA - ... do Museu, não?

DA – Não, eu não conhecia.

BA – Não, porque eu fiquei imaginando, não devem ter gostado quando a senhora saiu de lá, não é?

DA – Não, de lá do Museu Nacional? Eu não sei se não gostaram...

BA – Não deve ter agradado muito, não, não é?

DA – Eu achei que não...

BA – A senhora fez um concurso pra lá, não é...

DA – Fiz, fiz um concurso pra lá...

BA - ... aí, teve uma hora que disse: “Ó, (??), *tchau...*”

DA – *Tchau e (falam ao mesmo tempo)...*

BA – “... vou lá para o Instituto.”

DA – É.

BA – Como é que a senhora entrou no Instituto? (*interrupção da fita*)

Fita 4 – Lado A

BA – A senhora não era bolsista no Instituto?

DA – Era (*inaudível*), aí fiz o concurso no Museu Nacional, não fiz?

NA – Fez.

DA – (?)?

NA - Fez, é.

BA – Aí, trouxe para Manguinhos isso?

DA – Eu trouxe para Manguinhos. Aí, eu fui lá, quando eu trouxe (*inaudível*). Aí, houve aquela lei também que o Instituto (?)... (*inaudível*)... era uma lei, (?) um número... (?) que todos as (*peçoas com uma verba para pagamento?*), que tinham entrado no Instituto como bolsistas (??), essa lei (??) todo mundo...

NA – Que era bolsista?

DA - ... que era bolsista.

NA – Sem concurso?

DA – Sem concurso.

NA – Mas a senhora não tinha um concurso?

DA – Eu tenho o concurso do Museu Nacional.

NA – Mas não valia lá naquele momento?

DA – Valia, sim. Mas eu fui com o concurso, mas, se eu não tivesse isso, não tem importância, porque essa lei dava direito a ser pesquisador. A Mônica, a Mônica foi (?) o marido dela.

NA – Otilla.

DA – Ottilla. Aquele do museu... do... como é... Emílio...

NA – Emílio.

DA - ... Emílio (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – O Emílio, a Ottilla Metidieri, chamam.

DA – É.

NA – Eles fizeram concurso, mas eles eram bolsistas.

DA – Eles eram bolsistas.

NA – Eles eram bolsistas. A senhora não era bolsista, né?

DA – Não, eu era bolsista lá de qualquer jeito, eu continuei bolsista lá, e fiz o concurso.

NA – Mas a senhora não ganhava nada no Instituto, não?

DA – (*Ganhava pouco?*), (?) dr. Olímpio ficou com pena de mim, me deu uma nota de mil cruzeiros, mil reais.

NA – Não, mil cruzeiros que era na época, né? Mas era uma bolsa ou era do bolso dele mesmo? É da bolsa ou do bolso dele?

DA – Eu não sei, eu sei que ele me ajudou.

NA – Nesse período, até a senhora ser efetivada?

DA – Até ser efetivada, ele me ajudou (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Eu não estou entendendo isso. Deixe eu lhe explicar, deixe eu lhe fazer uma pergunta. A senhora fez um concurso do Museu Nacional e pediu uma transferência para o Instituto Oswaldo Cruz, foi isso?

DA – Fiz concurso para o Museu Nacional, fiquei Museu Nacional (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Sim, a senhora ainda era funcionária do Museu?

DA – Do Museu. Aí, com esse concurso... fiz um concurso para o Museu e fiquei lá. Depois de umas... não sei se foram meses, não me lembro, aí, houve esse problema na... houve esse... essa (*inaudível*) para eu poder me encaixar num outro (?).

NA – Numa outra instituição.

DA – Mas, independente disso, eu estava querendo ir para o Instituto, então, já fiz a transferência minha para lá. Mas, quando eu vi que todo mundo, éramos 44 (?), o dr. Olímpio chamava de “44 vagabundos”, éramos 44 vagabundos, que estavam lá, entendeu...

NA – Como bolsistas.

DA - Como bolsistas, e que passaram (*a usufruir?*)... (*nós ganhamos na?*)...

NA – Existia isso?

DA - ... o direito de ser efetivados.

NA – Ser funcionário?

DA – Serem funcionário. Então, eu (??) (*cabeça?*), eu (*rindo?*) que fiz isso, essa revolução toda, eu, aquela menina que agora não é mais...

BA – Carlota.

DA - ... Carlota – eu era muito (??) – eu, Carlota, e tinha uma outra ainda, éramos três. Aí, não via onde estava, brigava mesmo. Ia lá para Brasília, entrava naqueles... naquele Senado, naqueles troços todos lá...

NA – Congresso Nacional?

DA – É.

BA – Mas ainda não era em Brasília, não, era aqui (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não, mas nós íamos em Brasília para poder ver o andamento da lei que efetivava a gente, entendeu, e dar o andamento correndo nessa lei.

NA – Então, significa o seguinte, que, na verdade, o seu concurso do Museu Nacional não valeu para o Instituto Oswaldo Cruz.

DA – Eu acho que não porque entrou comigo todo mundo...

NA – Porque a senhora entrou no grupo dos bolsistas, que foi efetivado a partir dessa lei.

DA – Dos bolsistas, é.

NA – Agora que eu entendi.

DA – É. Agora, espetacular...

NA – Entendi.

DA - ... (??), né... como é que se diz... (*inaudível*), não é?

NA – É, é verdade.

DA – E era uma coisa (*verídica?*), era uma coisa realmente...

NA – Por quê, por quê?

DA – Você sabe por quê? Há pouco tempo, quando eu estava lá em (?) na Ilha, no Instituto, o Instituto Oswaldo Cruz convidou uma pesquisadora do México, de renome internacional, para fazer uma palestra aqui no Instituto. E essa garota quem era? Era uma das que eu botei lá dentro, (?).

BA – Era uma das bolsistas...?

DA – Uma das bolsistas.

BA - ... uma das 44?

DA – É, dos 44 vagabundos que eu botei lá dentro, era.

NA – E por que (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA - O nome dela...

NA – Fala o nome dela.

DA – Espetacular. O nome dela eu não sei, eu não me lembro. Ela veio aqui exclusivamente para fazer essa palestra. Aí, nós recordamos (*que a gente?*)... Nós temos uma fotografia nossa...

NA – Desse grupo?

DA – Desse grupo.

NA – Agora, por que o Olímpio chamava vocês de vagabundos?

DA – Porque ele achava que todo mundo... que ninguém merecia ficar dentro do Instituto, só eu mais uns três ou quatro, só...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... o resto ‘tudo’ era vagabundo (*rindo*).

NA – É isso? Era isso?

DA - É, ele dizia isso.

BA – Mas a briga dele era com o bolsista ou com os orientadores desses bolsistas?

DA – Não, ele não gostava, (*ou achava?*)... que o pessoal do Instituto, antigamente, achava que aquilo era deles, a casa era deles. Houve uma invasão muito grande, digamos, de bolsistas (?)... (?) bolsistas, outros (?) bolsistas, (?)... Aí...

NA – Foi com o CNPq que isso aconteceu.

DA – Hein?

NA – Isso foi quando foi criado o CNPq.

DA – Quando foi criado o CNPq.

NA – E essas bolsas vinham do CNPq, certo?

DA – É, é exato, eu era bolsista do CNPq.

NA – Por isso que eu estou lhe perguntando. Esse dinheiro do Olímpio era do bolso do Olímpio ou era uma bolsa mesmo do CNPq, essa sua bolsa?

DA – A minha não sei, não sei, eu acho que era do CNPq, entendeu, eu acho, mas não sei.

NA – A senhora foi bolsista do CNPq depois.

DA – Depois que entrei.

NA – É.

DA – Aí, passei a ser (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Como pesquisadora?

DA – Pois é. Aí, eu fui, logo no início, eu fui pesquisadora, depois... pesquisadora 1, 2, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA –... (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*), é, é.

DA - ... do CNPq.

NA – Mas a gente está falando disso, ainda como... logo que a senhora entrou. Essa bolsa...

DA – A (??), o...?

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É, as 44 bolsistas eram bolsistas de quem? Do CNPq, não era isso?

DA – Eu acho que eram.

BA – A senhora foi lá, foi trabalhar com o Barth, conheceu o Olímpio, o Travassos, e quando é que a senhora foi assistente do (*Olímpio?*)?

DA – Eu fui porque o dr. Olímpio me chamou, porque a gente trabalhava lá no prédio, lá embaixo, e ele lá em cima, assim, e todos... quando ele viu que eu gostava muito de bichinho, não era só de Histologia, (*gostava?*) de tudo quanto era bicho, (*cortava?*) assim, e ele me chamou: “Você não gostaria de dar umas aulas lá na faculdade comigo?” Eu disse: “Eu (?), eu (?). Se você quiser me levar...” Aí, ele disse: “Ah, vamos embora.” Aí, eu fui, ele (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – A senhora já era formada?

DA – Já, já era formada.

NA – Faculdade de Medicina?

DA – Não, não, era formada na Faculdade Nacional de Filosofia.

NA – Não, não, não, não, a faculdade que ele dava aula onde era?

DA – Era na Faculdade Nacional de Filosofia.

BA – Não era no Instituto Lafaiete?

DA – É, Instituto Lafaiete, (*falam ao mesmo tempo*) na...

NA – O Olímpio dava aula onde?

DA – Lá no Instituto Lafaiete, (*inaudível*), mas lá eu era formada pela Nacional...

NA – Não, não, isso eu sei, eu sei, eu sei.

DA - ... e (*falam ao mesmo tempo*).

NA – É, o Lafaiete é o que virou depois a UERJ atual.

DA – A UERJ.

NA – É. E o Olímpio dava aula no Lafaiete?

DA – No Lafaiete. E ele me chamou para ir trabalhar com ele lá.

NA – A senhora ganhava algum dinheiro?

DA – No início não, mas, depois, ele me colocou como assistente lá, não sei como, mas me colocou como assistente... não, antes de assistente, ele me colocou...

NA – Auxiliar?

DA – Auxiliar, depois me passou à assistente lá, porque eu é que dava as aulas todas lá, de Biologia. Eu dava aula de Embriologia, dava aula de... o que mais... de reprodução (*assexuada?*), de reprodução em modo geral, Fisiologia, e também auxiliava toda uma parte técnica de aulas práticas.

NA – Práticas?

DA – É.

BA – Mas o Olímpio dava aula de quê?

DA – Ele dava umas aulas muito boas de Parasitologia. Eu assisti as aulas dele, muito boas, de Parasitologia. Dava algumas aulas também de reprodução, mas depois ele jogou a (?) de reprodução em cima de mim. Mas (*é isso?*). Ele dava aula prática.

NA – Isso era um curso de...?

DA – História Natural.

NA – História Natural?

DA – História Natural.

NA – Do Lafaiete?

DA – Do Lafaiete, (*inaudível*).

NA – Até quando a senhora ficou lá?

DA – Ah, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Está lembrada? Ficou muitos anos dando aula lá?

DA – Acho que cinco anos ou mais, dava aula com ele. Depois é que eu fui convidada para ir para... lá para os Estados Unidos...

NA – Vamos falar um pouco disso, que a gente ainda não falou. Como é que a senhora foi para os Estados Unidos?

DA – Foi isso. Aí, eu fui convidada, que eu fiz um trabalho sobre corrosão...

NA – Ah, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*)

NA - ... corrosão?

DA – Sobre corrosão e incrustação, e eles me convidaram para ir para lá.

NA – Eles quem?

DA – Os diretores lá (?) laboratório (?).

BA – Como é que conhecia a senhora e o seu trabalho?

DA – Pelo trabalho.

BA – Pela Marinha ou pelos trabalhos publicados?

DA – Não, pela Marinha...

BA – Pela Marinha?

DA - ... trabalho publicado pela Marinha.

NA – Como é que chama a instituição?

DA – (??)...

NA – Califórnia?

DA - ... Laboratório (?).

NA – É na Califórnia?

DA – Não, esse aí é (*inaudível*).

NA – É Nova York?

DA – (*inaudível*) mas (*o nome?*)...

NA – Aqui.

DA – Laboratório (??), em mil novecentos e...

NA – 68.

DA – 68, quando eu estive lá. (*algo cai*) (*inaudível*).

BA – Quebrou?

DA – Não.

NA – Não, né?

DA – É imã, (??)...

NA – Isso foi em 68, que a senhora foi?

DA – É, em 68, que eu fui para...

NA – Estou olhando aqui.

DA – Eu não sei nem se isso aí está direito.

BA – Não está.

NA – Não está.

DA – É, (*rindo*) (??)...

NA – Não, não, está aqui. 65... Não tem aqui no seu currículo.

DA – É? Tem muita (*coisa?*). Foi em 68 que eu fui para...

NA – Deixe eu ver. Mas eles convidaram a senhora para fazer o que lá, exatamente? Fala pra gente.

DA – Trabalhar em Biologia Marinha, trabalhar principalmente com cracas.

NA – Mas era para a senhora desenvolver um trabalho ou... enfim, como é que foi isso?

DA – Para trabalhar sobre a incrustação e corrosão...

NA – Não tem aqui.

DA - ... e determinando as cracas que vivem em diferentes tipos de (?). Aí é que eu fui para lá, para ver. Deve estar... eu não sei, assim, (?), (*inaudível*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) eu estou procurando (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Quem cuidava disso era o Hedalto, o Edalton é que fazia (??) desse meu currículo aí (?).

NA – Olha só, eu estou procurando aqui. Osborn...

BA – Osborn não é (?) *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Acho que está escrito errado, Osborn. Depois eu vou procurar no Google.

BA – Está tudo errado *(aqui?)*.

NA – Osborn Laboratories of Marine Science.

DA – É.

NA – Nova York, pesquisa sobre cirripédios.

DA – Cirripedia são cracas.

NA – Foi isso que a senhora foi fazer? Achei *(aqui dentro?)*.

BA – Achei *(aqui?)* (?), 67.

NA – Tá aí? É, esse aí é diferente desse aqui. *(falam ao mesmo tempo)*.

BA – *(falam ao mesmo tempo)* *(tá certo?)*.

NA – É, (?) tá certo, tá, tá bom. E aí? A senhora ficou quanto tempo lá com eles? Isso é em Nova York?

DA – Isso é em Nova York.

NA – Mas a senhora já tinha casado, e já tinha um filho, né?

DA – Exato.

NA – E aí, como é que... E a criança ficou com quem?

DA – Com a minha mãe...

NA – Ah...

DA - ... *(falam ao mesmo tempo)* com a mamãe, e eu me mandei pra lá.

NA – Quanto tempo a senhora ficou?

DA – Eu fiquei um ano e... acho que um ano e meses, e alguns meses (?).

BA – Seu marido foi junto?

DA – Não...

BA – Não.

DA – ... (*nada disso?*), ele fazia IBGE, (??), e aí, eu fiquei (?) lá, durante um ano e tanto.

NA – Morou em Nova York?

DA – Morando (?) lá.

NA – E, (*assim?*), a senhora gostou da cidade?

DA – Eu gostei, não posso dizer que não era (*bom?*). Só tem uma coisa, eu estranhei muito sabe o que é? (*Isso aqui?*) tem muita (?). O brasileiro tem muita consideração com você, e lá não, o (?) era muito frio, né, muito frio mesmo!

NA – Mas não estava acostumada com o Barth?

DA – É.

NA – Não é? É mais ou menos.

DA – É mais ou menos, mas eu senti, lá seria uma quantidade de “Barths”, é.

NA – (*rindo*) Cercada de “Barths” por todos os lados.

DA – É, cercada (*falam ao mesmo tempo*) Barth, eram todos assim. Eu dizia assim: “Vamos tomar um café?” Aí, (??) café, cada um paga o seu.

BA – Mas o Barth ainda tinha uma (??), era (*propriedade?*), mas era (*protegida?*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*) era (*protegida?*). (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Mas lá ninguém lhe protegia?

DA – Não.

NA – A senhora falava Inglês como?

DA – Hein?

NA – A senhora sabia falar Inglês já, a essa altura?

DA – Mais ou menos, (*sabia?*) falar um pouquinho, né?

NA – Mas a senhora aprendeu onde?

DA – Ué, lá mesmo, né, no...

NA – Não, a senhora foi sem saber falar?

DA – Exato.

BA – Sozinha, totalmente sozinha? (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Eu era muito (?), me dá licença? (*risos*) Eu era muito valente, é. Eu...

NA – A senhora desceu em Nova York sem falar nada em Inglês?

DA – *Yes*, falava *yes*.

NA – *Yes?* (*Dyrce ri*) *No* e *yes*?

DA – *No* e *yes*. *Aí*...

NA – Como é que a senhora falou com as pessoas? Como é que... Conta isso pra gente!

DA – Ah, simplesmente eu saí, fui lá na agência da Varig, e lá eu fiquei esperando o pessoal, uma pessoa de lá. *Aí*, veio um rapaz do Laboratório, veio um pesquisador também com quem eu ia trabalhar, e esse pesquisador era italiano, falava muito bem o Espanhol, e compreendia o Português também muito bem. Então, não houve problema nenhum para mim.

NA – A senhora se comunicava com ele, então?

DA – Com ele.

BA – Mas quando a senhora foi a senhora nem sabia da existência dele.

DA – Não, não sabia, não, sabia que ele era um chefe do laboratório em que eu ia trabalhar.

NA – Como é o nome dele?

DA – Espera *aí*, (*inaudível*) aqui. *è* Vicente Ligori.

NA – Ligori?

DA – Ligori. (*inaudível*) (*está?*) em casa, (*inaudível*) (*livros?*) dele, e (?) livros todos que eu deixei em casa. *Tá*, *tá* tudo lá em casa, (?) (*Ligori?*).

NA – Vicente... *L – i...?*

DA – Ligori. (*pausa na gravação*) (*rindo*) Como eu sempre fui... nesse ponto o coisa tinha razão, eu sempre fui muito petulante, sabe? Então, eu fui trabalhar no laboratório. Cheguei lá, era um laboratório bom, grande, e tinha um outro laboratório grande que era do chefe do... dali, Osborn Laboratories of Marine Science, o chefe da... digamos assim, era o nosso...

NA – O chefe do (*falam ao mesmo tempo*).

DA – ... o chefe do departamento, do Laboratório, do departamento.

NA – É, que tinha vários laboratórios nesse departamento.

DA – Tinha vários, é.

NA – Era um laboratório de quê, a senhora lembra?

DA – Era Departamento de Parasitologia, e ele trabalhava com parasitos, parasitos de peixe, entendeu? E eu tinha aprendido muita coisa de Parasitologia também, mas é porque eu sempre fui muito... Nunca precisou de eu estudar aquilo, eu estudava outros. E com o Travassos eu aprendi o quê? Parasitologia de animais, não foi? Então, aprendi.

NA – O laboratório... estes... que o laboratório era de Parasitologia.

DA – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - E esse laboratório específico era de quê?

DA – É de Biologia Marinha.

NA – Esse que a senhora foi?

DA – Foi, Biologia Marinha, é, né?

NA – Mas num departamento de Parasitologia?

DA – O departamento não era... não era de... Era um departamento grande em que ele tinha um laboratório dele (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Esse Ligori?

DA – Não, esse é o...

NA – Vicente Ligori?

DA – Vicente Ligori. Ele tinha um laboratório pegado ao meu, pegado ao que eu estava, e o dele era a parte de Biologia Marinha (?). (?) fazia a análise dos animais – que lá tinha muitos animais marinhos entendeu? – que morriam. Então, ele, quando morria um animal marinho

qualquer, ele tinha uma técnica que fazia a autópsia naqueles peixes, (??) principalmente peixes, para ver o que tinha lá dentro, e (*tirava?*). Mas ela fazia a autópsia, (??), deixava (?), e ele, então, observava para ver que tipo de (?) que causou a morte daquele peixe. Era isso que ele fazia. E eu cheguei lá no laboratório, que era pegado ao dele, o laboratório (*inaudível*) do Vicente Ligori, era um laboratório muito bom, mas não tinha nada de Histologia. Aí, eu peguei, comecei a montar um laboratório de Histologia lá, e montei o laboratório de Histologia. E a minha mania era de pegar todo bicho e cortar. Eu olhava para o bicho sempre com uma vontade, às vezes, de saber como ele era por dentro, e começava a cortar o bichinho. Aí, uma vez, eu peguei uns vermezinhas da menina que estava fazendo a autópsia, aí, eu pedi, ela me deu uns vermes. Aí, eu fixei, cortei, (?) e cortei, fiz o corte histológico. Aí, ela chegou, e em vez de eu ficar calada, (?), eu disse para ele. Aí, ele veio para mim e perguntou para mim, viu as lâminas, ficou (?): “O que é que você está vendo?” Ai, eu olhei assim, eu digo (?): “Eu vi parasitos, (*inaudível*) vi parasitos.” Aí, olhei (*inaudível*). Disse: “Como é que você sabe disso? Que bicho é esse? Como é que você sabe?” Aí, começou a (?), ele começou a me perguntar. Mas, naquela época, eu era... (*inaudível*) com o Travassos, e tudo para mim era... eu tinha que saber, aí, o Travassos me ensinava. Aí, o Travassos tinha me ensinado como se fazia as lâminas, como (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*), é.

DA - ... (*tudo, e tal?*). Então, eu peguei, disse para ele: “Não, isso é isso.” E falei (??) porque ele estava olhando para mim e pensando que era apenas histologista. Eu cheguei e caracterizei: “Não, é assim por isso, isso, isso.” E fiz a lâmina para ele, bonitinha, fiz uma histologia muito bacana, e aí, eu fiz a lâmina do (?) e dei pra ele. E aí, ele ficou doido!

BA – E como é que a senhora conseguiu o micrótomo?

DA – É porque lá no laboratório dele tinha micrótomo...

BA – Ah, tinha.

DA - ... tinha micrótomo e tinha um microscópio igual a esse aí, grandão.

BA – É, porque... mas a senhora é que montou a Histologia (?).

DA – A Histologia eu montei no meu laboratório, mas no laboratório dele já tinha tudo isso. Aí, a minha briga lá é que quando eu cheguei no meu laboratório tinha microscópio daquele pequenininho, aí, eu disse que não queria porque eu tinha... estava acostumada com microscópio grande, queria aquele microscópio. Aí, a briga era que o chefe do laboratório disse assim: “Não, mas aquele lá é do diretor.” Eu disse: “Mas é aquele mesmo que eu quero!” Aí, (?) uma briga: “Ah, eu quero, eu quero...” até que o diretor veio e disse: “Você sabe lidar com esse microscópio?” Eu disse: “Sei, (*ora?*), eu estou acostumada, no Brasil eu uso ele!” “Então, pode usar.” Fui a única pessoa lá que pôde fazer isso. (*risos*)

NA – Em que língua a senhora brigou com o diretor?

DA – Ah, minha filha, nem (?), mas chegou na hora eu não sabia, passei pra Português, mas xinguei o cara, depois (*passava aquilo com?*)... Olha, eu fazia uma miscelânea!

NA – De todas as línguas. (*rindo*)

DA – Em todas as línguas. Aí, ele (?) olhando pra minha cara, (??) e eu xingando o homem, que coisa feia!

BA – Tinha mulheres nesse laboratório?

DA – Tinha uma que era holandesa, que era técnica. A outra... e a outra era israelita, de Israel. Essa israelita era uma praga. Êta, danada! O judeu é fogo, né? A israelita...

NA – Uma praga em que sentido?

DA – Uma praga, ela queria saber tudo, queria ver tudo, era uma segunda Dyrce também. (*risos*) Gostava de ver tudo, de saber tudo...

NA – Era curiosa também, né?

DA – Só que tinha uma... É.

NA – Só tinha o quê?

DA – Só tinha uma coisa, ela gostava... Eu saía, aí ela ia lá ver minhas lâminas todinhas, pegava (*inaudível*). E a francesa, que também estava lá, que gostava muito de mim – o francês gosta do brasileiro – gostava muito de mim, ela chegou perto de mim, me avisou: “(?) quando sair pega as lâminas todas e leva, não deixa, não, leva tudo.”

NA – Porque ela ia roubar o seu trabalho.

DA – É, (*inaudível*). Aí, (*eu?*) (?): “Ah, não é possível!” Ela dizia: “É, sim.”

NA - A senhora falava com a francesa como?

DA – A francesa falava Português...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... Português, Inglês, bem... bem (?) também, como eu, (*rindo*) bem... então...

NA – E vem cá, e a senhora ficou um ano lá, e tal, e como é que viveu lá: sozinha, em apartamento, alugou? Como é que foi lá a sua vida?

DA – Não, eu fiquei...

NA – Fora o trabalho, como é que foi?

DA – Não, eu fiquei na casa de uma pessoa indicada por eles mesmos, que era um...

NA – Uma pensão, uma coisa assim?

DA – Não, não é pensão, era uma casa grande, entendeu, e que o marido dela trabalhava lá também...

NA – Ah, no *(falam ao mesmo tempo)*?

DA - ... era funcionário, entendeu, trabalhava com *(peripatos?)*. É um bicho.

NA – Era um pesquisador também, né?

DA – Era um pesquisador. Então, eu fiquei lá, porque a casa eram três andares. Eu fiquei no 2º andar. 2º ou 3º? 2º andar. Bom, então, eu fiquei no 2º andar. Mas lá eu arranjei uma amizade muito grande com eles. Não, no 2º não, eu fiquei no 3º andar, e eles é que moravam no 2º andar. Então, eu arranjei um amizade muito grande, e eles me tratavam como filha, entendeu? Me davam tudo, me davam até comida e... Aí, lá eu aprendi a comer alcachofra, coisa que eu nunca comi *(em casa?)*, aí eu comia, sempre comia alcachofra, comia (?), porque eu me adapto à comida local e...

NA – E ganhava quanto, em dólar?

DA – Eu ganhava, em dólar...

NA – Valeu a pena?

DA – Ah, valeu pelo conhecimento que eu tive, muito grande...

NA – Não, mas em dinheiro, valeu a pena? A senhora tinha que ganhar algum dinheiro, né? Era o quê, era uma bolsa que lhe deram? Como é que a senhora viveu lá, com que dinheiro?

DA – Não, foram eles mesmos que me pagavam, mas pagavam pouco, não pagavam muito, não.

NA – A Marinha?

DA – Não, não foi a Marinha, foi o pessoal lá, me pagavam em dólar, porque eles é que me convidaram para trabalhar lá.

NA – Pois é, como é que...?

BA – *(falam ao mesmo tempo)* convidaram o Barth?

DA – Pois é, convidaram a mim.

NA – Pois é, como foi essa história do convite? Quem é que lhe convidou?

DA – O diretor de lá, *(falam ao mesmo tempo)*...

BA – *(falam ao mesmo tempo)*?

NA – Diretamente?

DA – Não, (?) diretamente (?). No meu trabalho, que eu tenho... Deixe eu ver se está aqui. Não.

BA – *(inaudível)*. *(pausa na gravação)*

DA - ... tinha. É. E foi através desse trabalho que ele me convidou...

NA – Sim, mas ele... *(pausa na gravação)*

DA - ... para o...

NA – (?) o quê? Escreveu uma carta para o diretor...

DA – É.

NA – Doutor o quê?

DA – Doutor... Acho que foi aquele... como é...

BA – Da Marinha ou do Instituto?

DA – Da Marinha, da Marinha.

BA – Ah, Paulo...

DA – Paulo Moreira.

BA - ... Moreira.

NA – Paulo Moreira. (?) lhe perguntando o quê, se a senhora queria ir trabalhar com ele?

DA – Foi esse aqui, ó, até foi esse trabalho aqui.

NA – Deixe eu ver, deixe eu ver.

DA – Foi esse trabalho.

NA – Ah, o trabalho...

DA – *(falam ao mesmo tempo)*...

NA - Olha só...

DA – É.

NA - ... o trabalho que a senhora publicou chamava “Nota Técnica”, é de 66, “(Glândulas?) de (Cimento?) e seus Canais (Embalanus?).”

DA – Embalanus (*tintinabullum?*).

NA – (*Tintinabullum?*)?

DA – (*Tintinabullum?*).

NA – (*Tintinabullum?*), que se escreve com dos eles, *u m* no final.

DA – *(falam ao mesmo tempo)*, é.

NA – Aí, entre parentes, “Cirripédia”, com dois erres, “Balamídea”, é isso?

DA – São as craquinhas.

NA – As cracas, né? Isso é um trabalho de 66, né?

DA – É.

NA – A Marinha, Instituto de Pesquisa da Marinha... E foi esse trabalho que chegou até eles...

DA – É.

NA - ... que está em Português, quer dizer, eles sabiam ler Português, o que aí já é estranho, né, e...

DA – Foi, aí, eles me convidaram para trabalhar lá.

NA – ... e lhe convidaram?

BA – Tinham interesse nesse tema, né? Isso aí já é craca, né?

DA – Essa é craca. Essas são as glândulas, as glândulas *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Isso aqui é foto de quê, de microscópio?

DA – Hein?

NA – Foto de quê isso aqui?

DA – Microscópio.

NA – Microscópio, né?

DA – É.

BA – Tinha outras pessoas no mundo trabalhando nisso?

DA – Aqui no Brasil ninguém.

BA – Ninguém?

DA – Ninguém. (?)... Na América do Sul ninguém.

NA – E lá, lá nos Estados Unidos, lá nesse laboratório?

DA – Lá, lá nos Estados Unidos? Não, lá não tinha ninguém trabalhando nisso.

BA – Não tinha, é?

DA – Só na Inglaterra é que havia uma pessoa trabalhando nisso. Lá nos Estados Unidos, até hoje, eles têm problemas de incrustação muito grandes, entendeu, tanto que essa israelita foi para lá para fazer trabalho nisso também.

NA – Quem?

BA – A israelita.

DA – A israelita. Queria aprender alguma coisa para fazer sobre incrustação, mas não conseguiu porque é muito... (?) não, são as (??). A incrustação é o resultado... (??)... Essa (??). Aqui vocês vêem, por exemplo, aqui... (*folheia algo*) (*interrupção na gravação*) Aqui, são todas elas...

NA – São fotos das cracas.

DA – Aqui que nós fizemos... (*interrupção na gravação*) ... sabe localizar (?), tira... a gente tira a parte das glândulas e faz o corte histológico das glândulas...

NA – (??)?

DA - (??). E aí, por exemplo, tudo isso é corte histológico também. Aqui está uma glândula, e aqui a parte ainda da (*reprodução?*) (?) (*falam ao mesmo tempo*).

NA – É, só para deixar gravado aqui, nós estávamos falando da tese... a dissertação – tese ou dissertação? – dissertação do Hedalto, né...

DA – Do Hedalto.

NA - ... do aluno dela, e ela está mostrando as fotos, foto micrografia das glândulas das cracas, que secretam uma substância, é um...

DA – Polissacarídeo.

NA - ... um muco polissacarídeo, que, na verdade, é isso que provoca corrosão.

DA – A corrosão, a incrustação, e, conseqüentemente...

NA – A incrustação, na verdade, é a maneira pela qual a craca se fixa...

DA – Adere, é.

NA - ... adere a uma substância, né?

DA – A uma substância. Aí, quando você tira, aí está aquela corrosão, né?

NA – Mas é provocada por essa glândula?

DA – Por essa glândula, é, que tem essa secreção que é o muco polissacarídeo. (*interrupção da fita*)

Fita 4 – Lado B

DA - ... (*inaudível*).

NA – Tá. Deixe eu lhe fazer uma pergunta. Quando a senhora começou a fazer...

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Então, tá.

DA – Tá aqui, tá vendo? Eu estava procurando (?) canais. A secreção sai desses canais, (?) os canais coletores, e sai, e vai para outro tipo de canal, que é um canal comum, e segue dentro do (?) até a base, e na base, então, ele... o canal se... (?) secreção (??), (*é o que a?*)... Aqui, quer ver? (*interrupção na gravação*) ... nesses canais, são os canais coletores (*e radiais?*), tudo isso, e depois saem e aderem... Aqui, isso tudo é na base.

NA – Na base da craca, né?

DA – Na base da craca.

NA – Entendi.

DA – Porque é difícil você tirar uma craca, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*), é...

DA - ... dificilmente (*falam ao mesmo tempo*).

NA - ... ela segura mesmo na (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Segura mesmo, aqui.

NA – Como se fosse um marisco?

DA – É, como se fosse um marisco. Então, existem muitas glândulas, muitas glândulas (?), todas elas num canal, cada uma tem seu canal. Então, baseado nisso, (??). Aqui, ó.

NA – Quem fez esses desenhos, hein?

DA – Fui eu.

NA – Maravilhosos (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Eu desenhava muito bem.

NA – Estou vendo, de uma grande habilidade.

DA – Isso daqui também foi motivo... Quando fui trabalhar com o Barth, o Barth era um grande desenhista.

NA – É?

DA – Muito. Os trabalhos dele eram uma beleza, tudo com desenhos maravilhosos.

NA – Tinha muita fotografia aí nesse momento, ou não tinha muita fotografia e vocês usavam muito desenho?

DA – Tinha, não, tinha fotografia, mas ele gostava de desenhar, passava o dia inteirinho desenhando, e eu também, eu gostava de desenhar. Esse desenho aqui era do tamanho... quase que do tamanho dessa mesa.

NA – Seria enorme.

DA – É enorme. Eu (??), todos eles eu sempre fiz.

NA – É de uma perfeição! Isso aqui é o quê?

DA – Isso aqui é um (*manto?*), é uma camada de (*manto?*), não é... (*toda aqui?*)...

NA – Mas da glândula, é da glândula isso?

DA – Não, isso daqui é onde ficam situadas as glândulas.

NA – Ah, sim, sim.

BA – Como a senhora aprendeu a desenhar?

DA – Não é bem aprender, eu... sei lá, é o dom da pessoa (*inaudível*), não é, eu acho que é o dom. Por exemplo, com ele eu me aperfeiçoei, por exemplo, a fazer aquilo com o Barth, eu me aperfeiçoei a fazer. Por exemplo, aqui é um tubo, é uma (?), um tubo assim, redondo. Aqui, você vê direitinho.

BA – Você vê totalmente (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Então, ele me ensinava como é que você dá o alto relevo. Assim, os livros antigos todos têm um desenho assim, de alto relevo. Bonito, né?

NA – Muito, muito bonito.

DA – Então, e ele me ensinava a fazer isso, que eu fazia os troços e dizia pra ele assim: “Barth, como é que você faz relevo? (?) assim, assado?” (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É, numa outra dimensão que não é essa dimensão plana, né?

DA – É. Olha aqui, aqui são várias glândulas de (?), aqui são os canais.

NA – Agora, essa história dos canais, e de por aí que sai, na verdade, o ácido, foi a senhora que identificou isso?

DA – Foi, fui eu, e as glândulas também, tudo isso, eu localizei, mas não localizei assim, pra dizer... E aí, o Barth dizia pra mim assim: “Dyrce, tira a fotografia.” Aí, eu tirava a fotografia de tudo (?), porque, ainda, naquela época (?), havia o conceito de que os desenhos, só, não eram válidos, você tinha que...

NA – Não eram prova.

DA – Uma prova.

NA – Não eram uma prova.

DA – É. E...

NA – Que a foto era a prova, era isso?

DA – É, é exato. Então, eu fazia isso, tirava fotografias. Ele tirava fotografia muito bem. Eu aprendi com ele a tirar fotografia.

NA – Aprendeu com ele, e desenhar com ele? A senhora já desenhava antes?

BA – Já desenhava?

DA – Não, desenhar ele me ensinou também, a me aperfeiçoar nos meus desenhos...

BA – *(falam ao mesmo tempo)*.

DA - ... e principalmente, agora, com as fotografias, ele me ensinou a fazer, a (?)... Vocês não conhecem (*Genilton?*), lá do Instituto?

BA – *(inaudível)* falou, né?

DA – É. Eu conheço ele muito, e com ele... nós fizemos muita coisa juntos na parte de fotografia, com ele, eu fiz muito mesmo. Eu gosto muito dele, é uma pessoa muito boa. Então, baseado nas minhas... nisso é que eu fiz aquele desenho grande.

NA – Agora, isso que eu estava lhe perguntando, na verdade, a senhora que identificou esses canais, as glândulas, quer dizer, o processo pelo qual de dá a incrustação e a corrosão, não é isso?

DA – É exato.

NA – No mundo (*não tinha?*) (*??*), ninguém fazia isso, ninguém?

DA – Ninguém.

NA - Ninguém estava fazendo isso.

DA – Foi por isso, depois desse trabalho, o diretor do Orborn Laboratories of Science...

NA – É, lhe convidou.

DA - ... me convidou *(falam ao mesmo tempo)*...

BA – Mas convidou para quê, para a senhora ensinar para eles?

DA – Para ensinar para eles para fazerem isso

NA – (*??*)?

DA – Para ensinar Histologia, então, comecei a fazer Histologia e tal, mas...

BA – Esse laboratório era ligado à Marinha deles?

DA – É, é. Não, era ligado porque...

NA – Osborn (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... era da Biologia Marinha, também tinha... eles também tinham muita coisa.

NA – (*falam ao mesmo tempo*) Science?

DA – É. Mas tinha coisas...

BA – Espertos eles, né?

DA – Ah, bom, o americano sempre foi esperto, minha filha. (*risos*)

NA – Mas a senhora foi lá ensinar a técnica...

DA – É, mas...

BA – Ganhou pouco pra isso...

DA – É.

NA – Osborn Laboratories of Marine Science.

DA – Marine Science.

BA – Mas a senhora ganhou muito pouco para ir lá ensinar para eles.

NA – Ensinou uma técnica para eles, de graça, não cobrou nada, não?

DA – Não, eu não ensinei técnica, não, você ensina o gato, mas não ensina o pulo do gato, entendeu?

NA – Sim, mas o que seria o pulo do gato aí, que a senhora não ensinou?

DA – Não, eu ensinava alguns, (*quer dizer?*), alguns queriam aprender, outros não queriam aprender.

BA – O que é que a israelita, né...?

DA – A israelita. Ela foi também (?) isso, (*claro?*).

BA – Foi para aprender ou foi para...?

DA – Não.

BA – O que é que ela foi fazer lá?

DA – Ela foi fazer... Ela também estava querendo aprender Histoquímica...

NA – Ah, Histoquímica...

DA – ... Histofotometria, é, (*foi o que nós fomos aprender?*). Não, Histofotometria não, espera aí, foi (?)... foi Histoquímica, é. Ela foi ver algumas coisas também, algumas técnicas...

BA – É, porque a senhora estava contando que isso ela não conseguiu fazer, ver as glândulas...

DA – Não, ela não fez.

BA – Não conseguiu?

DA – Nem ela nem (??), só o... aquele menino, o Hedalto, que conseguiu aqui, comigo. Eu comecei a ensinar o Hedalto, um garoto inteligente à beça, aí, ele pegou, (??) fui eu que (*tirei?*) as fotografias todas, mas com ele, aqui no microscópio. Aí, ele pegou a técnica. Hoje em dia (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – O que a senhora aprendeu lá? Eles ensinaram alguma coisa interessante para a senhora, lá?

DA – Olha, eu aprendi lá...

NA – É, o que é que foi interessante de aprender com eles?

DA – (?) com a dra. Lucie Arvy.

NA – Lucie?

DA – Lucie Arvy.

NA - Arvy? Arvy como é como? *H – a...?*

DA – A, Arvy, *a – r – (?)*...

NA – *A – r – v...?*

DA – V... Eu tenho...

NA – Eu viu ter que anotar isso aqui, depois a gente pega.

DA – Eu tenho... aqui, Lucie (?). Esse aí foi um outro...

NA – Ah, sim, mas depois não vai ter jeito, não, ninguém vai conseguir entender isso aqui. Lucie...

DA – Arvy.

NA - ... Arvy. (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É Lucie, *l – u – c – i – e*.

DA – Lucie.

NA – Depois: *a – r – v – y*. A senhora tem um trabalho com ela...

DA – Eu tenho dois trabalhos com ela.

NA - ... Traços de Atividade Enzimática, né?

DA – Enzimática, (??)... Com ela eu aprendi a fazer (*Histoenzimologia*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*) trabalho.

BA - Aprendeu a fazer o quê?

DA – Histoenzimologia.

BA – Ah, Histoenzimologia..

DA – Histoenzimologia.

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*) (*bonito?*). O nome é grande, né? Mas eu (??)...

NA – Histoquímica, não é isso?

DA – É.

NA – Histoquímica, isso é classificado como Histoquímica.

DA – É.

NA – É um trabalho que está em Francês...

DA – É interessante.

NA - ... e publicado na... nos anais da Academia de Ciência de Paris. É de 68. Essa...

BA – Mas aí, isso (*falam ao mesmo tempo*) (?) das (*duas?*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Essa é a francesa que estava no laboratório?

DA – É, que gostava muito de mim. Por pouco que eu não fui trabalhar com ela.

NA – Em Paris?

DA – É. Faltou pouco.

NA – Por que a senhora não foi?

DA – Hein?

NA – Por que a senhora não foi?

DA – Não sei, não me deu vontade, eu não fui, eu... Eu me dava muito...

NA – Ela trabalhava onde, em Paris?

BA – Qual era o instituto dela?

DA – Eu não sei se era o Instituto Pasteur, eu não sei se era... Porque ela era uma das chefes da Histoenzimologia. Eu não sei.

NA – É que aqui não diz. Eu vou procurar o nome dela na Internet...

DA – (*Tem?*) um outro nome (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*) dela. Mas, enfim, e aí? A gente tá falando do que mesmo?

DA – Depois de lá...

BA – (???) para Paris.

NA – (??) para Paris.

DA – É.

NA – Não, eu lhe perguntei o que é que a senhora aprendeu lá. Aí, a senhora falou Histoquímica.

DA – Mas (?) com ela, não foi com a americana, eu não aprendi nada.

NA – Pois é.

DA – Com a americana eu não aprendi, ao contrário.

NA – (*Pois é?*).

DA – Me deram tudo, tudo, tudo. Se eu (?), eu queria ácido ósmico para fazer...

NA – Ósmico?

DA – Ósmico. É um dos ácidos mais caros que existe, né, mas eu pedia. Pois (*bem?*), eu pedia, ele (*inaudível*), passavam dois, três dias, estava lá (*inaudível*). É o tipo do povo que te dá tudo, tudo para você fazer tudo, trabalhar à vontade, não ficam puxando: “Ah, eu te dei, agora eu quero a resposta”, nada disso. O tipo da pessoa muito boa, te dá tudo, agora, na hora em que eles resolvem... vêem que você não está correspondendo àquilo, que você está embromando, como se diz na gíria aqui, né, embromando, e não está trabalhando, pronto, aí, então, eles... Eles não falam nada, mas eles não te dão mais nada. Aí você se sente órfã, entendeu?

NA – Isso aconteceu com a senhora?

DA – Não, não porque eu era vidrada em... era... como é?

BA – CDF.

DA – CDS?

NA – CDF.

DA – Entendeu, eu sempre queria aprender alguma coisa, fazer alguma coisa mais. (??) um negócio de... era Matemática, Química, Física, esses troços não. Sempre gostei muito de bichinho, de tudo, da Zoologia. Zoologia para mim, até hoje, eu sou tarada pela Zoologia, sou mesmo.

NA – Agora, Histoquímica não tinha nada de Matemática, não?

DA – Não.

NA – Não?

DA – Não.

NA – Nada a ver?

DA – Não, tem mais (*inaudível*). Histoquímica eu aprendi com o (*Posseiro?*), (?) lá (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (A *senhora ia?*) na Biofísica aprender com ele?

DA – É, eu ia lá na Biofísica, e eu trabalhava com o Posseiro também, eu (*era?*) do Barth, mas eu trabalhava. (*Estava?*) com o Barth de manhã cedo, (*aliás?*), à tarde, (*ficava?*) com o Barth, de manhã eu ia pra lá, com o Posseiro.

BA – Mas isso antes de ter ido para os Estados Unidos.

DA – Não, depois.

BA – Depois?

DA – Depois.

BA – Quando a *senhora* voltou dos Estados Unidos, e aí, fez diferença o seu (*falam ao mesmo tempo?*)?

DA – Não, não, quando eu voltei dos Estados Unidos não houve diferença (*inaudível*), não, apenas eu aperfeiçoei minhas técnicas, minhas coisas, tal, aí, eu não tive ninguém pra (*ver?*) (*inaudível*), não. O (?) (*foi muito dele mesmo?*), nunca tive problema, não. O próprio Barth sempre me apoiou em todos os trabalhos, apenas ele, na (?) que... ele gostava de... todas as técnicas que eu fazia eu gostava de aprender com ele, dizia pra ele (?) (*que era?*)...

BA – Mas aí, a *senhora* voltou e foi lá para o Posseiro para estudar mais da Histoquímica, foi isso?

DA – Foi, (*inaudível*).

BA – (?) a *senhora* voltou, manteve contato com esse laboratório?

DA – Mantive contato no início...

BA – Publicou alguma coisa?

DA – Publiquei, publiquei... O livro não está aqui, até está uma coisa no livro. Publiquei um trabalho em (?) (*Boletim?*), por exemplo. No (?) Boletim tem trabalhos meus já, que eu fiz lá no laboratório. Aí, foi uma briga também lá no laboratório porque...

BA – Qual era o laboratório, era o do Barth?

DA – Não.

BA – Lá no laboratório?

DA – (*falam ao mesmo tempo*) Estados Unidos. Aí... (*algo cai*) Ei , Maria, tá dando susto na gente? (*Maria não entende*) Está dando susto na gente? (*Maria responde*) (*pausa na gravação*) ... laboratório (??). Quando eu publiquei esses trabalhos lá no laboratório, lá nos

Estados Unidos, (*publiquei dois trabalhos*): um eu (*publiquei?*) junto com o Ligorí, (*inaudível*), e o outro eu publiquei sozinha, quando eu estava na Califórnia já. Então..

NA – Tem a Califórnia, que ela não falou, mas é depois a Califórnia, é outra vez.

DA – Outra.

NA – A senhora foi para a Califórnia depois?

DA – Depois do Osborn Laboratories of Marine Science.

NA – Na mesma viagem?

DA – Não.

BA – (*falam ao mesmo tempo*) Brasil e voltou...

DA – Vim para o Brasil...

NA – Exatamente, (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Eu (*falam ao mesmo tempo*) o pessoal aqui e fui embora de novo.

BA – Ah, sim?

DA – É.

NA – É, mas a história da Califórnia é em 71, é isso ou não? 69. A senhora fez uma conferência na Califórnia.

DA – Fiz.

NA – Em 69, é na primeira viagem.

DA – Foi, na primeira viagem.

NA – 69.

DA – (*inaudível*).

NA – (??). Em 69 a senhora fez uma conferência na Academia de Ciências da Califórnia, não é?

DA – É.

NA – Mas foi na primeira viagem.

DA – Na primeira viagem. E por causa dessa conferência aí eu... (*rindo*) a minha briga com o diretor da Orborn, por causa disso.

NA – Por que a briga?

DA – Ah, porque me convidaram para fazer essa conferência, eu peguei e fui. Aí...

BA – Sem falar com ele?

DA – Sem falar com ele. Eu ia pedir (?) a ele? Eu não, fui-me embora. Ah, ele, uma fera, me procurou, disse que eu não podia, e (*inaudível*).

NA – A senhora não entendia Inglês mesmo, né? Ele falou o quê? Ele falou disso, que a senhora nem sabia o que ele estava dizendo.

DA – Xingou à beça lá no... (??)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) pessoas?

DA – Com o assistente dele, que era um padre. Eu gostava muito dele, (?). Aí, o padre... aí, ele falou, falou...

NA – Padre?

DA – É, ele era padre, (*sim?*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*), era...?

NA – Era um padre?

DA – Era um padre.

NA – Italiano?

DA – É. Aí, eu peguei, (??), eu não sabia de nada, fui-me embora. Depois eu voltei. Quando eu voltei: “Ah, (*Dyrce?*), ele, o diretor, tá uma fera, ele disse (??).” “Não sei por quê.” “Porque você não pediu permissão a ele.” “Eu estou dizendo que eu não tenho que pedir permissão a ele.” Bom, eu fui mandada pelo Conselho Nacional de Pesquisa de lá, quer dizer, o órgão que solta dinheiro para eles fazerem pesquisa. É, o diretor de lá me conhecia.

NA – De onde?

DA – Daqui! Veio aqui para fazer uma palestra (??)...

NA – Também num congresso?

BA – (*falam ao mesmo tempo*) Califórnia?

DA – É, esse que mandava dinheiro para todos eles, aí, veio aqui fazer palestra (*e conversar?*). Aí, nisso, o almirante me (?), (?) o almirante mandou que eu fizesse também uma palestra lá. Eu fiz, fiz até em Português. (??), ela sabia Português muito bem, fiz em Português a palestra e tal. Quer dizer, quando o diretor de lá da Academia... de lá da... de Osborn Laboratories implicou que eu fui fazer a tal palestra, aí, disseram para ele que eu fui com autorização do chefe maior, né, do (*estado Maior?*) lá e tal. Quando eu cheguei o cara estava com uma (?). Aí, eu disse para ele: “Eu fui porque fulano de tal, quer dizer, o chefe do Estado Maior, mandou que eu fosse, e eu fui.” Não podia, não podia ir”, e não sei o quê, e tal. Eu sei te dizer, em suma, que eu não dei a mínima pelota (?), eu (?) na minha sala. Aí, o cara gostou imensamente da palestra, (??) da palestra, (?) que eu fiz lá, eu sei que fez um bilhete, uma (?) assim, pequena, uma carta e tal, me elogiando, e mandou lá para o Osborn Laboratories of Marine Science, e todas (*conferidas?*). Todas as correspondências nossas, minhas e de todos, tinham que passar pelo diretor. Ele (?), ele olhava, disse: “Então, (*eu aceito?*)” Aí, ele viu o chefe dele, digamos, né, o chefe do laboratório, mandar aquela correspondência pra mim. Ele olhou, disse: “Quem é (??)” Aí, ele ficou com a pulga atrás da orelha, que o chefe do... que tinha mandado, que dava dinheiro, que era o dono praticamente daquele laboratório todo, estava escrevendo para mim. Aí, mandou me chamar. Aí, eu aproveitei, xinguei o homem em bom Português e em Inglês (*rindo*), (?), sei lá, eu fiz uma miscelânea.

NA – E ele?

DA – Aí, eu disse para ele assim: “(?), fui, sim. Tá vendo, o senhor fala que eu não podia ter ido... Me manda embora agora se você tem (*capacidade?*), porque não é você que me paga, quem me paga é o outro, é o dono, então, vou falar é com ele.” “Não, não!” Aí, ficou assim, um santinho, quietinho, me deixou (?). Mas sabe como é, quando vê que o negócio é mais em cima, aí, ficou quietinho, aí, não disse mais nada: “Não, eu não sabia que você conhecia ele.” Eu disse: “Eu conheço, ele já viu eu fazer palestra e tudo, ele já viu meus trabalhos...”

NA – No Brasil?

DA – No Brasil. “Ah, eu não sabia (?).” Mas depois ficou calado. Também nunca mais ele se meteu comigo, me tratava assim.

NA – Esse não era o italiano, não, né?

DA – Hein?

BA – Não era o italiano?

NA – Não era o italiano?

DA – Não, era o diretor do...

NA – Do departamento?

DA – Do departamento.

NA - E aí? Aí, a senhora veio embora...

DA – Aí, eu (?), aí, eu estava querendo vir embora já, já tinha terminado tudo, fui-me embora. Aí, ele falou assim: “Não, você vai, mas antes de você ir embora eu vou escrever uma carta agradecendo ao almirante lá, diretor seu, almirante, dizendo que você... a sua capacidade, tudo, que isso é ponto para você.” “Tudo bem, quer me dar, dá, não quer, não dá.” Aí, (?) ele fez a carta, e eu peguei e trouxe a carta aqui, para o almirante daqui, que era o Paulo Moreira até. Aí, quando eu cheguei, o Paulo Moreira falou assim: “Ah, você está de volta? Estão mandando você ficar” – estava mandando eu ficar – “mas você veio!” Eu disse: “É, eu já vim porque estava querendo vir.” “Tá bom.” Eu disse: “Olha, o (?)” – acho que era (?) – “mandou isso para o senhor, uma carta de referência.” (?): “Tá, tá bom.” Aí, ele pegou, abriu. Quando ele abriu ele começou a rir: “*Quá, quá, quá, quá.*” O Paulo Moreira, vocês não conheceram o Paulo Moreira, era o tipo da pessoa maravilhosa, sabe, ele era esculachado. A Maria ficava doida com ele. Ele começou a rir, ria, ria, ria. Eu disse: “Por que é que você está rindo, (?) o que é que há? Eu também quero rir.” Ele pegou, olhou pra mim assim: “Sabe por que eu estou rindo? Por que o teu chefe (??), teu chefe escreveu: “É uma pessoa... a dra. Dyrce Lacombe é uma pessoa formidável, muito boa, trabalhadora, (?), incapaz de fazer alguma (?), e é isso...” – me elogiou, me botou lá em cima – “mas só tem um defeito, ela é péssima para se lidar com ela, é uma pessoa... (*rindo*) a gente não pode lidar com ela. Ela é horrível!” Aí, o Paulo Moreira: “(?), o que é que você fez com o homem lá?” Eu falei assim: “Ah...” Aí, eu contei, eu disse: “Olha, eu fiz o seguinte, eu fiz o trabalho. Aí, na hora que eu (??) meu trabalho eu tinha que botar o nome dele. Ora, no meu trabalho não vai botar o nome, não. Aí, houve uma briga grande porque ele queria botar o nome dele, que todo mundo lá do departamento botava o nome dele. Ah, eu não vou botar o nome dele porque ele nem olhou o trabalho sequer! Ah, eu vou botar o nome dele? Não vou, não! Aí, foi por isso que ele brigou comigo, tá dizendo isso.” Mas o Paulo Moreira morria de rir: “*Quá, quá, quá...* Você sai do Brasil e vai brigar com o diretor lá?” Eu disse: “Ah, não, pode ser diretor, pode ser o que for, mas se eu estou com direito (*falam ao mesmo tempo*)...”

NA – O Barth aqui não assinava os seus trabalhos (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não, não, o Barth assinava os trabalhos dele, e eu assinava os meus. Eu aprendi logo no início disso.

BA – Essa prática é mais recente, não é, não?

DA – De quê?

BA – De botar o nome do chefe do laboratório. Isso é...

DA – É? Ah, eu, até hoje, minha filha... Bom, hoje em dia eu não publico, mas todas as minhas publicações... eu parei com dois ou três anos, (*inaudível*), mas nunca botei nome de chefe, não, agradeço: “Agradeço o laboratório, o fulano de tal por me possibilitar o trabalho, a pesquisa...”, isso eu faço, mas botar um nome numa coisa que ele não fez, não. Você pode

ter certeza, o pessoal que (?), que saiu aqui comigo fez alguma coisa, porque senão não sai, o nome não sai, não, não (?), não.

NA – Agora, vem cá, aí, a senhora voltou...

DA – Voltei.

NA - ... e nesse (?) que ficou lá... não, e o filho?

DA – Não, mas eu telefonava pra ele.

NA – Ah, se comunicava com ele, ligava pra ele?

DA – Por telefone.

NA – Quantos anos ele tinha?

BA – (A idade?) (??)...

DA – Ele devia ter uns oito, dez, doze anos (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Ele nasceu em 62, não foi?

DA – É.

BA – A senhora foi em 67.

DA – Então.

BA – Tinha a idade do (?).

DA – É.

NA – Tinha 5 anos.

DA – Eu sei que aí eu telefonava pra lá...

NA – Falava com ele.

DA - ... falava com ele, porque já tinha um horário certinho, minha mãe marcou um horário certinho pra telefonar, aí, eu falava com ele. (?) minha mãe como sempre foi muito viva, muito esperta, aí, a minha mãe escreveu uma carta pra mim, eu estava de mala e cuia pra ir para a África, aí, a minha mãe (*rindo*) escreveu uma carta pra mim dizendo assim... como é que... como se fosse meu filho: “Mãe, eu estou morrendo de saudade sua. (??), vem logo que eu estou com saudade de você, venha pra cá.” Aquilo me amoleceu... aí, eu quis ir embora, não quis mais, não.

NA – A senhora ia pra África com quem?

DA – Com o (*Ross?*), Eduardo (Ross, esse aqui, que tinha me convidado para ir pra África com ele.

NA – Ah, o Ross a senhora conheceu nessa viagem?

DA – Na viagem para a Califórnia.

NA – Ah, não, foi depois?

DA – Foi depois.

NA – Não foi nessa época? Porque, olha só, a gente fazendo... (?) uma confusão. A senhora voltou para o Brasil depois de Nova York, e foi para a Califórnia de novo?

DA – De novo, no ano seguinte.

NA – No ano seguinte a senhora foi para a Califórnia, e aí é que a senhora foi trabalhar com Ross?

DA – É.

NA – Quando a senhora foi fazer a palestra na Academia, que o diretor em Nova York brigou, o convite já tinha sido do Ross, na Califórnia?

DA – Não, na Califórnia... o Ross não ficava (?), não.

NA – Não?

DA – Não.

NA – A palestra na Califórnia não tinha nada a ver com o Ross?

DA – Não.

NA – Então, quando a senhora voltou para o Brasil, foi para a Califórnia... foi como para a Califórnia, quem lhe convidou?

DA – Foi o Ross.

NA – Mas de onde a senhora conhecia ele?

DA – Ah, eu conhecia o Ross daqui, do Brasil, porque o Ross veio aqui há muitos anos. Ele veio, quando chegou... foi (??) é que me apresentou a ele, entendeu?

NA – Ah, sim.

DA – E aí, depois ele foi embora. Aí, ele escreveu uma carta quando soube que eu estava em (*New York?*), ele escreveu uma carta pedindo... dizendo que ele iria lá em (*New York?*) falar comigo. E ele foi, saiu da Califórnia, foi até (*New York?*) falar comigo. Também ele falava um pouco, muito pouco, mas ele falava Espanhol, (?). Então, aí, nós saímos, tal, depois ele disse assim: “Dyrce, você vai trabalhar comigo em (*New York?*)”, que é a única pessoa do mundo que trabalha nesse inseto além de mim, eu e ele, só. Tinha um na Inglaterra também, o David. David (*morreu?*), era o único também. Pouca gente trabalhava (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - Quer dizer que a senhora combinou a ida para a Califórnia quando estava em Nova York...?

DA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - ... depois encontrou em Nova York com o Ross, é isso?

DA – É, com o Ross. Aí...

NA – A senhora veio para o Brasil e depois foi para a Califórnia, já tinha combinado?

DA – Já tinha combinado.

BA – A senhora chegou aqui, tudo armadinho?

DA – Tudo armadinho.

BA – Sem ninguém saber?

DA – A minha mãe, chegava, (*não sei o quê?*): “Oi!” Eu falei assim: “Amanhã eu estou viajando, hein!” Aí, ela ficava (?).

NA – E como a senhora viveu na Califórnia? Quem lhe pagou?

DA – Hein?

NA – A senhora recebia o salário do Instituto Oswaldo Cruz, continuou recebendo?

DA – Continuei recebendo (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – O salário?

DA – É, continuei recebendo.

NA – E na Califórnia quem (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA – Na Califórnia.

NA - ... lhe pagou, quem pagava?

DA – Foi o Instituto (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... (??).

NA – (?) foi o Ross, Ross? Mas de onde ele... Ele tinha dinheiro dele?

DA – Ele tinha dinheiro, ele tinha... como é que se diz... eu sei que ele tinha dinheiro, né, ou se tinha dinheiro eu não sei, eu sei que ele me pagava.

NA – Uma bolsa?

DA – Uma bolsa, (?) isso, e (*falam ao mesmo tempo*).

NA – E quanto tempo a senhora ficou lá?

DA – Fiquei um ano também, um ano e tanto, um ano e meio, mais ou menos, que eu fiquei lá. Aí... é que eles gostavam muito do meu desenho. Ah, esses desenhos abriram muita porta pra mim, eles gostavam muito... (?), eu não tenho aqui (?), está tudo em casa, viu? Olha que eu trouxe um bocado de trabalho, me esqueci de trazer. Ah, antes que eu esqueça, esse também, esse foi talvez um dos últimos trabalhos (*falam ao mesmo tempo*) Sophie.

NA – Que a senhora fez?

DA – Foi publicado aqui.

NA – Sophie?

DA – É, junto com ela.

NA – A senhora fala dela, a senhora falou dela.

DA – (*Sophie?*) (?).

NA – Ela é da New York University...

DA – É.

NA - ... City University of New York.

DA – Agora, cadê os outros...

NA – Os outros (?) de Nova York? (*inaudível*) (*lendo alguma coisa*).

DA – Eu queria trazer... eu queria ver se eu tinha trazido era a monografia. Não trouxe. Deixe eu...

?? – *(falam ao mesmo tempo)?*

DA – Essa monografia que eu fiz (?), (?).

BA – Com o Ross?

DA – Com o Ross. Não, eu fiz sozinha, e ele que gostava. Ele ficava doido olhando.

BA – Tinha os desenhos, né, *(falam ao mesmo tempo)?*

DA – Pelos desenhos, é, desenhos. (?) desenhos, eles ficavam doidos pelos desenhos. Ele mesmo, o Ross, ficava louco porque eu desenhava as coisas bem certinhas, *(a gente?)* vi, não (?) *(falam ao mesmo tempo)*.

NA – Ele era o quê? Ele era biólogo, zoólogo, entomologista, qual era a função dele?

DA – Ele era entomologista.

NA – Entomologista?

DA – É, pesquisador. Ele era do Geographic Magazine. Ele trabalhava... porque somente pelos (?) ganhava pouco, então, ele trabalhava no Geographic Magazine em fotografias. Ele é muito conhecido no Geographic Magazine. Olha, você quer saber coisa melhor? Telefona, vai lá, *(pega?)* (?), (?) conhece porque eu falei muito do Ross, ele conhecia muito. Todas as (?) naquela revista, no Geographic Magazine, que traz aquelas...

NA – Fotos?

DA – Não, fotos... *(interrupção da fita)*

Fita 5 – Lado A

NA – A senhora está falando do National Geographic, não é isso?

DA – É, National Geographic.

NA – É. *(pausa na gravação)*

DA – Separar lá meu material todo, coletar meus embilídeos, eu ia...

NA – A Bianca está perguntando se a senhora iria para a África com ele...

DA – Com ele.

NA - ... o convite seria esse. Aí, a sua mãe fez essa chantagem...

DA – Emocional.

NA - ... emocional...

DA – E aí, *tchau, tchau*.

NA – Deu *tchau* pra ele e veio embora?

DA – É.

BA – Mas a senhora tinha dito pra ela que ia para a África?

DA – Não.

BA – (*inaudível*) (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas o seu filho estava realmente... aí, o filho já tinha 8 anos, 9 anos, né, 8 anos?

DA – É. Aí, eu...

NA – A senhora voltou por causa do seu filho?

DA – Voltei (*pra cá?*). Aí, eu não esqueço, que ele disse assim... Perguntei ao Ross: “Ross, quanto tempo... porque a gente vai pra África, quanto tempo eu vou ficar sem (??)?” Ele disse: “Ah, você vai (?) um bocado de tempo, (??), porque a gente vai pra África não é por um mês, dois meses. (?) uns três, quatro meses.” Aí, eu fiz as contas, disse: “Ah, eu vou morrer de saudades, vou-me embora.” Aí, eu falei com ele, eu disse: “Vou embora.” Gente assim querendo (*ir embora?*) (*rindo*), que ele está acostumado a ir pra África e levar o pessoal (*inaudível*). (*Eu disse?*): “(*Não, não quero ir?*)” “Você é louca?” Disse: “Eu sou mesmo, sou (?). (*Vou?*) fazer aquilo que o meu coração (?). (?) você que disse (??), se eu tivesse que gostar de um pé rapado, de um vagabundo (?), (???) (*dinheiro?*) (?) (*mundo inteirinho?*) (??). Está errado?” “Tá tudo errado, eu digo, tá errado, mas eu gosto, acabou. Eu vou fazer aquilo que eu quero. Sou teimosa, sou uma mula mesmo de teimosia, sempre fui assim, muito persistente.”

BA – A senhora ocupava algum cargo de chefia?

DA – Graças a Deus, não.

BA – Não?

DA – Ocupei, mas só... vamos dizer assim, (?) na Entomologia, com o Barth, (*entendeu?*), fui assistente do Barth nessas... nessas... como é que se diz...

NA – Não, a senhora foi chefe de laboratório?

DA – Chefe de laboratório...

NA – Foi?

DA – Fui, quando o Barth não estava eu fui chefe do laboratório.

BA – A senhora substituí o Barth?

DA – O Barth. Aí, eu fazia isso também, como eu também fui lá... Com quem mais (??)?

NA – Na Marinha não?

DA – Na Marinha também substituí o Barth também, mas eram essas coisinhas assim. Eu não gosto de chefia, não, porque eu acho que eu sou péssima pessoa pra mandar. (??): “Fulano, faz isso.” (*O sujeito?*) não (?) aquilo e... Eu não dou pra mandar. Não gosto que ninguém me mande.

NA – Mas não (*dá pra mandar?*) por quê?

DA – Porque eu não gosto de mandar em ninguém porque não gosto que ninguém me mande, entendeu? E (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora fica constrangida ou fica... como é que é?

DA – Não, eu... eu não sei... Ah, não gosto mesmo. Eu, como sempre achei que cada um deve fazer aquilo que tem vontade de fazer, e deve ser... a pessoa deve ser espontânea em tudo, então... Sei lá, eu não consigo: “Fulano, faz isso aí.” Não, mandar, ser um alemão, mas como o Barth era. Isso é uma coisa que eu jamais consegui, isso eu não sei (*inaudível*). Eu acho que a espontaneidade é uma coisa tão bonita, tão boa, e é uma coisa que eu valorizo muito. Se você chegar perto de mim, por exemplo, um exemplo, se chegar perto de mim, dizer assim: “Dyrce, sabe de uma coisa? Não estou gostando. Eu acho que você não presta”, um exemplo, “eu acho que eu não estou gostando, eu acho que você não presta, que você está me embromando...” Eu gosto de pessoa assim.

NA – Que a pessoa seja honesta, diga o que está pensando?

DA – É lógico, entendeu, do que chegar : “(*murmurando*)”, e chegar (?), tudo por trás. Quer dizer...

NA – E ficar falando mal por trás, né?

DA – É.

NA – Quer dizer, é preferível que a pessoa diga o que está pensando do que depois falar mal por trás.

DA – É, é lógico, eu (?). Por isso que eu acho que eu não dou jamais para ser chefe de ninguém, de nada.

BA – Já teve chefe que mandava muito na senhora, depois do Barth?

DA – Não, (*falam ao mesmo tempo*), não. Olha, porque eu...

BA – Depois que o Barth saiu a senhora ficou...

DA – Sozinha.

BA – Sozinha? Mas como já era departamento...

DA – É, tem agora o chefe de departamento que é aquela menina que foi minha aluna, trabalhou comigo, foi minha aluna, foi (??) ela...

BA – É Entomologia?

DA – A Beth, Elisabeth (?). Ela trabalhou comigo, tem até trabalhos publicados (??). Depois foi a Jaceni, que também trabalhou comigo, (*falam ao mesmo tempo*).

BA – Mas a Jaceni...

DA – Jaceni, é, que é a chefe da Entomologia (*também?*) (?). Então... mas (?) *também?* (*atualmente?*) está (*no auge?*), está como chefe, né? Quer dizer, eu acho isso ótimo, maravilhoso, muito bom, acho que todos nós devemos pensar em evoluir, mas eu nunca tive esses atrativos de ser chefe, de ser isso, eu nunca (??), nunca me atraiu nada disso. Eu não sei o que me dá. Barth, às vezes, dizia pra mim: “Dyrce, o que é que há contigo?” Eu dizia: “Ah, eu sou assim, eu não (*posso?*).”

NA – “O que é que há contigo” como, em que sentido?

DA – O que é que há com você de ser assim, desprendida completamente das coisas. Eu descobri umas coisas maravilhosas, eu descobri um bicho (?), o Barth não, fui eu que descobri o bicho, chamei o Barth para o Barth ver. Pois bem, a única pessoa que trabalhava com esse bicho era um cara lá da... Buenos Aires, e, na ocasião, eu fui lá e bati papo com ele (*até?*). Mas, depois, (*eu parei?*)... É um bichinho muito bacana nos *octopus*... nos... como é?

NA – Nos polvos?

DA – Nos polvos.

NA – No polvo.

DA – É, dá nos polvos, *octopus*, dá no polvo. Eu descobri isso (?). Quer dizer, uma série de coisinhas, mas pelo simples fato de ter descoberto uma coisa dessa, uma coisa que ninguém fazia, só uma pessoa, eu não... não significa que eu era (*alguma?*) (?), foi sorte. E eu acho que tudo na vida (?) pra gente (?) sorte (?). A gente...

NA – Não, mas, espera aí, tem sorte, mas tem um empurrãozinho também, né...

DA – É...

NA - ... assim, tipo, ó, tem trabalho e tem esforço, não tem, (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Ah, tem, a gente tem que ter vontade (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Tem que ajudar a sorte também, né, (*falam ao mesmo tempo*) sorte, não é?

DA – É, mas isso se...

NA – A senhora não trabalhou pra isso?

DA – É lógico, eu trabalhei pra isso.

NA – A senhora mesma disse que trabalhava à beça.

DA – É, eu sempre trabalhei, sempre fiz as coisas, e... mas (*fala ao mesmo tempo*)...

NA – Eu queria encerrar hoje... Eu acho que a gente vai ter que voltar mais um dia pra encerrar mesmo, tá, se a senhora puder nos receber...

DA – Tá bom.

NA – Mas eu vou encerrar hoje, porque a gente tem que (??), né, perguntando o seguinte: o que é que rendeu pra senhora, já que a gente está falando disso, o eu é que lhe rendeu essa ida aos Estados Unidos, em termos de prestígio, de trabalho, de reconhecimento nacional, lhe rendeu para a sua vida profissional?

DA – (?) reconhecimento, foi, reconhecimento dos (?), (?) meus...

NA – Intercâmbio com alguém lá, além do Ross?

DA – Ah, tem, (?). . . (*muito?*) intercâmbio porque meus trabalhos são muito lidos aí fora, muito mesmo, principalmente na Inglaterra, meus trabalhos são muito lidos (*fala ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) das cracas, né?

DA – Das cracas (?). Barbeiro não (?) barbeiro. Desculpe eu dizer, mas barbeiro só é conhecido na América do Sul.

NA – É, (??).

DA – Saiu da América do Sul, eu só ouvi: “O que é que é isso, hein? O que é que é isso, hein?”, entendeu? Agora, as cracas não. Então, meus trabalhos foram...

NA – É senhora é conhecida pelo trabalho nas cracas, é isso?

DA – Em cracas, é, em barbeiro não, em barbeiro...

NA – Isso que a senhora disse, que identificou esse bicho aí que ninguém sabe, isso está (?) publicado?

DA – Esse dos parasitos?

NA – É.

DA – Tá, tá publicado, tem vários... Eu tenho três... acho que são três ou quatro trabalhos publicados, um é até com a Jaceni, outro (?) sozinho, e outro... (??), (?) na Academia Brasileira de Ciências, que eu sempre publiquei lá, na Academia. E tem os trabalhos (*assim?*) e esses trabalhos são muito bons, quer dizer, é em barbeiro, principalmente em barbeiro, que eu sempre fiz. Mas (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Mas na linha das cracas, a pergunta era: a senhora... Porque na linha das cracas a senhora entra no circuito internacional, né?

DA – É exato.

NA – É outra coisa.

DA – É outra coisa. Agora, já em barbeiro você não entra em circuito nenhum internacional, não entra, não, porque doença de Chagas é endêmica, é aqui, na América do Sul. Tem um pouquinho mais fora da América do Sul, mas você tem na Venezuela, tem (?), (??) que (?) faz também. Mas na Inglaterra não sei se tem (???), nos Estados Unidos o pessoal diz que nem conhece, quer dizer, é uma série de coisas. Eu acho que doença de Chagas é limitado a aqui, é Brasil, Colômbia, (*inaudível*), é limitado a aqui, na América do Sul, e um pouquinho, talvez, na Venezuela, também tem (?), quer dizer... mas não é uma coisa internacional como são as cracas e a corrosão. Corrosão e incrustação existem em tudo quanto é país que for rodeado pelo mar.

NA – Sim, claro, claro.

DA – Então, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) interessa...

DA – Interessas. São as embarcações, são as pontes...

BA – Os portos...

NA – As pontes, os portos, né?

DA - ... os portos, tudo, então, é uma coisa internacional. São os animais, por exemplo, as baleias. As baleias ficam cheinhas delas, né? Outras: tartarugas, todas...

NA – Também, né?

DA – Outro dia eu estava vendo na televisão uma tartaruga, que eles encontraram não sei onde, cheinha de craca. Aí, eu disse: “Ah, se eu estivesse lá!” (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Já ia pegar umas craquinhas.

DA – É. As cracas todas nas tartarugas, tudo isso, quer dizer...

BA – (??) o casco dela não corrói, não?

DA – Não, não chega a corroer...

BA – Não?

DA - ... porque o casco da tartaruga é muito duro...

NA – É?

DA - ... então, ela só se implanta, entendeu, não chega a corroer.

BA – Ah, tá. Não vai fazer mal à tartaruga?

DA – Não faz mal. Você tira, tem aquela mancha, fica, entendeu, mas não corrói, não é capaz de prejudicar. Prejudica...

BA – (??) tinha que aprender como é a constituição do casco da tartaruga.

DA – É exato, agora, eu acho...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... é, por exemplo, o casco de navios. Não sei por que é que casco... acho que deve ter a maior quantidade de aderência, que nos cascos de navios é outra espécie também, é uma espécie que é fogo na roupa pra tirar! (*rindo*)

BA – Outra espécie de craca?

DA – De craca, é o *balanus* (?). O (??), uh, é fogo! Esse *balanus* (...)

NA – *Balanos*?

DA – *Balanus*.

NA – Nos?

DA – Nus.

NA – Nus?

DA – Nus.

NA – *Balanus*?

DA – É. Esse *balanus* (?) não se (?), ele é o tipo do *balanus* que não dá em tartaruga, não dá em baleia...

NA – A senhora (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – A baleia é um tipo, você viu? Eu te mostrei aqui. Em baleia é um tipo, em tartaruga é outro tipo, entendeu, são espécies diferentes, e que a corrosão não é tão forte quanto esses que dão em navios, em navios, pilares de ponte, bóias de sinalização, tudo isso. Essas cracas são terríveis, né, (*inaudível*). Você vê esse troço que ele fez aí, esse... como é... as cracas, (??) Hedalto, que o Hedalto fez, aquele livro grande...

BA – Ah, sim, aquela...

DA - ... você vê, são tipos diferentes de (?), (?) tipo... é a mesma substância, porque a incrustação é a secreção na saída daquela substância, (?) substância é muito forte (???), e menos forte nas cracas que dão que dão em baleias e que dão em...

BA – Tartarugas.

DA - ... em tartarugas, entendeu? Então, tem certas coisas que eu... uma das coisas que eu nunca descobri, acho que vou morrer e não vou descobrir, por que é que essas cracas não dão também nos... – nunca foi descoberto – ... tubarões? Não tem, tubarão não tem, não tem craca.

BA – Olha que curioso!

DA – Agora, por quê? Outra (?) que também não dá: nessas baleias assassinas, nessas que chamam de “baleias assassinas”. Não tem, entendeu? Essas baleias assassinas são incapazes de ter uma craca...

BA – Mas a epiderme deve ser diferente, né?

DA – Deve ser diferente, alguma coisa da epiderme delas, da baleia, dessa baleia assassina, e outra, da... são daquelas... como se diz... duas, das baleias assassinas e das tartarugas, tudo isso, deve ser diferente.

BA – Muito curioso isso.

DA – Eu não consegui até hoje, porque eu acho que...

BA – Agora, as que atacam casco de navio aqui (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA – São, é.

BA - ... atacam na Inglaterra, por exemplo?

DA – São praticamente o mesmo tipo, é o *balanus* (?), que (?), é o (?) e o (*falicus?*), são três tipos de cracas que são fogo, vivem em tudo quanto é país do mundo inteiro, entendeu? (*inaudível*) em pedra, né, (*inaudível*), o (?), o (*ebulius?*), que é um branquinho, também é (?), que ataca as (*bóias?*) todas, e o *balanus* (*tintinado?*), que é grande também, desse tamanho, aquele outro *balanus* com outro tipo de (?), (*também?*) pequeno, desse tamanho assim, (*inaudível*), que também faz isso. Quer dizer, são séries de coisas que a gente não sabe ainda. Eu disse para o Hedalto: “Hedalto, não é dizendo a quantidade de glândulas, o tipo diferente de glândulas, de núcleo (?), você tem que saber com análise, fazer análise do (*cimento?*), dentro, análise dessa secreção. Se você fizer uma análise da secreção de uma glândula (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Aí, isto (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É enzima, isso é Enzimologia. Isso é que é importante, não é fazer esse coisa assim (?). Tá bom, microscopia eletrônica ajuda, mas é...

BA – (*E andou pouco?*)...

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*), mas não é a mesma coisa.

BA – A Histoenzimologia com a craca ainda não desenvolveu muito (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não desenvolveu nada. O único que fez um pouquinho de Histoquímica foi o Posseiro, comigo, nas cracas.

BA – Nas cracas, é?

DA – Nas cracas, consegui catequizar ele para as cracas (*rindo*).

BA – A senhora tinha alunos interessados lá no...?

DA – Olha, são interessados...

BA – Interessados assim, que lhe procuravam para fazer tese em craca, ou não?

DA – Não, tinha... eu tive alunos que vinham aqui, me pediam: “Ah, eu quero estudar, quero fazer craca, quero (??).” Disse: “Tá ótimo, vamos trabalhar.” “Ah, não, isso tem que ser com dois meses só. Ah, não dá.” Eu dizia assim: “Então, procura outra pessoa porque em dois meses você está começando a (*embrocar?*), a saber (*embrocar?*).” O Hedalto ficou quase um ano e meio comigo aqui para ele estudar direitinho. Agora não, agora ele já está livre pra fazer tudo. Mas tem que ser assim.

BA – Mas ele veio fazer tese lá no IOC?

DA – Foi fazer a tese lá no IOC, fez... É essa aqui a tese dele.

BA – Sim, e a senhora como orientadora?

DA – É, é, foi essa que ele fez. Mas agora ele vai ter que fazer, estava querendo fazer também o doutorado, né? Tem o mestrado, agora vai fazer o doutorado. Mas já mudou, já não vai fazer em craca...

BA – Ah, é?

DA - ... porque craca o Instituto não dá (?) chance pra ele, então...

BA – Como não dá chance?

DA – Não dá chance. Como é que ele vai fazer microscopia eletrônica em craca? Não dá, entendeu? Eles dão muito apoio se ele fizer em *trypanosoma cruzi*, se fizer em barbeiro, (??), aí, ele consegue. O outro ele não consegue, não. Mas eu não sei se ele vai conseguir ou não, eu quero. Eu não estímulo porque eu não quero que depois, se não der certo, ele diga: “Ah, foi você que (??).” Aí, eu... Eu sei lutar, sei brigar, por aquilo que é meu, que eu quero, agora, pelo que os outros querem, eu tenho (?) de dizer: “(?), (??), eu acho que (*não deve?*).” Porque para (*ter feito e encarar?*) aquela turma toda (*rindo*), né? (??) (*pra aqui?*) (?) não tem mais, é tudo CNPq, CNPq, tudo é CNPq.

NA – Eles não sustentam um aluno que a senhora (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Nada! Não sustentam, não. Eu fico brigando: “Hedalto, eu estou querendo um apoio vagabundo, uma escada. Pode ser de madeira, ou pode ser de alumínio, para poder ver a minha... a coleção toda (??). Não dão, não! (?) não me dão nada, o que eu tenho, tudo, é CNPq.

NA – A senhora está ligada a que departamento?

DA – Entomologia.

NA – Está ligado à Zoologia, *(falam ao mesmo tempo)*.

DA – *(falam ao mesmo tempo)*.

NA – A Entomologia?

DA – É, *(falam ao mesmo tempo)*.

NA – Quem é *(o chefe da Entomologia?)*?

DA – Agora é Elisabeth...

BA – *(falam ao mesmo tempo)* *(inaudível)*.

DA – Enquanto eu fizer craca...

BA – Entomologia... *(quem ainda é chefe?)*, é a *(Hedine?)*?

DA – Hedine...

BA – É a Hedine.

DA - ... *(??)*. Quando eu estava lá embaixo a turma me dava. *(inaudível)*, por exemplo, eu ia lá no almoxarifado, eu *(??)*, porque já me conheciam, me davam as coisas *(??)*. *(?)* vim pra cá *(?)* até uma briga dentro do Instituto dizendo que isso daqui *(?)* pertence ao Instituto Oswaldo Cruz, *(?)* outro não pertence ao Instituto, isso pertence à Prefeitura daqui, não é daqui do Instituto. Então, briguei *(??)* sei, não sei, sei que é uma briga muito grande, sé é do Instituto, se não é. Eu disse: “*(?)* esse pedacinho é do Instituto?” Outro: “Não é, é todo ele.” Olha, vocês deviam saber disso. Futuca, futuca aqui que vocês vão saber. Uns dizem que isso aqui é do Instituto.

BA – Concretamente só tem o seu laboratório e o do Marcos, não é...

DA – É.

BA - ... que o do Marcos é da Escola de Saúde Pública.

DA – É. Aqui embaixo...

BA – *(falam ao mesmo tempo)* aqui em baixo *(?)*?

DA - ... aqui em baixo tinha o Paulo *(?)*, que também não era do Instituto, mas *(?)* um laboratório, teve um laboratório muito bom aqui...

BA – Mas era de onde ele?

DA - Ele era da... como é... da Rural.

BA – Da Rural?

DA – Da Rural. É...

BA – Isso aqui é um condomínio...

DA – É...

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... um condomínio, ainda é um condomínio, sei lá. Aqui foi brincadeira, tem uma porção de coisas assim.

BA – Tem alguém que administre esse... (??)?

DA – Não. Antigamente tinha uma pessoa que também era do Instituto, mas era do Fernandes Figueira, que o Fernandes Figueira pediu para vir pra cá.

BA – Uma pessoa?

DA – Uma pessoa, ele veio pra cá. Chegou aqui, não (?) nada (??). Aí, botaram essa pessoa como chefe total da área. Bom, pra mim podia ser qualquer um porque o que eu tenho que fazer eu faço mesmo, né, não dou pelota pra ninguém. Aí, o cara veio (??), (?) não sabia nada, nada, nada. (?) (*certo tempo?*), (*saiu?*). Agora ela saiu, foi embora pra um outro, não sei pra onde... aquela que estão fazendo um laboratório.

BA – Juliano Moreira?

DA – É, (?) pra lá. E aqui não tem ninguém, nós estamos acéfalos, acéfalos.

BA – Era uma moça?

DA – Era. Nós estamos acéfalos.

NA – Qual era o nome dela?

DA – Era... Zélia, era isso.

NA – Enfermeira?

DA – Enfermeira (??)?

NA – É.

DA – Não.

NA – (??) ela é médica.

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Nem médica, nem enfermeira.

NA – Nada disso?

DA – Nada disso.

NA – (?) da administração, então?

DA – Não sei.

BA – Ou bióloga (*falam ao mesmo tempo*)... É bióloga, eu acho.

DA – É, bióloga.

NA – (?) biólogo? (??) pesquisa.

DA – É.

BA – (*inaudível*) (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não é (?), não é (?) médica?

BA – É, mas tem todos os estudos, as pesquisas, em Patologia, né, (*falam ao mesmo tempo*).

DA – É, tem, (*falam ao mesmo tempo*). Ela trabalhou, ela saiu de lá, veio trabalhar com Herman Schatzmayr. Saiu do Herman Schatzmayr não sei para onde, aí, (?) veio parar aqui. Queria trabalhar no...

BA – Essa moça que veio do Fernandes Figueira?

DA – É, é. Aí...

BA – (??) (*andou?*) (*falam ao mesmo tempo*), né?

DA – (*Andou?*) (*falam ao mesmo tempo*). Aí, (??) comigo, mas não adianta. Eu tenho (?) pra trabalhar. Mas um belo dia ela resolveu sair, e foi não sei pra onde. Eu sei te dizer e isso mesmo, que ela saiu daqui (*agora?*).

NA – Não (?) (*esse lugar?*). Olha só, vamos encerrar hoje. A gente pode voltar outro dia, pode ser...?

DA – Pode.

NA – ... pra gente terminar?

DA – Uma 6ª feira, assim.

NA – A senhora prefere? (*interrupção da fita*)

Data: 06/05/2005

Fita 5 – Lado A
(Continuação)

NA – 06 de maio de 2005. Entrevista com a dra. Dyrce Lacombe. (*pausa na gravação*)

DA – Latino é muito sentimental. O americano não, o americano é assim, gosta muito de você, mas mostra assim, ela não é...

NA – Eles têm uma relação com os filhos também assim, né...?

DA – Eles têm uma relação (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - .. meio de distância, né?

DA – É.

NA – O pai e a mãe moram num lado, na Costa Leste, o filho mora na Costa Oeste, se vêm uma vez por ano, no Dia de Ação de Graças, e pronto.

DA – É, é exato, eles são assim mesmo.

NA – É, uma relação de distância, né?

DA – Eu não tenho... Eu ficava espantada porque o latino se agarra muito às coisas, né...

NA – É, (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... tem muito sentimento, muito mesmo. Mas, quando eu vi os troços assim, eu vi o Ross tratar a filha dele friamente... A filha dele era uma *hippie*, uma garota *hippie*. Então, ela chegava lá com os pés no chão, (?). E ele era o tipo do cara...

NA – É, andava bem arrumadinho, né?

DA – Arrumadinho, todo bonitinho. Ah, mas ele ficava! Se tivesse um buraco ele se enfiava dentro.

NA – De vergonha.

DA – De vergonha. Quer dizer, eu não entendia isso. Realmente esse pessoal é diferente, o sentimento que eles sentem...

NA – Em relação... é.

DA - ... em relação (*à família?*)...

NA – A senhora volta para o Brasil em que ano, a senhora está lembrando? Setenta e...? Isso foi em 70, né? Essa foto dele aqui...

DA – Essa daí foi recente.

NA - ... 1970, não é?

DA – É, é mais ou menos isso.

NA – Foi quando a senhora voltou para o Brasil, né?

DA – Voltei em sessenta ou... Cadê o currículo? (*rindo*) Eu acho que é 61, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Não, a senhora voltou... isso aqui foi depois?

DA – É. Aí...

NA – A senhora voltou, e aí?

DA – Voltei...

NA – Pra Marinha? Continuou trabalhando na Marinha?

DA – Continuei, continuei trabalhando na Marinha...

NA – E no Instituto Oswaldo Cruz?

DA - ... e no Instituto Oswaldo Cruz. Eu sempre tive muito apoio na Marinha. Eles me mandaram para muitos congressos, muitas coisas...

NA – Mas a senhora (?) um vínculo profissional com a Marinha, não? Era uma coisa meio de empréstimo? A senhora ganhava um salário lá, né...

DA – Não...

NA - ... a senhora me falou.

DA – É. Não, eles me davam um...

NA – Uma espécie de bolsa?

DA - ... um pró labore, só.

NA – É, uma bolsa, eu (?) que é uma bolsa, é. E a senhora ficou a vida toda lá, trabalhando com eles?

DA – Não, eu fiquei com eles bastante tempo, trabalhando, muito mesmo. Até hoje eu faço trabalhos, se eles quiserem. Por exemplo, eles fazem congressos em Arraial do Cabo, sempre me mandam, e eu já fui várias vezes, faço palestras lá, né...

NA – Sobre as cracas, né?

DA – Sobre as cracas, todas. Quer dizer...

NA – E a senhora teve alguma outra... E a senhora veio para o Brasil, voltou, ficou trabalhando com eles e no Instituto, e a senhora entrou na Academia Brasileira de Ciências quando?

DA – Eu sou da Academia.

NA – Eu sei. Quando é que a senhora entrou, (*qual o ano?*)?

DA – Ah, foi há bastante tempo.

BA – 64.

DA – Quando?

NA - 64?

BA – 1964, foi eleita...

DA – Fui, é, eleita.

NA – Membro...?

DA – Membro da Academia.

BA – (*falam ao mesmo tempo*) eleita para a Academia Brasileira de Ciências.

DA – De Ciências, é.

NA – Quem indicou seu nome?

DA – Foi o José Cândido Melo Carvalho, ele foi quem indicou. Agora, aquele ali também me deram... Esse é da Academia de Ciências da República Dominicana.

NA – A senhora é membro correspondente?

DA – Sou membro correspondente dela.

NA – E de quando é, (*Bianca?*)?

BA – 2001.

DA – Esse não está no currículo ainda (*rindo*).

BA – (*É recente?*), (*??*) 2001.

DA – Tem alguns que não estão no currículo.

NA – E a senhora ia pra Academia assistir as sessões da Academia?

DA – Ia.

NA – Mas tinha poucas mulheres, não?

DA – Pouquíssimas.

NA – A senhora e mais o quê?

DA – Bom, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora está lembrando de suas colegas lá? Não, não está lembrando delas?

DA – Não, não, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas o que é que se fazia na Academia? A senhora ia assistir trabalhos para...?

DA – Não, eu ia apresentar trabalhos.

NA – E a senhora ia assistir os dos outros também?

DA – Assistia também, aproveitava e assistia os dos outros.

NA – Mas as pessoas eram organizadas como, por Biologia, por temas, como é que era? Por áreas...?

DA – Ah, era por áreas.

NA - ... de conhecimento?

DA – Área biológica, área de Matemática, área de Física, cada um lá... Antropologia, quer dizer, por área. E eu era chamada... eu recebia sempre um coisa da Academia, não sei se eu tenho aqui.

NA – A senhora publicou nos anais da Academia?

DA – Ah, publiquei muito...

NA – É?

DA – ... muito mesmo, nos anais da Academia. Deixe eu ver se eu tenho aqui. (*pausa na gravação*).

NA – Vamos continuar aqui. Olha só, a senhora entrou na Academia... A Bianca está lembrando aqui, que ela está olhando no seu currículo, que a senhora também pertence à Academia de Ciências da Califórnia.

DA – Sim, lá também.

NA – E lá quem lhe indicou foi o Ross. É o Ross que lhe indicou?

DA – Quem me indicou foi o Ross.

NA – E a senhora apresentou trabalho na Academia lá, como é que foi?

DA – Não, eu apresentei algumas coisas assim, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Mas nesse tempo que a senhora estava lá, né, morando lá?

DA – Nesse período eu estava morando lá, morei ali... quase dois anos.

NA – Quase dois anos.

BA – A primeira vez?

DA – É.

BA – E depois a senhora voltou (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Depois voltei de novo porque (??). Mas, aí, aquela coisa, né, a gente é latino, a gente fica com saudade da família... Família não, era apenas do meu filho, é. Minha mãe eu sempre falava com ela, do telefone, então, eu combinei com ela o seguinte: “Ó, sempre... por exemplo, as 6 horas da tarde eu telefono. Então, ela ficava esperando as 6 horas da tarde, sempre, o meu telefonema. Então, ela botava o meu filho também, ele já era grandinho, né...”

NA – A senhora ouvia ele?

DA –... pra ouvir, pra falar, tudo...

NA – Hoje tem Internet, hoje a gente vê a pessoa, né?

DA – É, hoje tem a Internet, é outra coisa, né?

NA – É, é. Nessa época era o telefone, né?

DA – Nessa época era o telefone, realmente.

NA – E o pai dele?

DA – Hein?

NA – E o pai dele estava onde?

DA – Não, o pai dele ficou aí, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ele estava com o pai dele ou com a sua mãe?

DA – Não, ele ficava com mamãe.

NA – Com a sua mãe?

DA – Com a minha mãe. O pai dele era do IBGE.

NA – É, a senhora falou pra gente.

DA – Não tinha nada a ver com pesquisa.

NA – E a senhora voltou pra fora, pra... viajou pra outro lugar fora do Brasil, não, depois dos Estados Unidos, essas duas vezes?

DA – Eu viajei pra República Dominicana, né?

NA – Pra trabalhar também?

DA – Pra trabalhar também. E outro lugar...

NA – Quem lhe chamou na República Dominicana? Qual era o seu contato lá?

DA – Foi a dra. Sophie Jacoska.

NA – Ah, a Sophie?

DA – É.

NA - Ela estava trabalhando lá, trabalhando lá? (*interrupção na fita*)

Fita 5 – Lado B

DA - ... 2007. Eu já reservei até, em casa, um quartinho para ela, tudo, que ela quer ficar comigo, então...

NA – A senhora conhece ela a o quê, há mais de 30 anos?

DA – Há muitos anos, muito mais de 30 anos! Eu conheci a Sophie num congresso internacional em São Paulo. É que a conversa na hora estava muito chata, aí, eu peguei, levantei e saí, saí e fui andar lá fora. E ela também achou a mesma coisa que eu, foi andar lá fora.

NA – E aí, começaram a conversar?

DA – Aí, nós começamos (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora falou que ela é o quê? Ela é romena? O que é que a senhora falou que ela é? Ela (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Não, ela é polonesa.

NA – Polonesa, foi, que a senhora falou.

DA – Polonesa.

NA – É.

DA – Agora, atualmente, hoje, por exemplo, ela deve estar na Polônia. Ela á para a Polônia, depois ia para uns outros lugares, não sei. Ela viveu muito lá na China... (*toca um telefone*) Ah, meu Deus. (*interrupção na gravação*) Há mais tempo, é exato.

BA – Uns dois anos e depois mais uns (?).

DA – Mais uns... mais ou menos um ano, não fiquei dois anos, não, fiquei um ano.

BA – Depois não voltou para nenhuma viagem mais longa...

DA – (*Não lembro?*), não.

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*) viagens...

DA – Não, viagens por aqui mesmo.

BA – (?) é na Inglaterra ou (?)?

DA – Inglaterra.

BA – Inglaterra. (*Aquela foto ali?*) é ótima.

DA – (??), é.

NA – Aquela ali, dela, né?

DA – É.

BA – É, (?).

DA – Aquilo é Inglaterra.

NA – Mas aquilo ali é o quê? (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Foi um congresso internacional de Entomologia. Aí, eu fui e apresentei um trabalho sobre sistema traqueal nos insetos. E (??) congresso internacional...

NA – Não tinha nada a ver com cracas isso?

DA – Não, era inseto.

NA – Só, era o outro lado dos seus interesses científicos, né?

DA – Exato. Aí...

BA – E aí a senhora viu (?) manchetes de jornal?

DA – É.

NA – Por quê?

DA – Porque ele gostou de mim, sei lá, eu acho que ele gostou de mim antes de todo mundo lá, ele gostou de mim! Aí, veio...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Essa foto é incrível!

DA - ... eu só sei que ele dizia pra mim assim: “*Smile, smile, smile, smile..*”, e eu não sabia o que era *smile*. Aí, a coisa disse assim: “*Ri, Dyrce!*” Eu: “*Ah, pois não.*”

BA – Foi sozinha?

DA – Não, eu fui com o José Cândido e a senhora dele. (*Foi nesse dia?*) que nós fomos eu (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não consigo ler o que é que está escrito aqui embaixo da foto dela.

DA – Foi no congresso, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É Dyrce Lacombe, não é isso?

DA – É Dyrce Lacombe.

NA – Está escrito embaixo ali, na foto, é. Eu vou pedir para o Roberto fotografar aquilo ali. Hein? (*alguém diz alguma coisa*). (*Também?*) não consigo, tá longe. Embaixo está o seu nome, né...?

DA – É.

NA - ... da foto, não é isso? É Daily Herald, é uma foto...

DA – Daily Herald.

NA – É. Que ano foi aquilo, hein?

DA – Eu acho que eu tenho...

NA – 64?

DA – Eu não sei se eu tenho aqui...

BA – O congresso foi em 64, (?) Nacional de Entomologia, deve ser (?).

NA – Ah, na verdade, quem tá fazendo a matéria é uma mulher também, né?

DA – Deixe eu ver.

NA – Ah, é 64, tá em cima (*mesmo?*) (?).

DA – Ai, ai, espera aí. Eu não sei se tenho... É esse Daily Herald. José Cândido me fez comprar...

BA – Tá aí? Ela tem o jornal (?).

DA – Aqui, ó, tenho o jornal.

BA – (?) aqui, é. (*rindo*)

NA – (*falam ao mesmo tempo*) estava aqui.

DA – (*falam ao mesmo tempo*). Aqui.

NA – Ah!

BA – Nossa, mas super legal!

DA – Não é?

NA – *Brazil's Dyrce Lacombe – No butterflies...*

DA – *No butterflies...*

NA - ... *no (net?)*.

DA - ... *no (net?)*.

NA – Nenhuma borboleta, né?

DA – É.

NA – Ela é uma... a mulher que fez a matéria era jornalista, Margareth Jones. Vou pedir para o Roberto fotografar, que depois a senhora (*põe aí em cima?*) (?)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É, mas 64, né?

DA – Deixe eu ver.

BA – É 64, sim.

DA – É, né?

NA – Aqui, ó, não está escrito aqui? Não. Aqui, 64. *July*, 9 de julho, né, de 64.

DA – É. Aí, o José Cândido me fez comprar várias... umas três, quatro... Eu disse: “Eu não quero isso”, porque eu nunca dei bola pra esse troço, com toda a sinceridade.

NA – Essa o quê?

DA – Nunca dei bola pra...

BA – O José Cândido fez ela comprar os jornais.

NA – Ah!

DA – Os jornais. Eram três... eram quatro jornais, para deixar, um no Museu Nacional, que todo mundo falava, todo mundo dizia que eu ia passear, não sei o que é que tem, *pá, pá...*

BA – Ah, é?

DA - ... então, ele disse: “Não, agora eu quero, pra botar lá na...” (*rindo*), e botou lá no quadro pra todo mundo ver. E eu acho que o outro... Um foi para o Museu Nacional, os outros (*eu não sei?*).

NA – A senhora despertava muita inveja dessas outras mulheres do Instituto Oswaldo Cruz e do Museu Nacional? Eu estou desconfiada disso.

DA – É.

NA – Por quê?

DA – Sei lá. Mulher, geralmente, é complexada sempre, né?

NA – As mulheres?

DA – É. As mulheres, geralmente, bastou uma passar, mais bonitinha, mais gostosinha, mais não sei o que é que tem...

NA – Que a outra fica de olho.

DA – A outra fica de olho.

NA – Ah, é?

DA – Mas eu acho bobagem. Agora, também o que é que eu posso fazer? Os homens ficavam mais perto de mim, mais... sempre mais solidários com qualquer coisa: “Ah, deixa que eu faço, deixa que eu faço...”, e tal.

NA – A senhora se destacava...

DA – É.

NA - ... entre o universo masculino dessas instituições (*Dyrce ri*) porque era bonita...

DA – É.

NA - .. porque tinha... era simpática, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – E eu tinha (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - ... e as outras ficavam... e a senhora é comunicativa.

DA – É, é, e eles ficavam...

NA – E elas ficavam com inveja da senhora, é isso?

DA – É.. Lá nos Estados Unidos foi a mesma coisa...

NA – É mesmo, é?

DA - ... a mesmíssima coisa. Olha, o homem, eu acho que em qualquer lugar da Terra, o homem é igual, não pode ver uma mulher que ele fica louco, em qualquer lugar.

NA – É, (*falam ao mesmo tempo*) (??). Mas as mulheres também não são, não? As mulheres também não são iguais, não?

DA – Eu acho que as mulheres são mais... não, as mulheres eu acho que são mais reservadas.

NA – Pois é, mas elas também são iguais em qualquer lugar do mundo, elas são reservadas em qualquer lugar do mundo, isso que eu estou falando também, não é?

DA – É. Mas o homem não, o homem é mais descarado. Ele chega, ele encosta, ele fala, ele é mais aberto. O americano é muito bom, o próprio inglês. O inglês é muito fechado, né, entretanto eu nunca encontrei um inglês fechado. Nós tínhamos aqui, no Instituto Oswaldo Cruz, um inglês espetacular. Eu brincava com ele o tempo todo, ele gostava de brincar comigo, né, (??). Quer dizer, todo mundo ficava... Ele era carrancudo para qualquer pessoa, para mim não. (*rindo*)

BA – Na sua carreira a senhora teve dificuldades?

DA – Não, nenhuma dificuldade, não existiu.

BA – Nenhuma (*falam ao mesmo tempo*), não (?) nenhuma dificuldade?

DA – Não, nunca tive dificuldade, não.

BA – Porque a senhora estava nos falando dos aspectos favoráveis, não é, as pessoas lhe ajudavam, os homens, e tal.

DA – Não, nunca tive nenhum problema, não.

BA – (?) dificuldade (?)?

NA – A senhora foi chefe de departamento?

DA – Uma vez, substituindo o Barth. Depois eu não quis mais, não, e eu fui somente pra substituir ele.

NA – A senhora não queria ter cargo de chefia?

DA – Não, eu não gosto.

NA – Nunca quis?

DA – Não gosto de cargo de chefia.

NA – Por quê, por quê?

DA – Porque chefia significa que você tem que mandar nas pessoas, significa que você tem que... Se a pessoa não fizer exatamente como você quer você pode falar... Isso não dá pra mim porque eu acho que cada um, né, é uma pessoa, então, cada um faz o que quer, a hora que quer, como quer, entendeu? Eu sou mais liberal do que... Eu jamais dei para chefia por isso, porque eu não sei mandar, digamos assim: “Fulano, você vai fazer isso.”

NA – (*falam ao mesmo tempo*). Sim.

DA – Não.

NA – E lá no departamento... Esse departamento foi crescendo, né...?

DA – Foi.

NA - ... ou a vida toda ficou só a senhora e o Barth...?

DA – Não!

NA - ... até ele morrer?

DA – Não! Esse departamento cresceu, o departamento de Entomologia cresceu muito! Primeiro (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*) laboratório, né, ele era chefe de departamento de laboratório, né?

DA – Não, ele é chefe também do departamento que era...

NA – Departamento...

DA - ... departamento de Zoologia.

NA - ... de Zoologia?

DA – De Zoologia. Aí...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) foi chefiada por mulher nesse departamento.

DA – Não, hoje em dia a Zoologia acabou, agora, hoje em dia, é Entomologia.

NA – Entomologia.

BA – Exato.

DA – Entomologia, o chefe da Entomologia, trabalhou comigo até, é aquela menina, Elisabeth, é. Ela trabalhou comigo...

NA – Elisabeth...?

DA – É, Rangel.

NA – Rangel?

DA – Rangel.

NA – Eu sei quem é.

DA – Ela trabalhou comigo o tempo todo, e é uma boa pessoa, muito trabalhadora também. E eu sei depois... A vice também, que é a Jaceni, Jaceni também Jaceni dos Santos. Tem até trabalho, todas as duas têm trabalhos publicados...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... comigo. Hein?

BA – (?) de quê, do departamento?

DA – Do departamento.

BA – Ah, sei.

DA – A Jaceni. (*Agora?*)...

NA – Jaceni?

DA – É Jaceni.

NA – Jaceni?

DA – Mas ela até todas (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Tem muita mulher na Entomologia?

DA – Tem.

NA – Pois é, mas isso...

BA – Não tinha, né?

NA – É, é.

DA – Não, não tinha, começou a ter.

NA – A partir de que momento, a senhora lembra?

DA – Não me lembro, não, eu sei que, infelizmente, comigo, eu acho que somente a Beth comigo, porque o Barth era muito duro, (?) muito...

BA – Rígido?

DA – Rígido demais. Então, eu acho que foi a Beth que (?) comigo. Depois a Beth saiu, aí, entrou aquela menina, a Jaceni, que também é muito boa, todas as duas, não me deram trabalho nenhum.

BA – Elas foram suas alunas...?

DA – Foram minhas alunas.

BA - ... orientandas?

DA – É. Eu tenho trabalhos publicados com elas, inclusive, da Beth, tem trabalho até na Marinha também, com cracas e barbeiros, com a Beth. Com a Jaceni não, com a Jaceni só tem barbeiro. Mas elas todas não (??) (*nada?*), são muito boas, todas as duas, trabalham muito bem...

NA – A senhora (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Mas elas são bem mais jovens, não é?

DA – São, bem mais jovens do que eu, são. (*rindo*)

BA – Não, é porque elas foram suas alunas...

DA – É.

BA - ... antes de serem colegas de trabalho, é isso?

DA – Exato.

BA – Mais para trás a senhora não teve nenhuma... Eu não lembro de nenhuma mulher na Entomologia.

DA – Não.

NA – Eu também não.

DA – Porque antigamente era Zoologia, né?

BA – Sim.

DA – Na Zoologia eu não me lembro. Me lembro muito que tinha o Barth só...

BA – Por muito tempo a senhora foi a única mulher (??), (*não é?*)?

DA – Muito tempo. Foi o Barth... quem mais... Jansen, que também era da Entomologia...

NA – (?)...

DA - ... (?) Jansen... e, da Zoologia e o... como é... não, ele não era da Entomologia, (*Júlio?*) Muniz.

NA – Imunologia.

DA – Imunologia, é, (*Júlio?*) Muniz. Eu me dava muito com Júlio Muniz, eu gostava muito dele e ele gostava muito de mim. Então, eles me chamavam, aí, ele dizia assim: “Senta aí. Menina...” – ele me chamava de garota – “... menina, senta aí, senta aí e escuta.” Aí, pegava algum livro de poesia, ele sabia que eu adorava poesia, aí, ele pegava, lia aquelas poesias todas pra mim, e tal... Ele era formidável, muito (*bom?*).

NA – A senhora conheceu o Walter Oswaldo Cruz?

DA – Não cheguei a conhecer diretamente.

NA – Não?

DA – Não, porque logo que eu fui pra lá ele faleceu... faleceu não, como é...

NA – Não...

DA - ... ele foi... houve aquele troço lá do... da tal cassação, aquela coisa que houve no Instituto, ele sumiu. Quer dizer, eu conheci o Walter muito pouco.

NA – A senhora não tinha contato com ele?

DA – Não, nunca tive contato com o Walter.

NA – Tinha com o Júlio Muniz, e com quem mais que a senhora falou?

DA – Com o Júlio Muniz...

NA – Quem era o mais próximo, era o Júlio Muniz...?

DA – Muniz, Olímpio da Fonseca...

NA – O Olímpio, que a senhora... Como é que era?

BA – Era assistente dele (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – (*falam ao mesmo tempo*), como é que era?

DA – (*falam ao mesmo tempo*) assistente dele.

NA – “Olimpeta”.

DA – “Olimpeta” (*rindo*).

NA – Olímpio a senhora já falou, o Júlio Muniz, e quem mais que a senhora tinha proximidade?

DA – Quem mais?

BA – O Lauro.

NA – Ah, o Lauro.

DA – O Lauro Travassos, né?

BA – Costa Lima, não foi?

DA – Costa Lima também, o Ulisses Costa Lima. Não tive tanta intimidade com ele, não, mas eu dava bom dia, boa tarde, via os bichos, né, ele me ensinava também, me mostrava os bichos, né? O pessoal antigo gostava de me ensinar, gostava... Por exemplo, aquele que trabalhou em piolho... Como é o nome dele?

NA – Hum, eu sei de quem a senhora está falando.

DA – Era um grande cientista também, muito bom. Me chamava lá por causa dos meus desenhos, gostava de ver meus desenhos, entendeu? Ele era muito bom também. O Flávio da Fonseca, eu gostava muito dele também.

NA – Esse Flávio quem é?

BA – Irmão do (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Flávio, irmão do dr. Olímpio, não trabalhava no Instituto, não, né?

BA – *(falam ao mesmo tempo)* Butantã, não foi?

DA – É, no Butantã, eu acho. Mas era também uma pessoa muito boa. Para mim não era como o dr. Olímpio, o dr. Olímpio pra mim foi espetacular, muito bom mesmo.

NA – E quando ele foi embora do Instituto a senhora lembra? A senhora não lembra que fizeram um manifesto contra o Olímpio, a senhora lembra disso?

DA – É, é, eu sei que...

NA – Fizeram um abaixo-assinado, foi uma confusão danada, foi quando ele saiu da direção. A senhora lembra disso, está lembrada?

DA – É, isso aí. Eu me lembro disso, mas como eu sempre me afastei muito de política...

NA – *(falam ao mesmo tempo)*?

DA - ... a mamãe aqui estava longe disso. Mas eu continuei, dr. Olímpio acho que foi para o laboratório dele, lá naquele... na antiga Biologia.

NA – Ele?

DA – É, dr. Olímpio tinha o laboratório dele lá, e eu ia lá, falava com ele, me *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Mas eu acho que aí foi 1953, por aí, e eu acho que ele foi embora do Instituto Oswaldo Cruz, ele foi para a universidade.

DA – Ah, bom esse *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – A senhora não está lembrada, né?

DA – Não, esse pedaço eu não conheço, não.

NA – (?) quando a senhora entrou. Não foi quando a senhora entrou, em 51, 50?

DA – Mas quando eu entrei ele estava lá.

NA – Ah, pois é, mas logo em seguida ele saiu porque deu essa confusão enorme lá, né?

DA – É, né?

NA – É. E depois teve aquele... dez anos depois, a senhora estava falando dos cassados, mas aí já foi muito tempo depois, né, é sessenta...

DA – É.

NA – (?) primeiro teve 64, teve vários inquéritos administrativos, policiais administrativos lá (?) o regime militar. A senhora lembra disso, não?

DA – Eu me lembro, sim, que tinha o regime (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ninguém de vocês lá foi chamado pra prestar depoimento não? Não, né? O Herman Lent foi, o (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Ah, foi, é.

NA - ... o (*Haiti Mussaché?*)... A senhora não está lembrada?

DA – Não, não estou lembrada, não.

NA – Teve uns inquéritos. O Rocha Lagoa assumiu a direção do Instituto, né...

DA – É.

NA – ... e aí, teve esses inquéritos lá, até que depois, seis anos depois, eles foram cassados, em 70, né? A senhora não está lembrada?

DA – Não me lembro, não. Eu sei que...

BA – Ela estava nos Estados Unidos.

NA – Em 70? 69?

DA – Olha...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) estava numa das viagens?

DA – Não sei...

BA – Seu filho nasceu em 62, não foi?

DA – Foi.

BA – Quando ele tinha quatro, cinco anos, a senhora fez sua primeira viagem.

NA – Em 64 ela estava aqui.

BA – Em 64 estava aqui.

DA – Um dos (?) antigos, que eu me lembro muito dele, foi Emanuel Dias.

NA – O Emanuel?

DA – O Emanuel. Ele era ótimo, ele se dava muito comigo.

BA – Ele trabalhava com Chagas, né?

DA – É, e foi por isso que ele se aliou muito comigo, porque eu fazia Histologia de chagas...

BA – De barbeiro.

DA - ... de vetores de doença de Chagas, né?

NA – Mas ele trabalhava lá em Bambuí, né, em Minas Gerais.

DA – É, mas ele vinha sempre ao Rio.

NA – Vinha muito pra cá.

DA – Vinha muito pra cá. E, quando ele vinha, ele vinha direto, me procurava, a gente conversava muito... Ele era um cara muito... (*vamos dizer?*) assim, era de uma personalidade bem estranha.

NA – É?

DA - Ele era muito amigo, muito coisa, daqui a pouco dava um troço nele, ele ficava no fundo do poço, entendeu, aquela melancolia...

NA – Deprimido?

DA – Deprimido, ele ficava assim...

NA – É mesmo?

DA - ... muito... bem deprimido, mas na mesma hora levantava e continuava. Ele tinha uma voz grossa, né, fazia assim: “(*imita a voz dele*)”, assim.

NA – A senhora conhece o filho dele, o João Carlos?

DA – Conheço, e eu gosto muito dele, João Carlos. Eu, inclusive, dei para o João Carlos esse barbeiro que eu tenho aqui...

NA – Ah, a senhora contou do barbeirão que está aqui.

DA – É, eu dei pra ele e ele não veio buscar até agora.

NA – É, não, mas eu acho que esse barbeirão vai para a Casa de Oswaldo Cruz.

DA – É, pelo jeito vai, né, pelo jeito vai.

NA – (*Bianca ri*) (??) para levar esse barbeiro lá para o museu (*Dyrce ri*), botar lá na (?). Esse barbeirão é do quê? Do Chagas, do Carlos Chagas pai?

DA – Esse barbeirão é do Carlos Chagas pai, da época do Carlos Chagas pai. Foi feito pelo Emanuel Dias.

NA – Foi o Emanuel que fez esse barbeirão?

DA – O Emanuel que fez.

NA – Eu vou tirar foto, pedir para o Roberto tirar foto dele, é. E esse barbeiro era do Emanuel?

DA – Era do Emanuel.

NA – Mas ele botava o que, lá em Bambuí? Esse barbeiro é de lá?

DA – Eu não sei...

NA – E como é que esse isso veio parar aqui?

DA – Não sei como é que veio parar, mas eu sei que quando... Eu me lembro desse barbeiro, todo quebrado, sem a cabeça, sem pata, sem nada, todo quebrado, arrebentado, lá no Instituto mesmo, naquela sapucaia que tinha. Tinha, vamos dizer assim, um troço, uma sala, só as coisas ruins, eles botavam, jogavam lá tudo, tudo o que era ruim jogava-se lá.

NA – Um lixão?

DA – Um lixão. Então, eu, como sempre fui muito de lixo, porque eu acho que no lixo a gente encontra muita coisa boa, aí, eu fui lá e encontrei esse barbeiro, o barbeiro, e encontrei também a casa cafua...

BA – Olha!

DA - ... também lá, jogada. Aí, a cafua eu não me interessei, me interessei pelo...

BA – Mas devia fazer uma composição (*interessante?*).

DA – É, me...

NA – Isso não era... deixe eu só (?) uma pergunta: isso não era do museu que existia? O Instituto Oswaldo Cruz não tinha um museu?

DA – Tinha, mas...

NA – Quando a senhora chegou não tinha um museu?

DA – Era um museu patológico.

NA – De Anatomia Patológica?

DA – Só.

NA – Peças anatômicas, essas coisas?

DA – Era só isso, Anatomia Patológica.

NA – Só?

DA – Mais nada. Que eu saiba é isso..

NA – Não tinha uma exposição dessa coisa de chagas lá, não?

DA – Não...

NA – Não?

DA - ... que eu saiba não.

NA – Onde é que ficava esse museu, a senhora lembra?

DA – Não sei, eu acho que era...

NA – No “castelo”?

DA – Não, não é no “castelo”, não. No “castelo” ficava era o laboratório, as coisas do Chagas.

NA – Do Carlos Chagas?

DA – Do Carlos Chagas, no “castelo”. Esse museu eu acho que ficava... lá, onde é atualmente o hospital.

NA – O Evandro Chagas?

DA – É, lá, por lá.

NA – Por aqueles lados?

DA – Eu não sei, para aqueles lados ele ficava. Aí, acabou, esse museu terminou.

BA – (*falam ao mesmo tempo*) Hospital?

NA – (*É sim?*). Acabou o museu?

DA – Acabou esse museu.

NA – E as peças foram, sei lá, perderam-se?

DA – Não sei onde foram parar as peças.

BA – Peças da Anatomia Patológica?

DA – Da Anatomia Patológica.

BA – (*inaudível*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Vocês podem saber pela (?) (*Itália?*).

NA – (???)

DA – A Itália talvez possa te dar, dizer direitinho...

NA – É.

DA - ... porque ela é de Anatomia Patológica. Então, ela não tinha nada a ver com chagas, não. Mas eu sei que os vidros, aqueles vidros antigos...

BA – Mas, de qualquer forma, esse barbeiro, essa (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Ah, mas esse barbeiro (*assim?*)...

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É, a cafua, mas o barbeiro (?) fazer uma exposição, né...

DA – É.

NA – ... não é, para mostrar como é que...

DA – O Emanuel Dias que fez isso, mandou fazer isso.

NA – Pois é, mas..

DA – Tinha um amor danado nisso. E eu sei, isso eu me lembro, que foi ele que mandou fazer.

BA – Seria só para decorar o laboratório dele?

DA – Não sei, não sei para quê. Ou também [porque] ele dava muita palestra, talvez... É muito fácil você botar... Bota um barbeirinho desse tamanho, bota um barbeirão desse tamanho (*rindo*) pra falar sobre ele.

NA – A senhora conheceu o Laranja?

DA – Conheci.

NA – Porque trabalhava com ele, com o (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É.

NA - ... no hospital, não é?

DA – É, exato. Mas a... agora, a cafua nunca mais, a cafua eu não sei...

NA – A cafua era tamanho natural, não?

DA – Não...

NA – Não. Era uma coisa pequena?

DA – Pequena.

NA – Do tamanho do bicho...?

DA – É.

NA - ... do barbeiro?

DA – É, a cafua. A cafua eu não me interessei, mas passaram-se anos, e anos e eu encontrei a cafua com uma outra pessoa, não sei se foi até aqui, eu não sei.

BA – Aqui?

DA – É, eu não sei. Quando eu olhei assim, disse: “Ué, essa não é a cafua do Emanuel Dias?” “Era, mas eu apanhei.” Eu não sei se foi esse pessoal daqui, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Depois a gente...

BA – (*Será que está aí?*)?

NA - ... tá, para ver se está aí, pra gente ver...

DA – É.

NA - ... pra fotografar.

DA – É, a cafua, só. Era uma coisinha pequenininha, sabe, não me interessei por ela, não, me interessei pelo barbeiro. Aí, minha filha, dei um duro desgraçado pra poder montar ele novamente. Estava todo quebrado: não tinha perna, não tinha cabeça...

NA – Onde é que ficava esse depósito de lixo lá?

DA – Olha, ficava...

NA – Perto da Biologia?

DA – Não, esse depósito de (?)...

NA – De lixo.

DA - ... de lixo...

NA – (?) as sobras todas?

DA – É, tinha vários depósitos lá, né, no Instituto.

NA – É? Quando tinha equipamentos, e tal, velhos, colocavam lá nesse negócio (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – É, colocavam... jogavam lá, não colocavam, não, jogavam, jogavam todo o material... Era uma pena, sabe, que tinha muita coisa bonita. Depois, os móveis também, as coisas todas antigas...

NA – Quando a gente chegou tinha (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – Sumiu tudo! Na época do...

NA – A gente ainda conseguiu resgatar algumas coisas na Casa de Oswaldo Cruz. Quando a gente chegou, em 85-86, ainda tinha lá um depósito desses, que a gente foi lá e pegou muitas coisas, né...

DA – É?

NA - .. e muitos móveis. A gente recuperou os móveis.

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Está com a gente isso, né?

DA – É bom isso...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)...

DA - ... porque lá, realmente, eles depositavam qualquer coisa e... Tinha móveis... Móvel era uma coisa espetacular antigamente, né?

NA – É, (*falam ao mesmo tempo*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*), né?

DA – Eram móveis lindos!

NA – Móveis (*falam ao mesmo tempo*). Os móveis eram feitos lá, né? Tinha a marcenaria lá.

DA – Tinha! E o dono da marcenaria se dava muito comigo.

NA – É?

DA – É. Até hoje eu tenho uns banquinhos que ele me deu. Eram diferentes, assim, compridinhos assim, com as duas patinhas. Mas são bonitinhos mesmo!

NA – Que ele fazia, né?

DA – Ele fazia móveis maravilhosos. Aliás, a carpintaria, eu não sei se ainda faz, mas tinha elementos muito bons, muito bons mesmo.

NA – Deixe eu lhe perguntar uma coisa aqui. Quando a senhora... em 76, por aí, 75, a senhora lembra do Vinícius da Fonseca...?

DA – Lembro...

NA - ... aquele economista que foi (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... Vinícius da Fonseca.

NA – É. Ele não teve nenhum problema com a senhora? Não teve nenhum problema com ele, não?

DA – Não.

NA – Ele não lhe chamou pra conversar, não?

DA – Não, ele chamava, às vezes, mas... Ele chamava muito o Barth. E eu acho que o Vinícius foi um... vamos dizer assim, um período muito triste do Instituto...

BA – É?

DA - ... porque ele apanhou muita coisa, os móveis antigos, as coisas antigas do Instituto.

NA – Quem, o Vinícius?

DA – O Vinícius (*inaudível*) (*murmurando*), levou muita coisa. Então, eu acho que... Eu não sei... Vinícius foi uma criatura boa. Ele tinha muito medo do pesquisador.

NA – (*rindo*) Ah, é?

DA – Ah, tinha, um medo danado do pesquisador.

NA – Por quê?

DA – Sei lá, mas que ele tinha, tinha.

NA – Mas por que é que a senhora está dizendo isso?

BA – Como é que ele manifestava esse medo?

DA – Ah, simplesmente quando ele fazia as reuniões. Ele fazia as reuniões, mas morrendo de medo! (*rindo*) A gente via isso.

NA – A senhora percebia?

DA – A gente percebia isso, e não somente eu, não, muitas pessoas perceberam isso. Ele tinha um certo receio do pesquisador, um certo medo, entendeu?

NA – Mas a senhora... porque...

DA – Eu acho que não era medo, era respeito, talvez, pelo pesquisador.

NA – Insegurança, assim.

DA – É, uma coisa assim ele tinha, que a gente podia dizer o que queria pra ele, entendeu, ele ficava...

NA – Ah, é?

DA – É. Ele era uma criatura muito boa nesse sentido. A gente desabafava em cima dele, dizia tudo o que a gente queria, ele ficava olhando, só. Eu mesma fui uma criatura que xingou ele à beça.

NA – É mesmo? Por quê?

DA – Ah, por umas coisas que havia, umas coisinhas que houve, e tal, mas era..

NA – Que coisinhas?

DA – Era... Hein?

NA – Que coisinhas que foram?

DA – Eram uns troços assim, que dão em você de repente, né, você saber alguma coisinha que não é certa, não é correta, aí, você começa a brigar, (?): “Não é assim, é assado!” E aí, parte pra outra. Eu...

NA – E o que é que lhe incomodava?

DA – Não, a mim ele não incomodou, jamais.

NA – À senhora não?

DA – Não.

NA – É porque a gente sabe que ele, quando chegou na Fiocruz, aí já era Fiocruz, né, já não era mais Instituto Oswaldo Cruz...

DA – É, já era Fiocruz, é, foi na época dele, né, ou antes.

NA - ... ele estabeleceu que haveria, assim, dois programas de pesquisa. Ele acabou com os departamentos, não é...

DA – Foi.

NA - ... ele andou mexendo lá, e estabeleceu uns programas de pesquisa, mas que tinham que estar vinculados aos temas de Saúde Pública, os temas de pesquisa... Não era isso?

DA - É, tudo ligado.

NA - E como é que ficou a pesquisa que a senhora fazia? A senhora se vinculou a que programa, chagas ou...?

DA - Chagas.

NA - Dois programas ele estabeleceu, chagas e esquistossomose, não foi?

DA - É.

NA - A senhora está lembrando?

DA - Quando eu peguei era chagas.

NA - Ficou com chagas?

DA - Chagas. Eu (??) de cracas (??).

NA - E o Barth?

DA - E o Barth também em chagas, pegou a parte de chagas. Foi aí que a gente ficou... nós ficamos mais trabalhando com um trabalho com barbeiros, tudo isso, em Histologia.

NA - Foi quando a senhora fez aquele trabalho com (*doenças?*)...

DA - (*falam ao mesmo tempo*)...

NA - ... (*assintomáticas?*), em (?) e nove, de chagas, foi isso?

DA - É.

NA - Aquele que a (??) levantou, disse que a senhora estava errada?

DA - Ah, é.

NA - A senhora já contou isso, né?

DA - Foi.

NA - Mas foi nesse período?

DA - Não, esse período foi muito mais tarde do que o Vinícius.

NA - Ah, é? Não foi nesse período?

DA – Não, acho que não.

BA – Esse congresso não foi em 79?

DA – Esse período foi quando eu entrei para o Instituto, aí, eu brigava, na época. (*um celular toca*).

NA – Espera aí. Bianca... Continua aí, Bianca, que (??) lá na direção mesmo. Deve ser o Roberto, é.

BA – Quando a senhora apresentou o trabalho foi no Congresso Internacional de Doença de Chagas, não foi?

DA – Foi.

BA – Foi em 79.

DA – Foi em 79.

BA – “A Histologia indica o ciclo evolutivo do *trypanosoma cruzi*”...

DA – *Trypanosoma cruzi*, foi.

BA - ... não é isso?

DA – Foi aí que eu fui (*tascada?*) (*rindo*).

BA – Foi aqui que veio a confusão?

DA – Foi, (*falam ao mesmo tempo*) até agora.

BA – Esse trabalho foi publicado?

DA – Foi, foi publicado.

BA – Noa anais do congresso, ou a senhora (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Não, não, publiquei na Academia Brasileira de Ciências. Publiquei um outro também no Instituto... (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – É, publiquei bastante sobre isso.

BA – E qual foi o resultado? A senhora estava... Nessas publicações, que a senhora disse que no congresso teve uma reação, não é?

DA – É. Não, mas as pessoas aí fora... inclusive eles viram, gostaram... Agora eu não sei, há muito tempo que eu já estou afastada dessa equipe que trabalha em doença de chagas, mas eu acho que... eu pelo menos cutuquei a ferida, entendeu? Lá tem um elemento, eu

não sei se era... não é Polônia, não, eu acho que era no... eu acho que era na Argentina, se não me engano, alguém que estava querendo... (*interrupção da fita*)

Fita 6 – Lado A

BA – Mas foi o seu último trabalho com doença de chagas, esse?

DA – Hein? (*microfonia*)

BA – (??) telefone?

NA – Não, vou ver quem é. Eu pensei que era o Cléber, que era de lá, porque...

DA – Ué, (*falam ao mesmo tempo*)?

NA – ... porque virá o rapaz aqui, o fotógrafo de lá. (*inaudível*)

DA – Hein?

NA – Não, porque (*foi aqui?*) (?).

BA – Mas eu estava perguntando se esse trabalho foi o seu último trabalho com doença de chagas.

DA – Não, não.

BA – Não? Continuou?

DA – Não, continuei trabalhando com doença de chagas. Aí, foi ali que eu descobri aquele módulo diferente do ciclo evolutivo do *trypanosoma cruzi*. Aí, eu fiz bastante trabalhos sobre esse...

BA – E esse trabalho foi que a senhora publicou nas Memórias e na Academia, nos anais da academia?

DA – Não, os outros também. Antigamente eu publicava muito mesmo na Academia, na Academia e no Instituto Oswaldo Cruz, nas Memórias. Antigamente eu publicava muito.

NA – No Brasil era... foi nessas revistas que a senhora publicou?

DA – Foi nessas duas revistas. Agora, lá fora eu publiquei muito foi no *Biological Bulletin* e num outro... não sei o nome, junto com a dra. Lucie Arvy até, nos trabalhos. Depois...

NA – Só uma pergunta. A senhora escrevia em português e ela traduzia?

DA – Ela... Esses últimos?

NA – É. Como é que a senhora... A senhora está dizendo pra gente que não falava inglês, não é?

DA – Não.

NA – E nem escrevia.

DA – Não falava, mas aprendi. A gente tem que falar. (*rindo*)

NA – Acabou aprendendo, acabou aprendendo.

DA – É.

NA – Mas, indo morar lá, claro.

DA – É lógico.

NA – Mas a senhora depois aprendeu a escrever também em inglês os seus trabalhos?

DA – É, eu... não, eu escrevia em português e dava para a Sophie, a Sophie passava para Inglês.

NA – E ela fazia, e ela fazia?

DA – É. Tanto que meus trabalhos todos aqui têm um agradecimento a ela.

NA – A ela.

DA – É, para a Sophie.

NA – Porque ela traduzia para a senhora.

DA – Traduzia tudo. E ela é uma pessoa que você escreve o trabalho junto com ela... O último trabalho que eu fiz aqui, em gregarinas até, eu, ela e o Hedalto, ela escreveu, mandei... eu escrevi o trabalho, copiei direitinho e mandei pra ela. Pois bem, não houve nenhuma... ninguém disse: “Olha, isso está errado, (*falam ao mesmo tempo*)...”

NA – Sim é, não, aceitaram o trabalho como a senhora mandou.

DA – E ela é espetacular nisso, ela é muito... Esse trabalho, também, agora, que a gente fez sobre as plantas e animais que vivem nas áreas endêmicas, também é uma das coisas muito boas.

NA – Em animais de áreas endêmicas de quê? Endêmicas de quê?

DA – Até é esse aqui, olha.

NA – Ah...

DA – Nós fizemos aqui.

NA - ... já anotei esse trabalho aí, já.

DA – Também não está no currículo.

NA – Mas eu anotei naquele dia, quando ela veio aqui. Lembra que eu falei o nome do trabalho?

DA – É, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Agora, me diga uma coisa aqui, a senhora foi filiada a que sociedade, (?), sociedade científica?

DA – Não. Como assim?

BA – À (?)...

NA – Ah, é?

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Ah, é? Ah, é? Filiação à Sociedade Científica...

BA – SBPC desde 56.

NA – SBPC... SBPC...

BA – A senhora participava das reuniões da SBPC?

DA – Não, algumas, algumas, só.

BA – Que aconteciam ali no Instituto (?), não era?

NA – Não sei, não. No Instituto Oswaldo Cruz?

BA – É.

NA – Teve (?) da SBPC lá?

DA – Não sei, eu não sei mesmo. Eu era muito desligada dessas coisas...

NA – Sim, mas a senhora era associada a alguma sociedade científica, além do SBPC?

DA – Não, só...

BA – Entomologia...

DA – Entomologia.

BA - ... Zoologia...

NA – Várias (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) Zoologia mesmo, foi.

BA – É, aqui tem duas.

DA – É.

BA – Sociedade Brasileira de Zoologia, Sociedade Brasileira de Entomologia...

NA – (*inaudível*).

BA - ... membro da Sociedade Brasileira de Professores de Ciências no Brasil...

NA – Ah, é?

BA – É de 57.

NA – O que é que é isso?

DA – É, isso, que eu sou... praticamente eu sou professora de Ciências. Eu era chamada pela (*CAPIS?*)...

BA – CADIS.

DA - ... CADIS, né...

BA – Porque o (?) é CADIS, né?

DA – Eu acho que é CAPIS.

BA – CAPIS (*também?*)?

DA – É, pra dar aulas aí no interior...

NA – Ah, é?

DA - ... em tudo quanto é canto, aula de História Natural...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) participou, né?

DA – Aí, eu fazia (??). Eu tenho umas fotografias muito bonitas até sobre isso, dando aula.

NA – Ah, é? Cadê?

DA – Não, tá em casa! (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Ah, meu Deus do céu!

DA – Eu não trouxe, aqui não tem.

NA – Isso foi o quê? 57?

DA – Que eu dei aulas. (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Ela é membro dessa sociedade em 57, então, é porque já dava aula...

DA – Dava aula já.

NA – E a senhora andou viajando pelo Brasil?

DA – Pelo Brasil inteiro.

NA – Para dar aula de História Natural?

DA – E dava aulas, e gostava. Uma coisa que eu gostava era dar aula.

BA – Era para aperfeiçoar os professores?

DA – Era. Não... Era para aperfeiçoar os professores, então, eles eram os alunos da gente. Então, era uma coisa muito gostosa. (*barulho de celular*)

NA – Ah, meu Deus, (?) que negócio é esse aqui? Meu Deus do céu!

DA – Tanta coisa, que tanta agulhada que me... (*pausa na gravação*)

NA – Sociedade de...?

BA – Professores de Ciência no Brasil.

NA – Ah!

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Pois é...

BA – Ela andou pelo Brasil...

DA – Eu tenho... Ah, todas as...

BA - ... dando aulas.

DA – Espetacular, mas eu não tenho nada aqui, não. Eu acho que as minhas fotografias estão todas em casa.

NA – Quem lhe convidou para participar disso?

DA – Ah, o MEC, o Ministério da Educação e Cultura.

NA – Sim, mas quem lá no MEC?

DA – Ah, quem não sei.

NA – A senhora não lembra? Foi uma coisa oficial do MEC, assim...?

DA – Era uma coisa oficial. O MEC...

NA – Esse movimento era pelo Brasil todo, isso, né?

DA – Eu...

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA - ... durante quatro anos seguidos eu dei aula em Bauru, dei aula em... na Bahia, dei aula em São Paulo, realmente, e dei aula também... onde foi, meu Deus do céu... Eu sei que eu tenho tudo... Inclusive, aí eu tenho as fotografias, são desse tamanho, grandes, bonitas mesmo. Eu fazia... eu dava as aulas, pegava os alunos todos, entendeu, e dizia pra eles para eles estudarem (?). Então, nós éramos... não era aluno e coisa, não, éramos amigos, todos. Então, nós íamos para... fazíamos aqueles aparelhinhos todos de Ciências, e fazíamos excursões, apanhávamos tipos diferentes de folhas, tipos diferentes de troncos, pegávamos... (*rindo*) Uma vez nós pegamos uma... nunca esqueço disso, pegamos um... Nós tínhamos que falar sobre a associação dos insetos. Então, pegamos um... (*rindo*) um formigueiro grande, entendeu, assim, que dava assim nas árvores, pegamos um formigueiro, botamos... que a gente fazia exposição depois das aulas todas, a gente fazia, pegava tudo, fazia aquela exposição. Então, a exposição com as formigas andando, (?). Era uma coisa notável. E o prefeito da cidade ficava doido, ele adorava isso. Arranjou uma pessoa numa carpintaria para ficar à nossa disposição. Então, nós fizemos aquela aparelhagem toda do Newton Santos. Se lembra (?), aqueles aparelhos do Newton? Pois bem, a gente, então, pegava, fazia aquele... Os alunos faziam, e eu orientava cada um, eu e uma amiga minha orientávamos... Ela era do Museu Nacional, a Mirian (?). Então, a Mirian fazia e eu também, as duas, nós fazíamos os alunos todos interessados. Faziam *posters* maravilhosos (?) movimento de um sapo, o desenvolvimento dele, entendeu, faziam até... Um outro, que gostava de Física, fez um estudo sobre a parte física do salto dos animais. Tinha coisas maravilhosas! Todo mundo... cada um fazia o que queria, que gostava. Eu dava liberdade para cada um fazer o que (*quisesse?*).

BA – E o MEC pagava vocês para (?) esse trabalho?

DA – Pagava, é, pagava a gente para a gente fazer isso. Mas era um sucesso. As aulas de Ciências se sobressaíam demais às outras porque, sabe, uma aula de Matemática, uma aula de Geografia, ou uma aula desse tipo, assim, não cativa tanto os alunos, não cativa muito porque o aluno ficar agitando, fazendo isso, fazendo aquilo, e tal... Então, os professores tinham até uma certa raiva da gente, uma certa... não é inveja, sei lá, eles não aceitavam muito, porque eu dava aula...

BA – A senhora gostava de dar aula?

DA – Eu gostava, sempre gostei. Eu dava aula, a primeira aula: “Todo mundo, junta todo mundo, nós vamos para o matadouro apanhar peças.” Então, a gente ia para o matadouro de animais, e lá: “Ó, eu vou trabalhar sobre coração.” Pegava um coração. O outro trabalhava... pegava isso, pegava... Então, nós íamos no matadouro... Não entravam nem na sala, eu botava a sala toda para o lado de fora, a gente dava aula do lado de fora, entendeu? Aí, todo mundo... O grupo que ia estudar a parte de coração, então, fazia a parte (??)... Era espetacular. Sempre fizemos isso. E os alunos gostavam de mim. Eles gostavam tanto, eles me deram tanta coisa! E depois, só a graça de eles estarem comigo, entendeu, fazendo (?)... Eles gostavam muito (?).

NA – Isso durou quatro anos?

DA – Quatro anos.

NA – A senhora durante quatro anos...

DA – Durante quatro anos...

NA - ... fez (*falam ao mesmo tempo*) de excursões?

DA – Esse tipo de excursões.

NA – E a senhora deu aula aqui no Instituto Oswaldo Cruz?

DA – Eu dei uma vez aula aqui.

NA – Naquele curso de... Tinha um curso, né...

DA – É.

NA - ... (*falam ao mesmo tempo*) cursos de aplicação, não é?

DA – Nos cursos de aplicação eu era assistente do Barth, dava aula como assistente (*falam ao mesmo tempo*).

NA – E depois, mais tarde, naquele mestrado... Não foi criado um mestrado de Medicina Tropical lá? A senhora não lembra mais?

DA – Não lembro disso.

NA – Foi nos anos 80... Depois a senhora não deu aula mais?

DA – Não, depois não dei aula mais. Só dei aula com o Barth, aula prática, só, ensinei um pouquinho em aula prática e tal. Mas não era a mesma coisa, eu estava muito entusiasmada com as aulas da CAPIS, então, daqui do Instituto (??).

NA – A senhora nunca pensou em fazer mestrado e doutorado, não? Não, né?

DA – Não. Não, porque na minha época não existia isso, primeiro. Os grandes cientistas, como você pode... pode ter visto, né, os grandes cientistas como o dr. Olímpio, o dr. Júlio

Muniz, o Emanuel Dias mesmo, e (*eu?*)... Os outros, que você pode enumerar, não tinham nada disso, eles se dedicavam somente ao trabalho, a fazer... E eu, a mesma coisa. Eu me dediquei muito, durante toda minha vida eu me dediquei demais aos estudos da... aos trabalhos, entendeu, e me aperfeiçoei muito com o Barth, o Barth me ensinando a desenhar e a fotografar mesmo. Depois... Em todas as coisas eu tive muito êxito, em toda minha carreira. Então, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Não pensou nisso de fazer mestrado.

DA – Nem pensei.

NA – Mas isso lhe prejudicou em termos de salário, não?

DA – Ah, sim, isso prejudicou, até hoje. Há pouco tempo, ainda trabalhava lá em baixo, tinha uma (?) lá que se você fizesse o mestrado ou o doutorado, não sei o que, acho que era o mestrado, você ganharia mais... mais...

NA – 35% a mais.

DA – É. Isso aquele menino, o José (?) fez.

NA – Isso?

DA – Fez um apanhado das publicações do Herman Lent, mas fez. Ele lia pra mim. “Você vai fazer?” Eu disse: “Não, não vou, não.” O dr. Olímpio também, quantas vezes quis me levar para a Medicina!

NA – Ele dava aula no Fundão?

DA – Não, no Fundão não.

NA – Não, antes do Fundão...

DA – É.

NA - ... na Praia Vermelha?

DA – Na Praia Vermelha. Ele também (*disse?*)... Então, eu gosto muito do trabalho, eu sempre gostei muito daquilo que eu estou fazendo, quer dizer, da Histologia. E eu fico triste em ver que a Histologia nesse país não é... não tem tanta ênfase como um outro tipo de pesquisa, porque, realmente, hoje em dia, tudo é na base da microscopia eletrônica. E você não pode fazer microscopia eletrônica de um órgão sem saber como ele é, entendeu? Então, a minha função é estudar aquele órgão para depois, então, fazer microscopia eletrônica. Só que agora, atualmente, a geração nova é muito... ela quer saber muita coisa rapidamente, passar... Você tem que ter uma base, tem que ter uma base de estudo para você poder gradativamente subir, chegar até a fazer microscopia eletrônica. Eu faço microscopia eletrônica de inseto porque eu conheço inseto até não poder mais. Faço de craca porque eu sei. Mas, se me botarem para fazer microscopia eletrônica de uma... vamos dizer assim, de um outro animal marinho qualquer, eu já vou ficar meio receosa porque, primeiro, eu teria que estudar o animal marinho para depois fazer microscopia

eletrônica, que eu não sei. Então, são dessas coisas que eu estou vendo que a Histologia... Pra mim a Histologia é válida até hoje, porque você faz uma tese, por exemplo, aquele menino fez uma tese em craca, ninguém sabe nem o que é craca, ninguém sabe nada, entendeu? Quer dizer, por quê? Então, a gente tem que estudar Histologia, mostrar a importância histológica de tudo. A Histologia é muito importante, mas, infelizmente...

NA – A senhora não pensou em ter outros filhos na vida, não?

DA – Eu não.

NA – Não? A senhora estava dizendo pra gente numa outra entrevista aqui que a sua carreira nunca foi, assim, abalada ou prejudicada pelo fato de ser mãe, né?

DA – Não.

NA – A senhora conseguiu dividir muito bem o seu tempo de trabalho e o fato de ter o seu filho e tal, né?

DA – É.

NA – Mas a senhora morava com a sua mãe, né?

DA – Não, eu...

NA – Não, ela cuidava dele?

DA - ... morava sozinha.

NA – Quem cuidava do seu filho era a menina, a... como é que é?

DA – A Dina, Dina.

NA – A Dina. Era ela que ficava com ele?

DA – Ela ficava com ele.

NA – Pra senhora poder trabalhar?

DA – Pra eu poder trabalhar. E quando havia alguma coisa eu saía correndo do trabalho e vinha.

NA – A senhora morava onde nessa época?

DA – Nessa época eu morava...

NA – Na Ilha ainda?

DA – Não, morava na Marins e Barros..

NA – Quando ele era pequeno?

DA – Quando ele era pequeno. Que criança pequena sempre dá trabalho, né?

NA – Pois é.

DA – É.

NA – Tem que ficar na...

DA – Mas meu pai gostava muito dele, meu pai gostava muito dele, e andava muito com ele, (?) muito mesmo, mais do que mamãe. Meu pai era um xodó com o meu filho muito grande.

NA – Mas e lá no Instituto as suas colegas de trabalho não tinham problemas com casa, com os filhos, ter que deixar os filhos e voltar ali para trabalhar?

DA – Olha, eu não sei...

NA – A senhora não lembra disso, não...?

DA - ... isso...

NA - ... de elas estarem reclamando qualquer coisa, não?

DA – Não. Eu ficava mais dentro do laboratório com o Barth, fazia muito trabalho ali, e eu... como eu sabia que ele não gostava que eu “badalasse”, digamos, falasse com a, com b e com c, ter amizade, assim... Como eu disse, o Barth achava que eu era o microscópio dele, então, de jeito nenhum, ele não gostava. Então, eu... porque é que eu vou contrariar quem está me dando tudo, né? Então, eu ficava lá, não me fazia falta nenhuma. Eu sempre fui muito arisca também com... com o pessoal, assim, de fazer... O pessoal, às vezes, o próprio (?), por exemplo, outro diz ele estava dizendo: “Puxa, mas você é uma fera, uma indiazinha mesmo!” Porque a gente tinha um conjunto, né? Saía todo mundo pra fazer uma excursão, pra fazer isso... “Dyrce, vamos?” “Não, não vou, não.” Nunca fui.

NA – Nas excursões que eles faziam?

DA – É, nas excursões, em... sei lá. Juntava todo mundo...

BA – Excursão de trabalho ou de passeio?

DA – De passeio. Eu não fazia, eu não... de jeito nenhum. Eu sempre fui muito isolada.

NA – É?

DA – É, sempre fui muito isolada.

NA – A senhora não tinha uma turma de amigos, assim, (*por exemplo?*), (*falam ao mesmo tempo*)...?

DA – Não.

NA - ... (*jovem?*), não?

DA – Não.

NA – Não?

DA – Não.

NA – Não gostava de ir a festas, dançar, nada disso?

DA – Não, porque não dava pra mim. Eu vivia muito enfiada num livro. Era... como é... PH... como é?

BA – CDF.

DA – CDF. Era uma CDF, pra mim só tinha (??). Ficava a noite inteira, às vezes...

NA – Estudando?

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*).

NA – É?

DA – Só gostava de estudar. Hoje em dia eu vejo a minha neta, que o meu filho reclama, minha neta é igualzinha a mim...

NA – É mesmo?

DA - ... é igualzinha, (*falam ao mesmo tempo*).

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA – Hein?

BA – O seu filho, ele estudou, se formou...?

DA – Ele estudou, se formou...

BA – Mas não é pesquisador?

DA – Não, graças a Deus, não.

BA – E o que é que ele é?

DA – Ele é aviador, né?

BA – Aviador?

DA – É, é como a (?), você não...

BA – Ele pilota?

DA – Ele pilota, ele é comandante do avião, é comandante não, é... sei lá, é de helicóptero, né, que é ele que comanda aqueles troços todos, que faz, que leva, que vai, leva o pessoal da terra e vai até as... como é... aqueles... como é... aquelas... de petróleo, aquelas (*falam ao mesmo tempo*) de petróleo...

NA – Ah, as plataformas de petróleo?

DA – É.

NA – Ele trabalha em Campos?

DA – É, ele trabalha em Campos, é mandado para Macaé (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Sei, ele trabalha para a Petrobrás?

DA – Agora acho que tem uma... (*celular toca*)

NA – Pode falar.

DA - ... tem alguém...

NA – Pode falar.

DA - ... tem alguém assim que a... agora (???), encontraram petróleo não sei onde.

NA – Na Bacia de Campos?

DA – Não, em Campos já tem muitos.

NA – É, já tem.

DA – Lá tem muitos. Ele trabalha muito lá. E agora foi em outro canto. Foi lá em Amazonas mesmo. Ele já esteve lá.

NA – Ah, eu vi no jornal!

DA – Viu?

NA – Acharam um poço, né, um poço lá?

DA – Foi, em Manaus, eu não sei...

NA – Por ali, perto do Amazonas, perto do Estado do Amazonas, né?

DA – É. E ele...

NA – Ele foi lá?

DA – Ele já foi lá, já foi ver as coisas, já mandaram eles, porque mandam, os chefes de lá mandam (*falam ao mesmo tempo*).

NA – É, ele transporta os funcionários da Petrobrás, é isso?

DA – (*falam ao mesmo tempo*) direto para as...

NA – Sim, sim, para essas plataformas de petróleo, né?

DA – Para as plataformas. E vai buscar também.

NA – Quer dizer que ele vive viajando?

DA – Ele vive viajando.

NA – Mas ele mora mesmo onde, em Campos ou aqui no Rio?

DA – Não, ele mora aqui no Rio.

NA – Ah, no Rio mesmo?

DA – É. De quinze em quinze dias ele fica aqui no Rio.

NA – Ele vem?

DA – Ele vem. Agora, por exemplo, ele está aqui, mas de quinze em quinze dias. Mas quando ele vai lá para o Amazonas, ah, (*meu Deus do céu?*), ele diz assim: “Mãe, mas é uma coisa horrível!” Ele vai nas regiões onde eu estive com o José Cândido, né, aquelas regiões todinhas (?), (*inaudível*).

NA – É, que a senhora falou dos índios, (*falam ao mesmo tempo*)...

DA – É, dos índios.

NA - ... falou, é.

DA – (*falam ao mesmo tempo*). Mas eu acho que ele tem um... ele gosta daquilo que está fazendo. Aí, eu digo pra ele assim: “Ué, mas essa região não era assim.” “Ah, mamãe, mas na tua época. Agora é tudo moderno, agora é tudo isso, tudo aquilo...” (*Aí, a gente vê?*)...

NA – A senhora ficou viúva?

DA – Eu fiquei.

NA – Faz tempo?

DA – Faz uns 10 anos (*inaudível*). (?) tirar, mas...

NA – Não, não faça isso, não, não tire daí, não. A senhora não tirou sangue?

DA – Tirei.

NA – É, deixe aí, deixe aí pra proteger aqui.

DA – O buraquinho.

NA – O buraquinho.

DA – É, (*inaudível*) sangue.

NA – Que a senhora tirou. Então, olhe só, vamos encerrar? Assim, eu acho que a gente andou percorrendo vários assuntos dela, né, da vida dela, e... Ah, estava falando o seguinte, que...

BA – (??) estava falando do filho, (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – É, que ele trabalha para a Petrobrás, (??) plataforma, e que ele viaja hoje para aqueles lugares onde ela esteve com o José Cândido, (*lá no meio dos índios?*) (*falam ao mesmo tempo*).

DA – É...

BA - Amazônia, né?

DA – ... (*fui?*) várias vezes. Vários lugares que eu estive com o José Cândido ele viaja pra lá até.

NA – Essa sua relação... Só uma última pergunta, na verdade é a seguinte: quando o Barth morreu a senhora continuou no laboratório dele? A senhora virou chefe do laboratório, não?

DA – Não, não, eu disse que eu não gosto de chefia.

NA – Não, mas quem ficou no laboratório? Como é que a senhora fez? O que é que aconteceu?

DA – Não, o Barth quando faleceu não era chefe, ele era subordinado a uma outra pessoa, não sei a quem, eu sei que ele não era chefe. Aí, eu...

BA – (??) Vinícius. Foi o início do Vinícius...

DA – É.

BA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Foi no final dos anos 70 que ele morreu.

DA – Foi.

NA – A senhora não lembra quando ele morreu, né? Setenta e qualquer coisa, (*falam ao mesmo tempo*).

DA – Aí, eu continuei com... Não, houve o problema de mudança de laboratório. Nós éramos.. naquele laboratório lá embaixo, nós trabalhávamos lá, eu e ele. Aí, quando ele faleceu... antes de ele falecer, aí... Eu sei que eu mudei de lá, daquele laboratório, de lá de baixo...

NA – (*De onde?*)? (*De onde?*)?

BA – É onde é a... É perto da hanseníase?

DA – Perto da hanseníase, atualmente é a hanseníase.

BA – Onde era a...

DA – Biologia.

BA – É. A Mônica trabalhou.

DA – A Mônica trabalhou...

NA – Ah!

BA – Ecologia, é?

DA – É, a Mônica trabalhou na Ecologia. Era um prediozinho pequeno.

BA – Mas era perto do laboratório?

DA – Era perto, pertinho do laboratório. Aí...

NA – Aí, a senhora saiu de lá e foi pra onde?

DA – Saí de lá, aí, fui ver... deixe eu ver... aí, fui lá para o laboratório de lá da Biologia mesmo. Era o 3º... 4º... 5º andar.

NA – A senhora ficou sozinha?

DA – Aí, eu fiquei sozinha no 5º andar.

BA – Pavilhão Carlos Chagas?

DA – É, no Pavilhão Carlos Chagas, fiquei lá no 5º andar. Depois, de lá, aquilo começou a encher muito, não sei o que é que tem, tal, e, aí, eu vim pra cá, de lá eu vim embora pra cá.

NA – Veio para Jacarepaguá?

DA – Vim para Jacarepaguá.

NA – Mas, aí, a senhora disse que veio pra cá... a senhora nos disse que veio para cá, já com o Arouca.

DA – É, com o Arouca, já.

NA – Lembra que a senhora falou dele?

DA – Exato.

NA – Que a senhora chegou aqui, isso aqui estava tudo demolido...

DA – Estava tudo... é.

NA - ... (*uma "lixarada"?*) danada, e que o Arouca, então, lhe deu condições para a senhora poder arrumar um laboratório para a senhora aqui, foi isso?

DA – Foi.

NA – É que esse prédio aqui existe o quê? Desde sempre. Desde quando existe esse prédio?

DA – Há muito tempo, porque esse prédio foi a dra. Alina que fez, dra. Alina.

BA – A senhora conheceu?

DA – Conheci muito, eu era muito amiga dela.

BA – Mas chegou a trabalhar com ela?

DA – Não cheguei a trabalhar porque ela morreu, porque eu vim para cá com a finalidade de trabalhar junto com ela. Ela morreu...

BA – Mas enquanto ela trabalhou aqui, então, a senhora não teve contato com ela?

DA – Ah, tive, muito contato com ela. Eu vinha aqui sempre, entendeu? Depois, quando eu mudei, quando eu resolvi vir diretamente, fiz o laboratório aqui, aí, eu mudei pra cá logo também, foi esse apartamento que eu estou morando até agora. Aí, eu fiquei aqui mesmo, e fiquei junto com ela. Ela estava viva ainda. Ela gostava muito de mim, brincava...

NA – Ela trabalhava com o quê?

DA – Ela trabalhava com chagas também, com... (*ela fazia?*)...

NA – Chagas.

BA – (*Esquistossomose?*)?

DA – Não...

BA – Chagas?

DA – Só chagas. Ela tinha uma coleção espetacular de barbeiros.

BA – Ela era o quê? O que era ela? Ela era entomologista?

DA – Ela era entomologista. Mas era uma criatura espetacular, conhecia muito bem barbeiro, entendeu? Mas era uma pessoa tipo o Barth, exigia.

NA – Mas ela trabalhou... começou... quer dizer, na verdade é o seguinte, a senhora está falando daqui... Quando é eu ela veio para cá, porque ela era originalmente do Instituto Oswaldo Cruz?

BA – DNERu, ela era do DNERu.

NA – Ah, (*falam ao mesmo tempo*).

DA – DNERu (*falam ao mesmo tempo*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – É, e ela (?) aqui.

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – E o Conselho Nacional de Pesquisa dava muito (*apoio?*) a ela. E através do Conselho Nacional de Pesquisa que ela fez esse prédio, entendeu?

NA – Hum, sei, sei. Alina o quê?

DA – É Alina (*Schweitzerman?*).

BA – Ela era uma polonesa (*fala ao mesmo tempo*)...

DA – É, Schweitzerman.

NA – Tem que descobrir o nome dela para (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*).

BA – (*falam ao mesmo tempo*)?

NA – É Alina eu Lina?

DA – Alina.

BA – Alina.

NA – Alina. É, tem que descobrir depois o sobrenome dela. Ela era do DNERu, é?

DA – Era do DNERu, passou pra cá, para o (*Instituto?*).

NA – E ela faleceu quando a senhora veio?

DA – Não, eu estava há bastante tempo aqui quando ela faleceu.

BA – (*Então?*), ela era mais velha (*inaudível*)?

DA – Hein? Era bem mais velha. Aí, eu fui ao... à casa de repouso em que ela ficou, fui lá várias vezes. Ela gostava de uma coisa, eu comprava pra ela. Eu não me esqueço, eu chegava assim... Eu usava muito um vestidinho assim, comprido assim, ela adorava. Na mesma hora fui lá e comprei um outro, dei pra ela. Ela nunca usou, mas ela gostava. Agora, era muito rígida, muito mesmo.

BA – Eu não a conheci, mas as poucas coisas que eu já ouvi alguém falando (?), dizem que ela era muito competente e respeitada, né?

DA – Muito, muito competente mesmo!

NA – Ela era especialista em quê, em barbeiro?

DA – Em barbeiro. Ela fazia criação de barbeiros, fazia a... como é que se diz... (?) todo o desenvolvimento ecológico de todas as espécies, desde ovo até adulto. Ela era espetacular, uma mulher mesmo...

NA – A senhora veio trabalhar com ela por causa dos barbeiros?

DA – Eu vim por causa dos barbeiros, mas eu vim para fazer Histologia dos barbeiros dela, mas...

NA – Sei, sei. E o Emanuel não tinha trabalho com ela, não?

DA – O Emanuel não.

NA – O Emanuel não?

DA – Não.

NA – Ele não se dava com ela, não?

DA – Eu não sei porque o Emanuel era de outra época, mas... eu não sei, porque quando eu conheci o Emanuel, conheci lá embaixo, lá no Instituto.

NA – (*Já tinha morrido?*)?

DA – É, o (?) já tinha morrido.

NA – É, mas a ela podia ter algum contato com ele num momento anterior, e que a senhora nem conhecia ela, né?

DA – É, eu não conheci.

NA – Ela era do DNERu, né?

DA – É. Depois...

NA – A senhora conheceu ela como?

DA – Vindo pra cá.

NA – Ah, quando a senhora veio pra cá?

DA – Quando eu vim pra cá.

BA – Quando isso foi incorporado pela Fiocruz?

DA – É, é. Não, eu vim pra cá... porque eu gostava... eu gostava muito dela, e...

NA – Sim, mas como é que a senhora conheceu ela?

DA – Lá no congresso... no... Houve uma festa num congresso, sei lá, uma coisa lá no Instituto, uma confraternização, que aquilo era o (?) que gostava muito de dar isso, né, essas confraternizações, tipos de medalhas que a gente tem, uma porção de coisas. Então, foi numa... E nas festas todas que havia lá ela sempre foi para o meu lado, e eu para o lado dela, nós duas ficávamos juntas sempre. E assim que ela...

NA – Você se aproximou dela.

DA – Me aproximei dela.

NA – Mas isso foi com o (?) já?

DA – Já, é com o (?) que eu (?).

NA – Antes disso a senhora não conhecia ela?

DA – Não, não, não conhecia, não. Mas era uma criatura notável. Eu vim pra cá e fiquei encantada. E ela era pior do que o Barth.

BA – (*rindo*) Era mulher, né?

DA – É, pior do que o Barth. O Barth ainda era mais flexível, mas ela não. Ela... Olha um detalhe só. Ela tinha uma secretária que mora... acho que ainda mora aí perto de onde eu estou morando. Mas aí, eu vim aqui... Eu gostava dessa secretária e a secretária gostava de mim. Então, quando (*eu entrava?*), falava: “(?), (??), tudo bem?”, e ia para a secretária.

Eu, nem bola. E a secretária parava pra conversar comigo, normal. Aí, uma vez, eu nunca me esqueço... (*interrupção da fita*)

Fita 6 – Lado B

DA - ... disse: “Ó, se você vem aqui, vem, fala comigo, agora, não vá lá na minha secretária, conversar com ela, não, porque eu não quero, porque ela perde tempo conversando com você, e eu não quero isso. Ela precisa me dar as coisas, tá? Não briga comigo, não, (??).” Eu falei assim: “Tá bom”, entendeu? Como é o sangue do Barth (*rindo*) ainda, que era daquele tipo mesmo, aí, disse: “Não, não tem problema, não. Tá bem, eu não falo com ela, não, só quando ela acabar tudo (*direitinho?*).” A dra. Alina era assim, e muita gente, então, tinha verdadeiro pavor dela, medo mesmo, porque ela falava abertamente. Ela não dizia meias palavras, não, entendeu, ela falava abertamente: “Olha, você não serve (??), (?) você não serve (?). É melhor você ir fazer outra coisa, mas isso não.”

NA – Ela trabalhava sozinha (??)?

DA – Ela trabalhava sozinha, mas ela tinha... tinha um rapaz, que trabalha até hoje com... que trabalhou muito com ela sempre, que trabalha agora lá embaixo.

NA – Quem é?

DA – Não sei o nome dele. Ele... E tinha mais umas duas meninas também. Tinha um pessoal de... técnicos que trabalhava com ela. Então... Mas, assim, de (?), de pesquisa mesmo, que eu saiba...

NA – Ninguém?

DA – Não.

NA – Ela ficou sozinha?

DA – Ficou. Mas era uma criatura notável!

NA – É, porque essas pessoas são muito difíceis, né?

DA – São muito difíceis.

NA – Como é que vão montar uma equipe com essa (?) sendo tão complicada assim, né...?

DA – É...

NA - ... a personalidade, né?

DA - ... é muito difícil mesmo. Eu sei porque o Barth também... Sou... A única (?) Barth sou eu, por causa disso, que é difícil. Você tem que engolir sapo, como eu digo, você tem

que engolir sapo porque... pra poder ficar. E depois, tem uma coisa, que você tem que (*obter?*) vontade de trabalhar, de estudar mesmo, entendeu, não pode (??), não pode desviar sua atenção do trabalho. E eu... eu entendo essas coisas porque eu fui criada assim, praticamente eu fui criada pelo Barth, né, que desde que eu...

BA – Mas fora do trabalho a senhora tinha contato com ele, (*falam ao mesmo tempo*) ele?

DA – Não, não.

BA – Era só no trabalho?

DA – Não, só no trabalho. Sim, porque eu entrava no Instituto...

BA – Aniversário das crianças, essa coisa, não...?

DA – Não. Uma vez, eu me lembro, o Barth era tão... tão alemão, que ele, uma vez, uma... não sei... com (?), um rapaz conseguiu ficar um mês, ou dois meses, lá no laboratório. Aí, ele resolveu casar. E ia casar, e tal, virou-se pra mim e disse: “Dyrce, eu vou convidar o Barth para ser meu padrinho de casamento. O que é que você acha?”

NA – A senhora falou.

DA – Eu disse: “Olha, eu acho bom, ia ser uma ótima idéia.” “É, então eu vou falar com ele.” Foi falar com ele. Aí, o Barth (*rindo*) deu um “não” alemão, desse tipo: “Ó, você me desculpe, meu filho, mas eu não pra isso não. Não quero ser seu padrinho, não.” (*risos*) Ele: “Não, não”, coisa e tal... “Não, não, não, não quero ser seu padrinho de jeito nenhum.” E não foi. Aí, o rapaz saiu tão desolado, tão...

BA – Agora, (?), estou vendo ali uma caricatura. (??) foi seu chefe, não foi?

DA – Foi, foi, porque ele foi chefe da Entomologia. A mulher dele foi da Imunologia, e ele da Entomologia.

BA – (*inaudível*)?

DA – É. (*Então?*), (?) era muito bom também, um bom pesquisador, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Mas a senhora nunca trabalhou diretamente com ele, não, né?

DA – Com ele? Não, não.

NA – Ele trabalhou com malária, né?

DA – É. Não, e lá ele... ele orientava muito o pessoal em malária, nessas coisas todas, mas... Até quando eu tive o convite daquele ministro da... acho que é o ministro da Saúde, se não me engano, de lá de Uganda...

NA – Na África, né?

DA – Eu acho que... é, de Uganda, veio me convidar para eu ir para lá, porque estava grassando muito a mosca *tse tse*, a doença do sono estava grassando muito, e queria que eu fosse lá para ver mais ou menos...

NA – Que é provocada por um *trypanosoma*?

DA – É, provocada por um *trypanosoma*. Aí... ele queria que eu fosse. Mas eu conversei primeiro com o (?). Aí, o (?) disse: “Não, não sei se você deve ir ou não, Dyrce.” Aí, eu fiquei assim de ir, entendeu?

NA – Por quê?

DA – Não sei, eu...

BA – Conheceu esse ministro onde, num congresso?

DA – Num congresso. Mas eu sou o tipo da pessoa que, de repente, se eu estou com vontade, eu saio daqui, eu vou e faço, mas se eu não estou com vontade, minha filha, me acomodo. Aí, eu (?): “Não vou, não.” Acabei não indo. Eu tive oportunidades muito grandes para ir em vários lugares, para... Talvez, se eu fosse, com essas oportunidades, se eu tivesse isso, eu não estava mais aqui, não, que eu não voltava para o Brasil, não. Eu só voltei para o Brasil para ficar com o meu filho, mais nada, senão, não voltava. Eu não quis ir para a África com o Ross por causa dele, não quis ir por causa desse... que eu não estava, eu achei que eu não estava ainda com conhecimento geral bom para enfrentar uma doença do sono, que eu não conhecia bem. Eu estudei muito, e (?) foi que me ajudou a estudar muito a doença do sono. Mas, não...

NA – A senhora achou que não era...?

DA - ... não bateu aquilo em mim, pra mim. Aí, eu não... acabei, não fui. E o homem protelou, coitado, protelou à beça. De um ano passou para seis meses, de seis meses passou para três meses, de três meses passou para quinze dias, e eu: “Não.” Eu tive oportunidades muito boas.

NA – A senhora ficou.. Qual foi... A senhora ficou insegura em relação ao conhecimento que a senhora tinha...?

DA – É exato, é exato.

NA - ... para assumir uma responsabilidade dessa, foi isso?

DA – Foi.

NA – E quais foram as outras oportunidades que a senhora teve de ser chamada para fazer trabalhos? Mas foi por inseto também?

DA – Não, porque Uganda, na África, ainda conhece um pouco de doença de chagas, (??) da doença do sono.

NA – É, pois é.

DA – Então. Mas, nos Estados Unidos ninguém conhece nem barbeiro, ninguém conhece nada, nada, nada sobre barbeiros. E eu... Muitas coisas eles conhecem muito sobre cracas. Aí, eu, nesse ínterim, eu comecei a estudar craca, e me dediquei ao estudo das cracas...

NA – E foi se (?). Mas a senhora falou de outras oportunidades, que a senhora perdeu outras oportunidades, ou teve outras, não sei se perdeu, mas teve outras oportunidades de trabalhar fora do Brasil.

DA – Ah, tive, houve muitas oportunidades.

NA – Mas diga pra gente quais foram.

DA – Tive, tive oportunidade de trabalhar com o maior entomologista do mundo, que eu acho que já faleceu, foi o dr. (??). Dr. (??) é da Inglaterra, Cambridge. Ele me chamou para *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – O nome eu vou ter que anotar aqui. Como é que é, hein?

DA – Doutor... Eu tenho...

NA – *(falam ao mesmo tempo)* (??) não vai saber, nem a gente depois (*Dyrce ri*), é impossível.

DA – Dr. Vigars (?).

NA – Vigars?

DA – *(falam ao mesmo tempo)*...

BA – *(falam ao mesmo tempo)*?

DA – Não, não tenho.

NA – Não?

NA – Mas, então, soletra pra mim aí. Como é que é? É *w*...

DA – *W – i*... e eu não sei o nome... a letra.

NA – Vigars?

DA - Estou tentando encontrar aqui o livrinho dele. Ele me mandou o livro também.

NA – Vigars? (???), e depois não se sabe nunca *(falam ao mesmo tempo)*...

DA – Está anotado.

NA - ... não tem como recuperar.

DA – Deixe eu ver.

NA – É de Cambridge, né?

DA – É de Cambridge. (??). Ele é muito conhecido, ele faz fisiologia de insetos.

NA – Fisiologia de insetos?

DA – É.

NA – Não está aí, não? Deixa, depois a gente... (*pausa na gravação*) Esse...

DA – (*inaudível*) (*interrupção na gravação*).

NA - ... falar. Ele lhe convidou para a senhora trabalhar com ele em Cambridge?

DA – Foi.

NA – E a senhora conheceu ele aqui no Brasil?

DA – Não, eu conheci...

NA – (*falam ao mesmo tempo*)?

DA - ... lá mesmo, em Cambridge.

NA – Com o José Cândido...

DA – Ele gostou muito de mim...

NA – Foi num congresso?

DA – Foi num congresso, foi no... não sei qual congresso internacional... de Entomologia, onde eu apresentei o trabalho sobre sistema traqueal nos insetos.

NA – A senhora (?), isso. Foi aí que ele lhe convidou para a senhora ficar lá, em Cambridge?

DA – É, para eu trabalhar lá com ele e tal.

NA – A senhora não quis por quê?

DA – Lá é muito frio. (*rindo*) Sou o tipo da (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora...

DA – Olha, o Barth já dizia: “Dyrce, se você pisar na Austrália... no Continente Americano você vai morrer de frio!” Aí, eu... Eu morro de frio aqui! Hoje, por exemplo, está quente, mas para mim está frio.

NA – Mas a senhora nunca quis fazer a sua carreira fora do Brasil por quê?

DA – Não sei, *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Não é por *(falam ao mesmo tempo)*...

DA – Oi! *(interrupção na fita)*

NA – A senhora não quis fazer a sua carreira internacional porquê? Tinha que sair fora do Brasil e deixar seu filho aqui, foi por isso?

DA – É. Não, primeiro, isso, depois... Eu ia quando me chamavam, mas ia e voltava. Eu não quis ficar lá. Na primeira que nós fomos ao Laboratório de *Marine Sciences* eles fizeram tudo para que eu ficasse lá, inclusive eles compraram microscópio eletrônico, que eu disse que as pesquisas não iriam adiante sem microscópio eletrônico, e eles compraram microscópio eletrônico. Aí, queriam que eu ficasse lá.

NA – E a senhora não quis ficar?

DA – Não. Eu sempre fui assim, eu gosto das coisas... se por acaso me der vontade eu fico, mas se não der eu venho embora. E eu não quis ficar, de jeito nenhum. Depois, na Califórnia também, a mesma coisa. Eu não (?).

NA – A senhora se arrepende disso hoje?

DA – Não.

NA – Não?

DA – Eu só me *(falam ao mesmo tempo)*...

NA – Foi o que a senhora disse: “Se eu tivesse aceitado eu não estaria aqui hoje.”

DA – É, eu não estaria, é, isso é verdade, não estaria mesmo aqui de jeito nenhum.

NA – Teria ficado mesmo, né?

DA – Porque eu sou o tipo da pessoa que quando eu gosto eu me entrego direto, mas, daí, de repente, eu paro porque não gosto.

NA – Isso não é, assim, uma falta de ambição na carreira, não?

DA – Eu não sei se é falta de ambição, mas... eu não sei. Eu acho, talvez... Eu tenho muito amor por aquilo que eu faço, eu acho essencial.

NA – Sim, mas isso... A ambição é outra coisa, né?

DA – A ambição é outra... Oi! *(interrupção na gravação)*

NA - ... encerrar aqui. Primeiro, deixe eu lhe agradecer, deixar agradecido aqui, gravado esse agradecimento à senhora, a paciência que a senhora teve em nos ouvir.

DA – Não, porque é um prazer.

NA – Eu queria agradecer a entrevista e... A senhora quer falar alguma coisa no gravador?

DA – Não.

NA – Não?

DA – Não, está tudo bom. Eu estou feliz da vida, que pelo menos se lembraram que eu existo.

BA – A senhora hoje é aposentada?

DA – Sou aposentada.

BA – E a senhora recebe uma bolsa do CNPq?

DA – Não, não. Eu sou aposentada pelo Instituto Oswaldo Cruz, né, então, só recebo o meu ordenado...

BA – Como aposentada

DA - ... como aposentada..

NA – Como aposentada.

DA – Só, mais nada.

NA – E mantém o laboratório...

DA – É, aqui.

NA – (*falam ao mesmo tempo*). A gente vai tirar umas fotos aqui para ficar registrado...

DA – (*falam ao mesmo tempo*) tenho...

NA - ... que é super organizado: Ala Barth...

DA – Ala Barth, exato (*Bianca ri*), é isso mesmo.

NA - ... é uma...

DA – É isso mesmo, cada coisa aqui (*falam ao mesmo tempo*).

NA – Digna discípula de Barth, não é?

DA – É. Depois, tem uma coisa, esse rapaz que trabalhou, estudou comigo também aqui, o Hedalto, é igualzinho a mim.

NA – É, a senhora deixou...

DA – Também, se ele sentar, e tirar uma coisa do lugar e não botar, eu digo: “Epa, volta, coloca no lugar!”

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*) também é assim. Ah, eu ensino...

NA – (*falam ao mesmo tempo*). Agora vamos ver se a gente consegue fazer um fecho legal aqui, que eu ia falar um negócio quando a senhora saiu, de que talvez essa falta de ambição fosse uma coisa de mulheres na Ciência. A senhora não acha isso, não, né?

DA – Não...

NA – A senhora conheceu mulheres que fizeram carreira, e foram para fora do Brasil, e tal, e tinham essa ambição de fazer uma carreira internacional?

DA – Não, não conheci, não.

NA – Não, né? Mas (?) é o seguinte: como é que a senhora definiria a sua carreira? A senhora já disse, ainda há pouco, que a senhora teve muito êxito em sua carreira. A senhora acha isso, né?

DA – (?) (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – Vamos fechar assim, com uma coisa assim. Qual é a sua avaliação da carreira que a senhora fez de pesquisadora?

DA – Olha, eu estou muito satisfeita com minha carreira de pesquisador porque eu fui muito bem... Eu escrevi, estudei muito, mas eu fui muito aplaudida, digamos...

NA – Reconhecida.

DA - ... reconhecida, não só quanto aos barbeiros, como também no caso das cracas. Então, eu sou muito reconhecida individualmente aí por fora, todo mundo tem muito respeito...

NA – Pelo seu trabalho.

DA - ... entendeu, pelo meu trabalho, por mim... Onde eu chegar o pessoal... me reverencia, quer dizer, o pessoal já me conhece, já sabem do meu trabalho, minhas... então, eu estou satisfeita. Eu acho que eu passei muito bem a vida fazendo isso, fazendo aquilo que eu estou fazendo.

NA – É, que a senhora (?) que gosta, (*e que ama?*) (*falam ao mesmo tempo*), né?

DA – O que eu gosto e o que eu (*amo fazer?*). Nunca fiz nada aqui obrigada a fazer. Dizem que na Marinha o pessoal briga, a pessoa faz isso... Não, eu nunca fui obrigada a fazer nada que eu não quisesse. Todas as coisas... Coletar material, eu coletava o material todo, eles me davam apoio, me davam lancha, me davam pessoas, marinheiros, tudo isso que (?) um apoio tremendo. E eu pegava o material, trazia para o laboratório, dissecava, distribuía, fazia a contagem do material, tudo isso, sempre com o apoio total deles. Então, eu não tenho nada a falar da minha vida científica, ao contrário, dou graças a Deus [por] ter feito uma carreira tão bonita, que eu acho, modéstia à parte, que a minha carreira foi muito bonita.

NA – Que lhe deu muito prazer e muita satisfação, né?

DA – Muito prazer, muito amor, carinho...

NA – E lhe deu satisfação, né?

DA – Muita satisfação, mas muita mesmo, entendeu?

NA – A gente só tem a agradecer a senhora, então, mais uma vez, tá... (*Dyrce ri*) ... pela atenção que a senhora teve com a gente, tá bom?

DA – Não, em absoluto. Vocês podem voltar a qualquer hora, não como...

NA – A gente volta.

DA - ... para fazer reportagem, mas para trabalhar aqui comigo...

NA - (*falam ao mesmo tempo*) (*risos*) ótimo, né?

DA - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

NA – A senhora ensina a mexer nas cracas, (?)? (*risos*)

DA – Ah, com grande prazer, com grande prazer!

NA – São lindas as suas cracas, né? (*rindo*)

DA – É.

BA – (*Aquele?*) bule, né, (*aquele?*) bule.

NA – Não, é uma chaleirinha.

BA – É uma chaleira, é uma (*falam ao mesmo tempo*).

DA – (*falam ao mesmo tempo*) chaleira. Foi o (?)...

NA – Onde a senhora achou aquilo?

DA - ... o (?) ficava doido por aquela chaleira.

NA – Onde que a senhora achou ela...?

DA – Hein?

NA – ... a chaleira?

DA – Eu achei dentro d'água, no mar...

NA – Está cheia de craca.

DA – ... jogada assim, na areia. Eu já apanhei... Eu era uma sucata... Até hoje eu vou à praia, em vez de tomar banho de mar, primeiro eu vou dar uma olhada para ver se eu encontro alguma coisa boa. Se encontrar alguma coisa boa eu pego, e assim... Eu tenho em casa uma bacia grande assim com todo o material marinho, todos os materiais marinhos eu vou colocando ali, né? É só...

NA – (*inaudível*)?

DA – É. Eu sempre gostei muito de (?) marinhos. Eu tenho muita coisa (?). Então, eu... a minha carreira, digamos assim, foi... Eu só tenho que agradecer a Deus porque me deu a satisfação de conhecer os melhores (??). Na Entomologia foi o (*Vigar?*) (?). Pra mim foi uma... Aquele cara é um deus na Entomologia.

NA – A senhora falou que ele é o maior entomologista, né?

DA – É. Depois... ele na Entomologia. Nas cracas eu vi que tinha um bocado de gente, conheci um bocado de gente que trabalha em cracas também, lá nos Estados Unidos, (?). Quer dizer, eu estou muito satisfeita mesmo. Até hoje o pessoal me escreve pedindo material, me (??). Quer dizer, eu acho que os meus trabalhos estão sendo lidos aí, citados (*por todo mundo?*), são muito citados. Então, eu tenho uma série de coisas que me dão, né, umas condecorações, né, que eles fazem...

NA – Prêmios, né?

DA – Prêmios, essa...

NA – A senhora não vai mais na Academia, não, vai? Vai, né?

DA – Na Academia não tenho ido, não.

NA – Não, não tem, não?

DA – Não.

NA – É longe daqui também, né?

DA – É, é muito longe, e depois as sessões começam lá para as seis horas...

NA – Tarde.

DA - ... cinco horas, cinco, seis horas. E, quer dizer, as seis, as sete, as oito horas, aí, para eu ir sozinha é muito ruim. Antigamente eu ia com o José Cândido. O José Cândido também era da Academia, então, a gente ia junto. Aí, quando eu voltava eu ficava na casa da minha mãe, que era pegada à casa dele, aí, eu ficava na casa da minha mãe. Mas, depois, ele morreu, tudo isso, aí, eu... faleceu, e eu, também, para ir lá sozinha, voltar tarde, eu desisti. Então, nunca mais. Apresentei trabalhos (??) apresentar trabalhos lá na Academia. Mas hoje eu tenho muitos trabalhos apresentados lá na Academia. Eu gostava da Academia, principalmente quando tinha também o Pacheco Leão, que era diretor da Academia. Eu gostava muito do Pacheco Leão, e ele gostava muito dos meus trabalhos. Meus trabalhos sobre barbeiro, ih, a gente ficava horas, os dois, combatendo, falando, conversando. Então, depois, ele se foi também... Depois veio o (?), que também se foi... Quer dizer, aquilo foi muito baque para mim.

BA – Muitos amigos se foram?

DA – Foram, meus amigos todos.

BA – Ficou alguém?

DA – É, eu acho que não, sabe? Que eu considere amigo mesmo? Não. Isso é uma coisa da vida, eu...

BA – A senhora chegou muito jovem também, né?

DA – É.

BA – Fez amizade com essas pessoas, que eram mais velhas, não é?

DA – É, é exato. E isso é normal, que as pessoas mais velhas vão primeiro, né? Mas eu nem conformo muito com isso, não. (*rindo*) Essa psicologia não é muito boa, não, pra mim.

BA – No IOC não ficou amigo nenhum?

DA – Hein?

NA – Lá no IOC.

DA – No IOC... Os amigos meus mesmo já morreram. Era o Lauro Travassos, era o Olímpio da Fonseca, era o Júlio Muniz, (*entende?*)?

NA – (*falam ao mesmo tempo*).

DA – O pessoal (??)...

NA – Foram embora muito cedo.

DA – Muito cedo.

NA – Porque eles eram muito mais velhos que a senhora, né?

DA – É. E aí... E eu não me conformava muito porque eu gostava muito desse pessoal, e eles gostavam muito de mim, então, aí... Eu também peguei, vim embora pra cá, e aí me isolei mesmo.

BA – E o seu trabalho em craca também é muito solitário, né?

DA – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

BA – Não tem muita gente mexendo.

DA – Não. Aqui no Brasil no (?) de cracas você só tem eu... Tinha um rapaz que trabalhava cracas, Sistemática de cracas, no Museu Nacional, era (*Yang?*), que trabalhava em cracas.

NA – Yang?

DA – Yang. E ele gostava de craca também, mas só Sistemática. Agora, Anatomia, Histologia...

NA – É a senhora?

DA – Somente eu. Então, hoje em dia, até esse rapaz que se formou aqui comigo, ele estava dizendo assim: “Pois é, doutora, quando eu quero alguma coisa, saber alguma coisa, tenho que vir aqui correndo perguntar à senhora, porque não tem ninguém (*agora?*)!”

BA – Na Santa Úrsula ninguém mexe com craca?

DA – Não, com cracas não.

BA – Porque o curso deles de Biologia Marinha é...

DA – É (*falam ao mesmo tempo*)...

BA - ... conhecido, né?

DA – É, mas eles não se interessaram (*pela craca?*). E depois, eu acho que craca tem uns (*programas?*) muito (*bonitos?*) aqui para o Brasil, principalmente a parte de incrustação e corrosão. Hoje em dia já tem muito congresso, há muito congresso, muitos simpósios, principalmente em Cabo Frio, Cabo Frio tem. Então, eles me convidam, eles...

BA – (*falam ao mesmo tempo*) da Marinha?

DA – É.

BA – Instituto de Biologia da Marinha?

DA – Instituto de Biologia da Marinha. Então, me convidam para ir lá fazer palestras, eu vou. Aquele... como é o nome, é... de lá do Instituto, até foi uma vez também... ele era Cabelo... Cabelo?

BA – Cabelo.

DA – É.

BA – Pedro Cabelo.

DA – Pedro Cabelo. Ele foi lá, viu a palestra também... Eu acho que a gente, sei lá... A Biologia marinha é muito aberta, entendeu, muito aberta. Você vê muita...

NA – Tem muitas coisas para estudar.

DA – Tem muita coisa para estudar, muita. Cada vez que você estuda você quer estudar mais ainda, muita coisa mesmo, então... Agora, já em barbeiro não, barbeiro é mais restrito, mais fechado, não tem muita coisa. Inclusive, lá nos Estados Unidos, eu trabalhava em barbeiro com o Ross, a parte de Entomologia como Ross, e trabalhava no mesmo prédio, na parte de baixo, tinha aparte de Biologia Marinha, com o... com aquele... como é... ah, esqueci o nome dele. E eu trabalhava, eu ia a excursões com ele, entendeu, ia para tudo quanto é canto, coletava material... Mas o dr. Ross me incentivava, ele dizia assim: “Dyrce, vai, sim, vai lá, vai lá. Apanha, sim, a gente (*bota assim?*), e tal.” Quer dizer, me incentivava, não era desse tipo que: “Não, eu não quero que você faça isso.”

NA – É, fica só fazendo aqui barbeiro...

DA – É, não, e me deu apoio total. Então, eu... se quiser uma coisa eu tenho muita... Eu acho que eu fiz... tenho muita coisa pra contar, muita coisa pra lembrar, entendeu? Isso é uma coisa maravilhosa, a gente ter o que se lembrar, não é, você poder falar daquilo que você... do passado, do passado bom, que não é aquele passado só de “o homem tirou isso, o homem tirou aquilo”, nada disso. É um passado de... né, um passado bom. Na minha carreira científica foi um passado maravilhoso que eu tenho, que eu nunca tive um problema com ninguém, nem com o pessoal que não era “olimpeta”, nem com o pessoal (??). Trabalhava com todo mundo, ficava com todo mundo, nunca tive problema nenhum.

NA – Então, tá bom, encerrado.

BA – Parabéns, né?

DA – Ah, obrigada. (*risos*) Hoje em dia tem pessoas que... (*interrupção da fita*)